

REVISTA DA SEMANA

N. 51 — 27-12-58 Cr\$ 10,00 em todo o Brasil



Respondem os dez mais:
**QUAL O MELHOR NATAL
DE SUA VIDA ?**

VÔOS DIÁRIOS PARA O NORTE

em SUPER
CONSTELLATION DE LUXO
ou CONVAIR



Segundas e Quintas às 20:00 hs.	SUPER CONSTELLATION RIO - RECIFE - FORTALEZA
Terças e Sextas às 18:30 hs.	SUPER CONSTELLATION RIO - BELÉM
Segundas, Quartas e Sextas às 12:00 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - ARACAJU
Terças e Sextas às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - MACEIÓ - RECIFE - JOÃO PESSOA - NATAL
Quartas às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - NATAL - FORTALEZA - SÃO LUIZ - BELÉM
Quintas às 14:00 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR
Sábados às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - FORTALEZA - SÃO LUIZ - BELÉM
Domingos às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - NATAL - FORTALEZA

VARIG prop

Serviço da mais alta classe * Almoço e jantar quentes a bordo



...e a
tradicional
cortezia

VARIG



REVISTA DA SEMANA

Ano 50 — N.º 51 — Rio, 27-12-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

CAPA

Maria Helena (Ektachrome Alberto Ferreira)

REPORTAGENS

Que Natal lhe deixou maior lembrança?....	4
A um passo da Eternidade.....	14
Natal do Viajante	33
Tudo isso é obra do coração.....	44
Rubem Braga e Paulo Mendes Campos.....	51
Rossini Perez inventa árvores de vidro.....	63

POLÍTICA

Trapézio	12
----------------	----

CINEMA

Liz, mais gata que nunca	21
--------------------------------	----

SOCIAIS

Kaleidoscópio	24
As Verdades de Mariuzinha Maranguape.....	58

NOVELA

Coroinha (11)	28
---------------------	----

MODAS

Em Moda na Cidade Luz	36
-----------------------------	----

CONTO

Outra véspera de Natal	40
------------------------------	----

TEATRO

Estúdio 53 apresenta em 58 Exposição 35.....	38
--	----

SEÇÕES

A Revista há 50 anos	26
Humor (Mauro Ivan)	54
Puxe pelo Cérebro	56
A semana deixou também estas lembranças.....	59

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior. Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00. — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chingaglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas nº 302 — 19º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro

Natal, esta semana. Que seja muito feliz aos nossos leitores. E na capa temos uma bela árvore de Rossini Perez — natalina goiabeira de vidro — e Maria Helena (pintora), linda ornamentação sob todos os pontos de vista.



CONTATO

RACHEL de Queiroz (literatura de ficção), Cecília Meireles (poesia), Oswaldo Goeldi (artes plásticas), Tônia Carrero (teatro), Dom Helder (religião), Sérgio Bernardes (arquitetura), Garrincha (futebol), Stanislaw Ponte Preta (humorismo), Almirante (rádio), Teresa Sousa Campos (sociedade) — são as dez grandes personalidades escolhidas pela R.S. para dar os seus depoimentos sobre o Natal — depoimentos que se encontram na reportagem intitulada “Que Natal lhe deixou maior lembrança?”, que abre o presente número.

ENQUANTO chega ao seu comovente desfecho a novela de Renard Perez — “Coroinha”, o romancista Jorge Amado recorda, líricamente, para os leitores da Revista, os Natais passados em suas andanças pelo estrangeiro — França, Rússia, China, Tchecoslováquia — pondo-os em contraste com os longínquos natais de sua infância em Ilhéus; e o contista Marques Rebêlo, apresenta uma de suas páginas famosas — trabalho bem representativo de suas qualidades de mestre da história curta: “Outra noite de Natal”.

AINDA em homenagem às festas natalinas, apresenta a Revista, em suas páginas finais — “Natal da Era Astronáutica: Rossini Perez inventa árvores de vidro” — reportagem fotográfica de Alberto Ferreira sobre a bela exposição de ornamentos de Natal que o jovem gravador está apresentando na Galeria Gea, em Copacabana.

“STUDIO 53 apresenta em 58 a Exposição de 35” — reportagem a respeito da peça que está sendo atualmente levada em Botafogo, na “União das Operárias de Jesus”; chegada do coronel inglês Peter Townsend, a fim de filmar cenas do Rio e de Brasília para o documentário que está realizando para a França; fase final do movimentado campeonato carioca de futebol, que deu, no último domingo, a sensacional vitória ao Flamengo; première mundial no Teatro Municipal do Rio de Janeiro da ópera de Vila Lôbos — Mihzat — são ainda algumas matérias que a R.S. apresenta neste presente número.



RACHEL: Sinto dificuldade em descobrir minha melhor recordação de Natal. Já confessei certa vez que não tenho tido sorte no mês de dezembro.

RESPONDEM OS DEZ MAIS :



D. HELDER: Chegar ao Natal sem sombra de ódio, ressentimento ou frieza no coração.

QUE NATAL LHE DEIXOU MAIOR LEMBRANÇA ?

TEMOS AQUI uma reportagem sobre o Natal. Cada pessoa tem suas lembranças especiais do dia de Natal — umas mais outras menos felizes, umas sobre a própria Festa, outras sobre acontecimentos alheios à data, mas nela ocorridos. Recordações de presentes da infância, da grande e irmanada mesa da ceia, da missa do Galo, de gente querida que se reúne. A RS realizou uma enquete de Natal com algumas das figuras mais representativas, no Brasil, em seus respectivos setores. Igualmente figuras que, no presente ano, por diversos motivos, estiveram em grande evidência. Na literatura, Raquel de Queiroz e Cecília Meireles — dois dos maiores nomes das nossas letras — a primeira na ficção e a segunda

na poesia. Nas artes plásticas, Oswaldo Goeldi, o maior dos nossos gravadores. No futebol, o incrível Garrincha. No teatro, a bela Tônia Carrero. No humorismo, Stanislaw Ponte Preta — Sérgio Porto em sua certidão de nascimento. Na arquitetura, Sérgio Bernardes, laureado em Bruxelas pelo projeto do pavilhão brasileiro da "Expô". Na sociedade, Teresa Sousa Campos, a elegante parte feminina do casal 20 do nosso "café-society". No rádio, o incrível, fantástico, extraordinário Almirante. E finalmente, na Religião — Dom Helder Câmara, Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, e o grande chefe da Cruzada São Sebastião. Eles aí estão para falar do Natal mais lembrado de suas vidas.



CECILIA: Naquele tempo havia noite. E a minha babá dizia: Preste atenção... Está ouvindo? São as pastorinhas!



GARRINCHA: Tinha muito vinho, castanhas dia de Natal. Houve até um baile.

QUE NATAL LHE DEIXOU...

LITERATURA (FICÇÃO): RACHEL DE QUEIDOZ

SINTO DIFICULDADE em descobrir minha melhor recordação de Natal. Já confessei certa vez que não tenho sorte no mês de dezembro — o que aliás é uma injustiça, pois entre tôdas as festas da cristandade me parece esta a mais adorável: realizada ao redor de um berço e o seu Menino. Tôda a inocência do mundo, tôda a ternura, parece que se concentram nas festas do Nascimento, naquela apêlo de “paz e boa vontade” que nos fazem os anjos.

Na minha terra é êsse o tempo dos papangus, que é como se chamam por lá os reisados. E das pastorinhas e dos leilões. Contudo é também um tempo de angústias e esperanças, pois no mês de dezembro, mormente a 25, pelo Natal, já pode ter havido a decisão do inverno. E os homens e mulheres ficam de olhos no céu, espreitando um clarão de relâmpago, um torreão de nuvens, mal comparando até parecem os reis Magos, à procura da estrela de Belém...

Mas agora, que tenho um neto, ando com grandes projetos para o Natal. Quero que quando êle estiver homem, sentindo-se can-

sado, encalorado, um pouco só, talvez, neste agreste dezembro da sua terra, se volte para trás e recorde com saudade e ternura do que era o Natal na casa da velha avó dêle. Avó que, a êsse tempo, se Deus quiser, estará descansada e bem fagueira, de ossos brancos debaixo do chão...

DOM HELDER CAMARA:

Uma criança comentou: “Jesus faz anos e os presentes não são Dêle: são da gente”.

Fiquei pensando em presentes que teriam especial encanto para êle. Dois exemplos entre outros: chegar ao Natal sem sombra de ódio, ressentimento ou frieza no coração; lembrar-se de que o pobre é Jesus Cristo e de que dá a êle quem dá ao pobre.

LITERATURA (POESIA): CECÍLIA MEIRELES

Naquele tempo havia noite. E a minha babá dizia: “Preste atenção... Está ouvindo? São as pastorinhas! Vamos ver o Presépio!” E como havia noite, os caminhos pareciam sobrenaturais, assim



nozes, — tudo aquilo que nunca falta num **TERESA:** Dizer do meu Natal mais feliz, relatar exatamente um só em tantos seria impossível.

escurecidos, e as ruas ficavam diferentes, com as janelas iluminadas. Todas as pessoas pareciam felizes, cordiais, bondosíssimas. Tudo parecia mesmo mudado, entre o céu e a terra. E a babá me dizia: "Pois é o Natal!..." E eu ia caminhando como sobre aquelas palavras: "É o Natal... É o Menino Jesus... Você vai ver a coisa mais linda do mundo!"

E a coisa mais linda do mundo era o Presépio, com aquelas águas que corriam e os patos que nadavam e o ferreiro que batia e o moinho que ia rodando, e aquela porção de cidades, uma por cima da outra... — Belém, Nazaré, Jerusalém... E as pastorinhas que dançavam, todas de branco, tão vaporosas como as bailarinas de Degas.

Naquele tempo não havia Papai Noel nem crianças ávidas de presentes. Éramos mais simples, mais ingênuos. Que presente recebi jamais comparável àquela noite, àquela voz humilde e afetuosas que me dizia: "Você vai ver a coisa mais linda do mundo..." — àquele Presépio, àquelas pastorinhas de cestinha no braço...? (Era o Natal, era o Menino Jesus, era o juramento íntimo de crianças e adultos de serem bons, se não por toda a vida, pelo menos o ano inteiro...).

FUTEBOL: GARRINCHA

O dia de Natal é um dia em que nos sentimos felizes de estar juntos, toda a família, festejando. O Natal que mais gostei em toda a minha vida foi aquele que passei, pela primeira vez, em companhia da que hoje é minha esposa. Nos conhecíamos só há dois meses e era também a primeira vez que ia à sua casa, e nesse dia obtive o consentimento de seu pai para namorá-la. Tudo correu bem por cento e a festa de Natal estava completa. Tinha muito vinho, nozes, castanhas, tudo aquilo que nunca falta em dias de Natal. Houve até um baile. Eu estava na minha terra, onde tenho até hoje grandes amigos. Meu sogro é um dos maiores deles. Este ano pretendo passar o Natal com todos os meus, minha esposa e as quatro garotas. Pode ser que em 59 seja um garoto — o caçula — o mais novo membro da família a festejar a chegada de Papai Noel.

SOCIEDADE: TERESA SOUSA CAMPOS

Dizer do meu Natal mais feliz, relatar exatamente um só, em tantos e tão diferentes circunstâncias seria impossível.



TÔNIA: O melhor Natal, precisamente, não me lembro. Tive uma infância muito feliz.

QUE NATAL LHE DEIXOU...

Quando criança, todo Natal, meus irmãos e eu ficávamos alvoroçados vários meses antes desta data mágica do catolicismo que, para nós, traduzia-se em maravilhosos pinheiros decorados com enfeites e luzes, na Missa do Galo, na Ceia com nozes e castanhas, para finalmente dormir e acordar no dia seguinte ansiosos para ver ao lado de nossos sapatos deixados à porta, na véspera, lindos presentes!

Depois... Creio que o mais maravilhoso Natal que passei foi quando pude transmitir ao meu filho tôdas as mesmas sensações e surpresas, bondade e felicidade.

ARQUITETURA: SÉRGIO BERNARDES

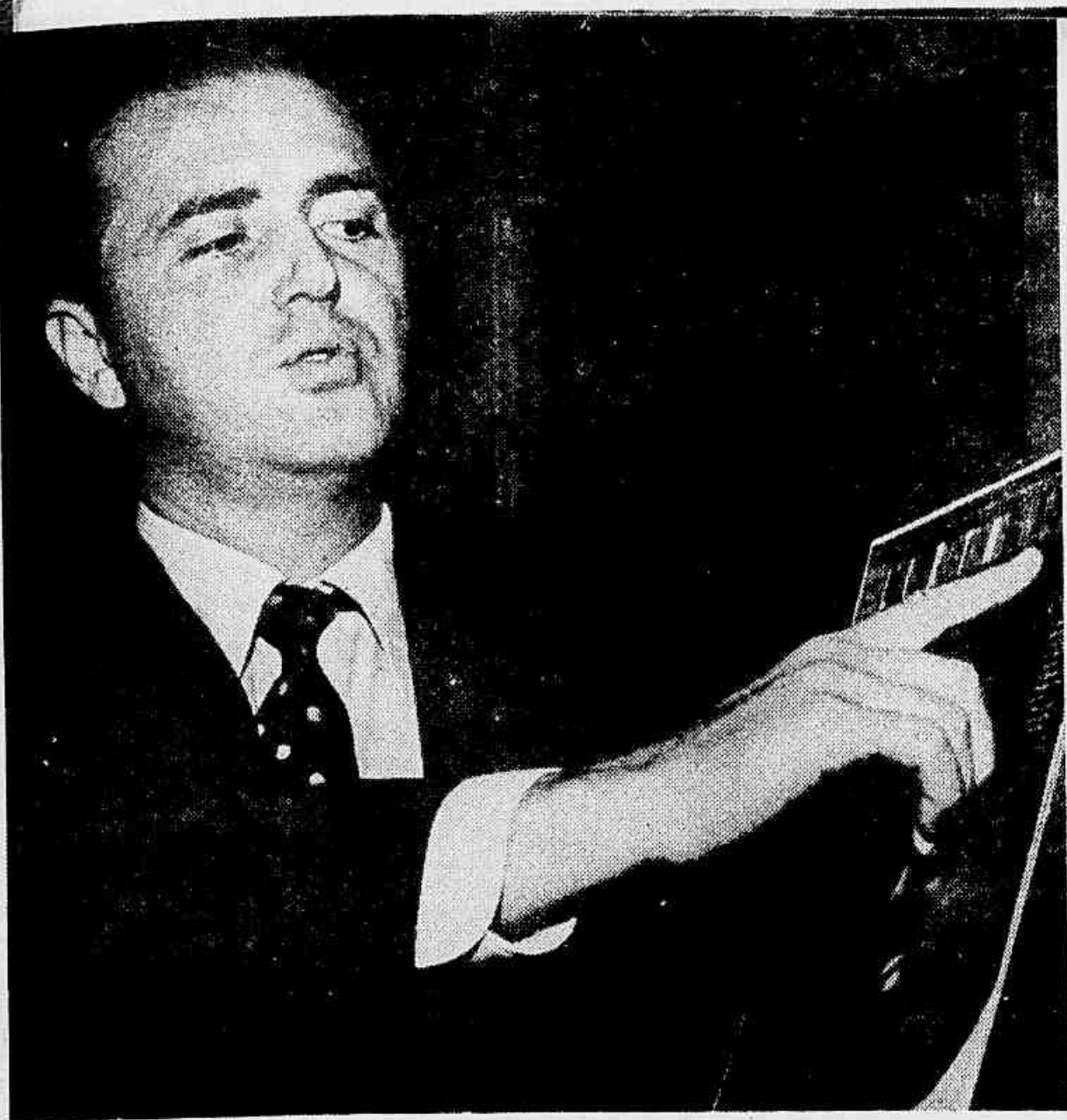
O Natal e outras festas semelhantes, dependem muito da idade que se tenha para interpretá-las, e ele hoje representa para mim o que na infância não representou. Naquela época, era um dia de ganhar presente. Hoje, é uma promoção do comércio, uma festa de índio, na base da troca. Mas é uma festa que deve ser mantida, porque é de sentimento, de aproximação. Isso, sob um prisma. Sob o outro, porque é uma festa de encerramento de ano, e nascença de novas esperanças.



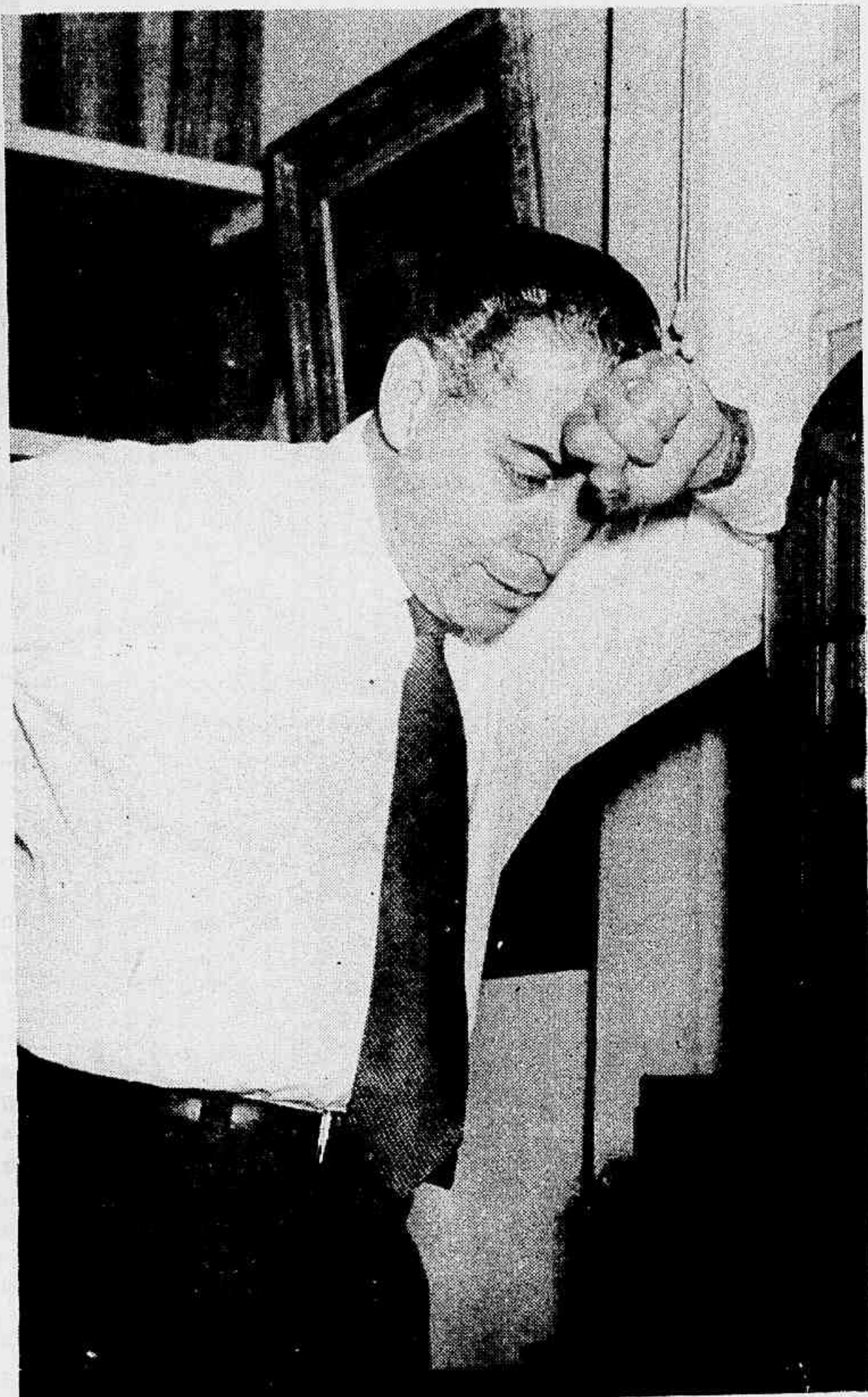
BERNARDES: O Natal e outras festas semelhantes dependem muito da idade que se tenha para interpretá-las.

HUMORISMO: SÉRGIO PORTO (STANISLAU PONTE PRETA)

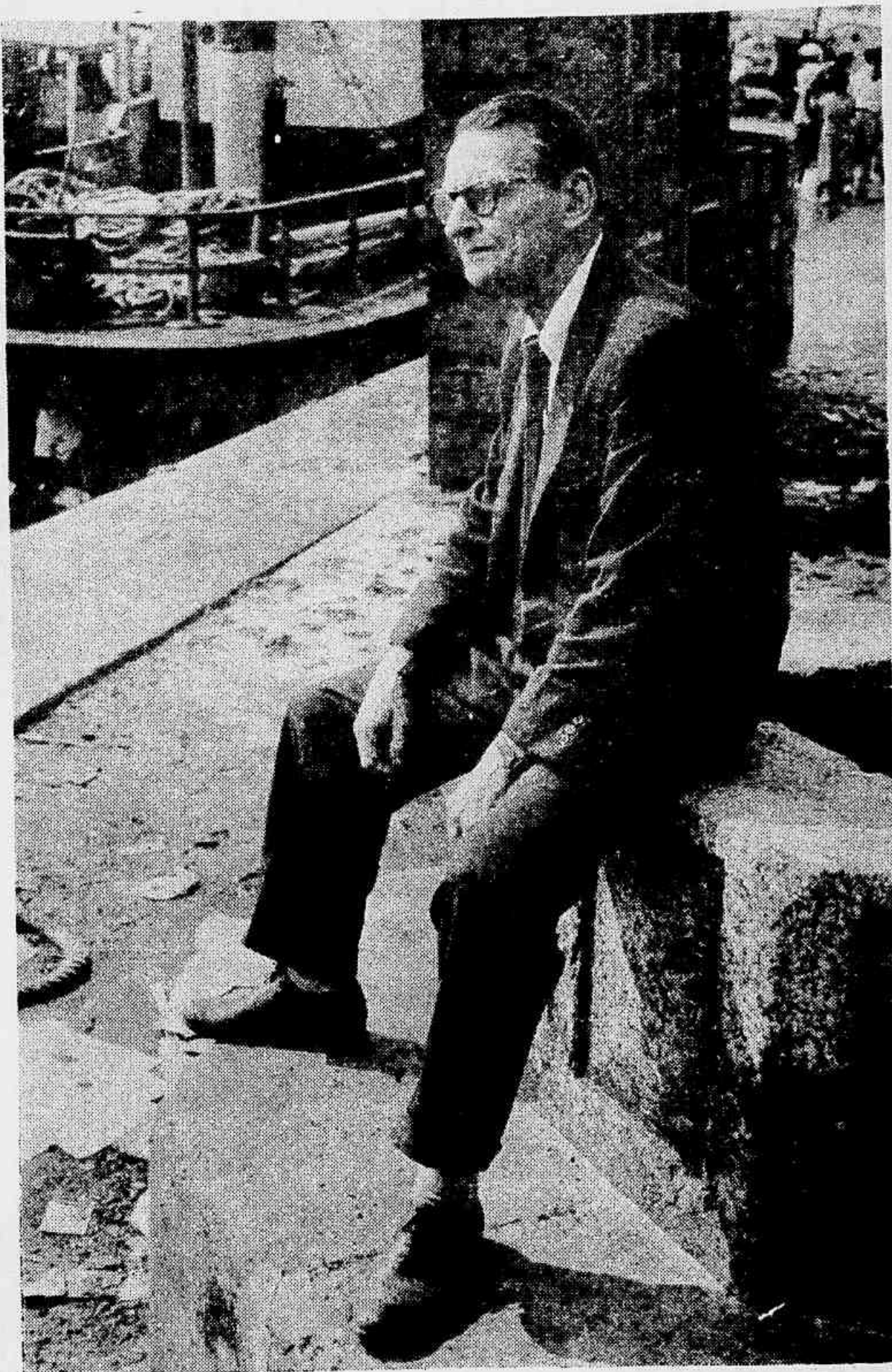
Qual o mais alegre natal de sua vida? A pergunta não é nova para mim. Muitas vezes eu me tenho perguntado a mesma coisa mas só agora, quando o repórter me fez a pergunta, descubro porquê. O Natal nos traz uma certa melancolia, uma tristeza que procuramos esconder com sorrisos, abraços, felicitações. A família reunida para comemorar, mas também para lembrar alguém que no ano passado, ou há muitos anos, também esteve conosco e não estará nunca mais. No Natal e no Ano Bom nós todos nos desejamos coisas para o futuro mas cada um de nós, particularmente, fica a lembrar o que passou. É por isso, há de ser por isso, que em todos os Natais eu me pergunto qual foi o mais feliz de todos e só me descubro alegre na infância. Graças a Deus que todos nós tivemos o direito a uma infância, pois é lá que vamos encontrar o nosso Natal mais feliz. Lá é fácil encontrá-lo. A menina que mereceu a boneca longamente sonhada, o garoto que abriu uma caixa e encontrou o trenzinho pedido... Então sinto que o meu Natal mais feliz foi aquele em que descobri que Papai Noel não existia. Vi quando meu pai entrou no quarto e colocou a bicicleta junto à minha cama. Que importava morrer ali a ilusão do Papai Noel, se eu ganhava, enfim, a bici-



SÉRGIO (Stanislau): O meu Natal mais feliz foi aquele em que descobri que Papai Noel não existia.



ALMIRANTE: O melhor Natal é justamente este, porque entro na posse definitiva de meu sonhado apartamento.



GOELDI: O Natal de que falo não foi o melhor. Mas o que me deixou mais profunda lembrança.

clata? E que importava também a bicicleta se eu acabava de descobrir que era meu pai que me fazia feliz todos os anos?"

RADIO: ALMIRANTE

O melhor Natal é justamente este, porque em dezembro entro na posse definitiva do meu sonhado apartamento "Salão Arquivo". É assim, pois, o Natal de 1958, verdadeiramente incrível, fantástico, extraordinário.

TEATRO: TÔNIA CARREIRO

O melhor natal, precisamente, não me lembro. Tive uma infância muito feliz e a alegria do Natal então sempre presente se renovou quando nasceu meu filho. Este ano terei uma experiência nova: vou passá-lo com Celi nos Estados Unidos, onde dizem que a festa é linda, e estou ansiosa pelas surpresas que me reserva. Mas levo a tristeza de passá-lo longe de meus pais e pela primeira vez, sem ter meu filho comigo.

ARTES PLÁSTICAS: OSWALDO GOELDI

O Natal de que vou falar — ocorrido pela altura de 1927 — não foi o melhor de minha vida. Mas foi, pelas circunstâncias

CIA. DE SEGUROS MINAS-BRASIL

Fundada em 1938

Capital e Reservas: Cr\$ 252.310.932,80

Sede: — Av. 13 de Maio, 23, andar 23º — Ed. Darke.
Sucursal Rio: Caixa Postal, 3294 — Tel.: 22-1844 (rêde)

DIRETORIA:

Dr. JOSÉ OSWALDO DE ARAUJO
Dr. CARLOS COIMBRA DA LUZ
Dr. AGGÊO PIO SOBRINHO
Dr. JOSÉ MAGALHÃES PINTO

RAMOS EM QUE OPERA

VIDA (Individuais e Coletivos) — INCÊNDIO — ACIDENTES DO TRABALHO — ACIDENTES PESSOAIS (Individuais e Coletivos) — TRANSPORTES (Terrestres, Marítimos e Aéreos) — RESPONSABILIDADE CIVIL e LUCROS CESSANTES.

SUCURSAIS: RIO DE JANEIRO, Av. 13 de Maio, 23 — S. PAULO, Rua 24 de Maio, 208 — BELO HORIZONTE, Rua Curitiba, 656 — PORTO ALEGRE, Rua dos Andradas, 1284 — RECIFE, Av. Dantas Barreto, 564 — CURITIBA, Rua 15 de Novembro, 575.

AGÊNCIAS GERAIS: NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: **BRAMINAS**



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

QUE NATAL LHE DEIXOU...

especiais em que se deu, o que me deixou mais profunda lembrança. Naquela época eu tinha um amigo — Figueiroa, um rapaz mexicano, caricaturista — excelente caricaturista, aliás, que trabalhava para vários jornais do Rio, entre outros, "A Manhã", de Mário Rodrigues. Figueiroa era um dos sujeitos mais bem pagos pelo Mário, mas, bebedor inveterado, deixava nos bares tudo o que ganhava, inclusive as próprias roupas, como êmpenho. Tomava carraspanas tremendas que não raro acabavam em complicações na polícia, de onde ia tirá-lo seu irmão, funcionário da embaixada. Era um grande amigo meu, gostava de fazer a minha caricatura, mas nunca conseguiu — porque, nos dias que marcava para fazer o trabalho, sempre estava de pileque. E bebia a tal ponto, e fazia, nos pileques, tais façanhas que chegou a ser tomado como louco furioso e internado no Hospício da Praia Vermelha...

Um dia, passando pelo mercado das flores, dei de cara com Figueiroa: terno de linho, óculos escuros, bengala de junco, chinelo esporte de fibra. Como o sabia internado, a princípio não o reconheci, mas o rapaz me chamou:

— Goeldi!

Era ele, realmente. E, diante do meu espanto, esclareceu:

— Meu velho, me deram alta do hospício! Graças a Deus! Porque se eu me demorasse lá mais algum tempo, acabava ficando mesmo doido! Imagina você que eles quiseram dar-me umas injeções! Mas eu, que já estudei medicina, reagi! Expliquei ao médico que era alcoólatra, mas não era louco, e que, com tal tratamento, não havia dúvida nenhuma de que acabaria ficando. O médico acabou por me ouvir. Informei-lhe então que havia, no Hospício, mais três no meu caso. E ele então resolveu reunir todos os internados e fazer a pergunta:

— Quem não está satisfeito aqui dentro, quem acha que não deve continuar aqui, levante o dedo. Eu levantei o meu, com mais três... e estou aqui...

Era, justamente, na véspera de Natal. Então Figueiroa virou-se para mim:

— Não podemos deixar de festejar o Natal. Vamos a um bar!

Acompanhei-o, sentamos no "Bar das Flores", ali perto. Figueiroa pediu vinho do Pôrto, e dois copos. E começamos a beber. Com o passar do tempo, e com novos copos de vinho, o rapaz começou a ficar sentimental. Contou sua vida, sua mocidade no México, onde fôra revolucionário, a história complicada de um amor. Caiu a noite, e nós ainda estávamos ali. A certa altura, convidei-o a levantar. Mas Figueiroa queria beber mais. E me abraçou, já alto:

— Você é meu irmão. Tem que me acompanhar...

E chorava, e voltava a relembrar sua mocidade no México, o seu amor, a revolução. Começava a engrolar as palavras, misturar as histórias. E eu, já meio grogue, a desesperar. A noite descera, o Natal vibrava lá fora, e nós ali, no barzinho, copo atrás de copo. Era o Natal mais absurdo por que já tinha passado. Queria ir embora, ver gente, mas os lamentos do colega, no seu pedido de solidariedade me retinham. E ficava ali, a ouvir-lhe, pela décima, pela vigésima vez as histórias de sua revolução e de seu amor infeliz. Finalmente alta noite, o garção apareceu com a conta. Era um despropósito. Figueiroa não tinha dinheiro para pagar — nem eu, naturalmente. Então ele deixou, como penhor, a sua capa de gabardine...

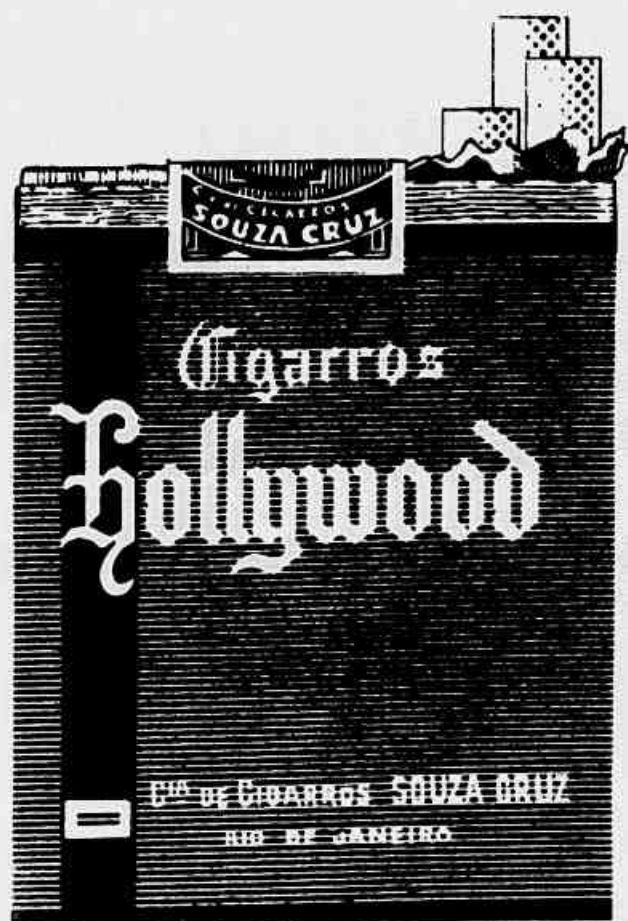
Recordo-me de nossa saída pela madrugada, entre abraços efusivos, baqueando ao longo da rua Buenos Aires, depois pela Avenida. De repente, Figueiroa deu um pulo — e sumiu-se entre os carros...

E assim se acaba essa história diferente de Natal. Mas a de Figueiroa vai mais adiante. Depois daquele encontro, passei longo tempo sem ter sequer notícias suas. Um dia, na Avenida — quase no mesmo ponto em que o vira desaparecer na noite de natal, vi um ajuntamento, uma ambulância, um corpo coberto de sangue estendido no asfalto. Aproximei-me. Era Figueiroa. Morrera atropelado, em pleno pileque. Do jeito como viveu...



quase um sonho... ficar assim
em silêncio, ouvindo música,
fumando

hollywood



Uma
tradição de
bom gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES

JK: Salomão petrolífero

Preços sobem, governo não cai

República de pijamas

DEGOLADOS: ALEXÍNIO E JANARI. JK fez Justiça de Salomão na contenda do Coronel José Alexínio Bittencourt com o Coronel Janari Nunes, por causa da Petrobrás e do petróleo. Degolou os dois. Indo mais além (de acordo com seu temperamento impulsivo) do que o rei bíblico. Diz-se que teve pena em degolar Janari. Mas não quer se aborrecer com brigas no governo.

LUCAS LOPES NOS (E CONTRA) OS STATES — Enquanto isso Lucas Lopes, em que os "nacionalistas" viam o papa do "entreguismo", foi para os Estados Unidos. Fazer conferências. Em que, junto com Roberto Campos, criticou a política dos Estados Unidos na América Latina. "Ninguém entende mais ninguém", dizia um velho político mineiro. "No Brasil ninguém tem posição. Talvez seja por isso que Vieira de Melo está lançando Lucas Lopes para a Presidência da República".

JK DIZ QUE NÃO ATA COM A RÚSSIA. Mas outros órgãos do governo trabalham para o reatamento. Enquanto outros trabalham para não atar. E desatar.

PREÇOS SUBINDO, GOVERNO ESPIANDO. Os preços brasileiros foram convidados a uma estação em Cabo Canaveral, e aceitaram. Só podem viver em grandes altitudes. Por isso mesmo, Papai Noel vai visitá-lo previamente, de helicóptero, antes de descer no Rio. O congelamento, para eles, é apenas uma pista leve de patinação. Mas a sorte de JK é um fato. Ninguém quer nada com brigas catastróficas. O povo grita. Mas o Governo fica.

UMA REPÚBLICA DE PIJAMAS. Eis a que chegamos. Nas classes armadas, cada qual pode ter a esperança de ser Marechal, em casa e de pijama. Nas classes civis, caminhamos para a aposentadoria de todos os servidores como Ministros. E nos grupos de representação política, vamos ter os ex-Presidentes como conselheiros honorários (mas remunerados) da República e deputados aposentados com indenizações mensais pelo ostracismo...



Janari.



Tamura.

JURACY DORME NA PONTARIA

DORMINDO A BORDO DO "AUGUSTUS" e, depois, do "Brasil", Juracy Magalhães foi para a Argentina e já voltou para a Bahia. Aqui, não poderia dormir. (É madrugador e jovial, dizem. Ninguém o encontra com cara de sono e desde muito cedo está na rua).

Na verdade, Juracy foi dormir na pontaria. As circunstâncias e uma longa linha estratégica que vem seguindo com notável eficiência colocaram como alvo no seu caminho a Presidência da República, depois de lhe terem restituído, em maciça votação, o Governo da Bahia. Juracy foi pensar nessas e noutras responsabilidades que emergem para a UDN. Esta se mostrou capaz de sensibilizar as massas ("sua eleição é uma prova", vide entrevista que me concedeu no número anterior da REVISTA DA SEMANA) atraindo os trabalhadores das profissões mais diversas, porém enfrenta a perspectiva de dois anos até as novas eleições com a tentação da aliança com JK e a possibilidade de erros que afastem ou não aumentem essa adesão das massas proletárias.

O nome do Presidente da UDN aparece, há quinze dias, nas conversas políticas, como o elemento indicado para reunir UDN e PSD numa grande aliança centrista, cujo primeiro resultado seria a contenção da avalanche antipartidária simbolizada na aspiração do Governador Jânio Quadros ao Catete. Até aonde pode ir, nessas conversas — que podem parecer prematuras mas o próprio Juracy Magalhães declara que correspondem a uma "aspiração geral do Partido" — o tempo dirá. Mas os amigos de Juracy, enquanto ele dorme na pontaria, velam por ele e dizem que Juracy é corredor de fundo, tem muito fôlego e já está disparado na corrida pelo Catete.

SÃO PAULO: VITÓRIA DOS CANDIDATOS LOCAIS

DISSE-ME YUKISHIGUE TAMURA, deputado que representa a colônia japonesa de São Paulo, durante um encontro no Itamarati:

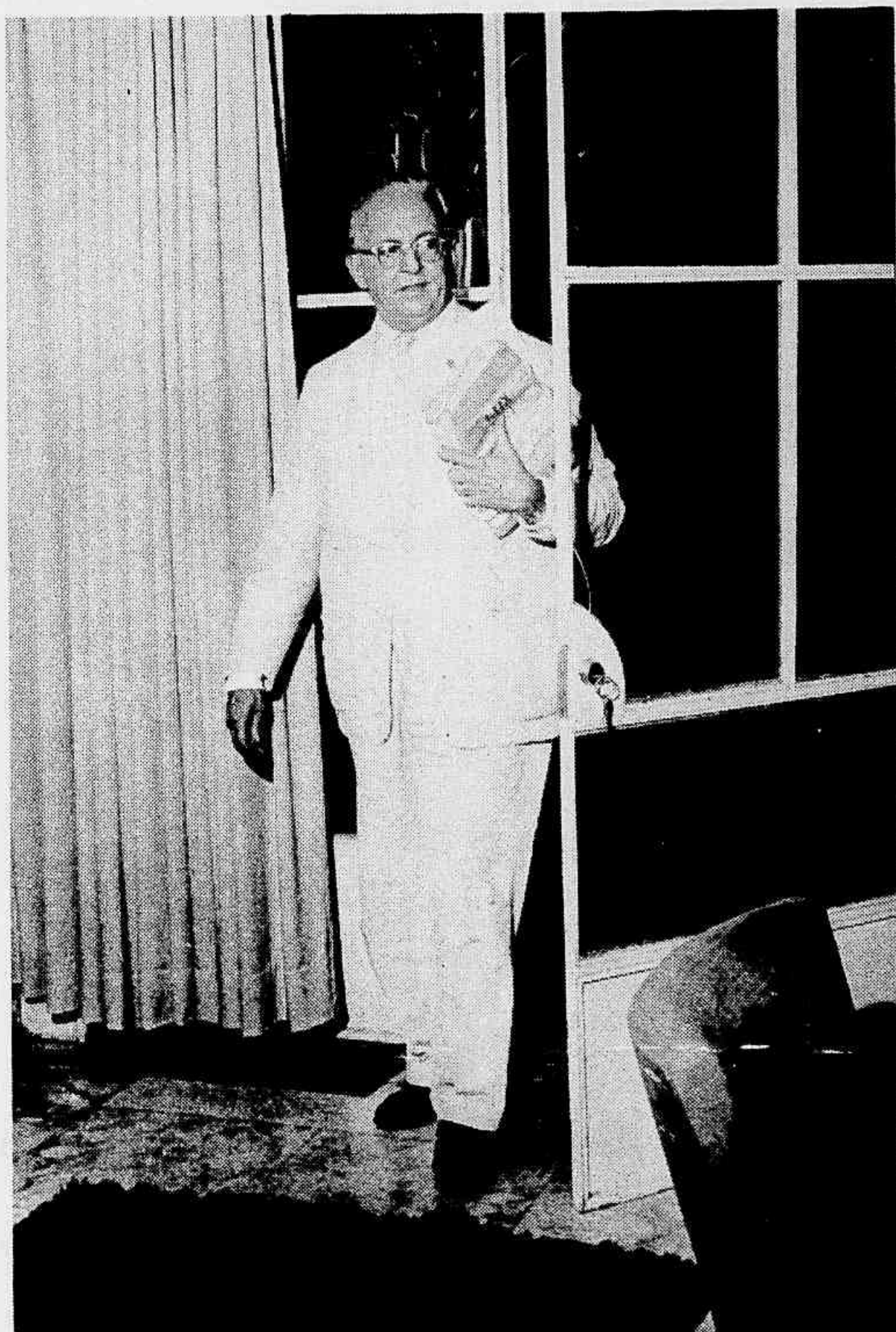
— Pois é, em São Paulo, mesmo a lei não tendo estabelecido o voto por circunscrição, o povo fez a lei por sua conta. Venceram sempre os candidatos locais. Basta ver os mapas de apuração do Estado. Quando o candidato de outra zona chegava a uma cidade, encontrava cartazes assim: "Pode voltar. Temos o candidato local."

— E isso obedecia a uma campanha organizada em todo o Estado?

— Creio que não. O povo preferiu fazer uma afirmação de seu espírito localista, certo de que assim poderia vigiar melhor e cobrar mais de perto as promessas de seus representantes. Foi uma vitória do espírito municipalista. Aliás, a vitória de Carvalho Pinto é uma vitória municipalista, um municipalismo que veio de cima para baixo mas se misturou com as conveniências de cada comunidade, através de obras e serviços públicos, mas foi uma afirmação municipalista. Carvalho Pinto realizou um programa administrativo na Secretaria da Fazenda à base do fornecimento de recursos financeiros e da execução de grandes obras no interior. Em acôrdo direto com os Prefeitos, que ficavam com tôdas as glórias. Na hora da eleição, os Prefeitos estavam prestigiados pelas populações, satisfeitas com as obras. Nada mais natural que votassem no candidato que prometia a continuação desse sistema, já não mais numa Secretaria, porém no próprio Governo. Do meu ponto de vista, ainda foi outra vitória do espírito local.

DIALOGO SOBRE "O LEGISLADOR"

- Querem que ele diga o nome do "legislador" corrupto.
- Ele não pode dizer.
- Não pode dizer por que? Ele não afirmou que existe? Tem que dar nome aos bois.
- Ele não é um dono de fazenda. É um pastor. Não tem que chamar ninguém pelo nome. Espanta as más ovelhas do rebanho. Quando são muitas, dá um brado geral. Foi o que fez.
- Então, por que tôda essa gritaria?
- Deus escreve certo por linhas tortas. Se há tanta gente gritando é porque há gente demais que precisava, mesmo, de ser espantada...



Juracy.



João Cândido com os filhos e a primeira esposa que se suicidou ateando fogo às vestes.

A UM PASSO DA ETERNIDADE O NEGRO

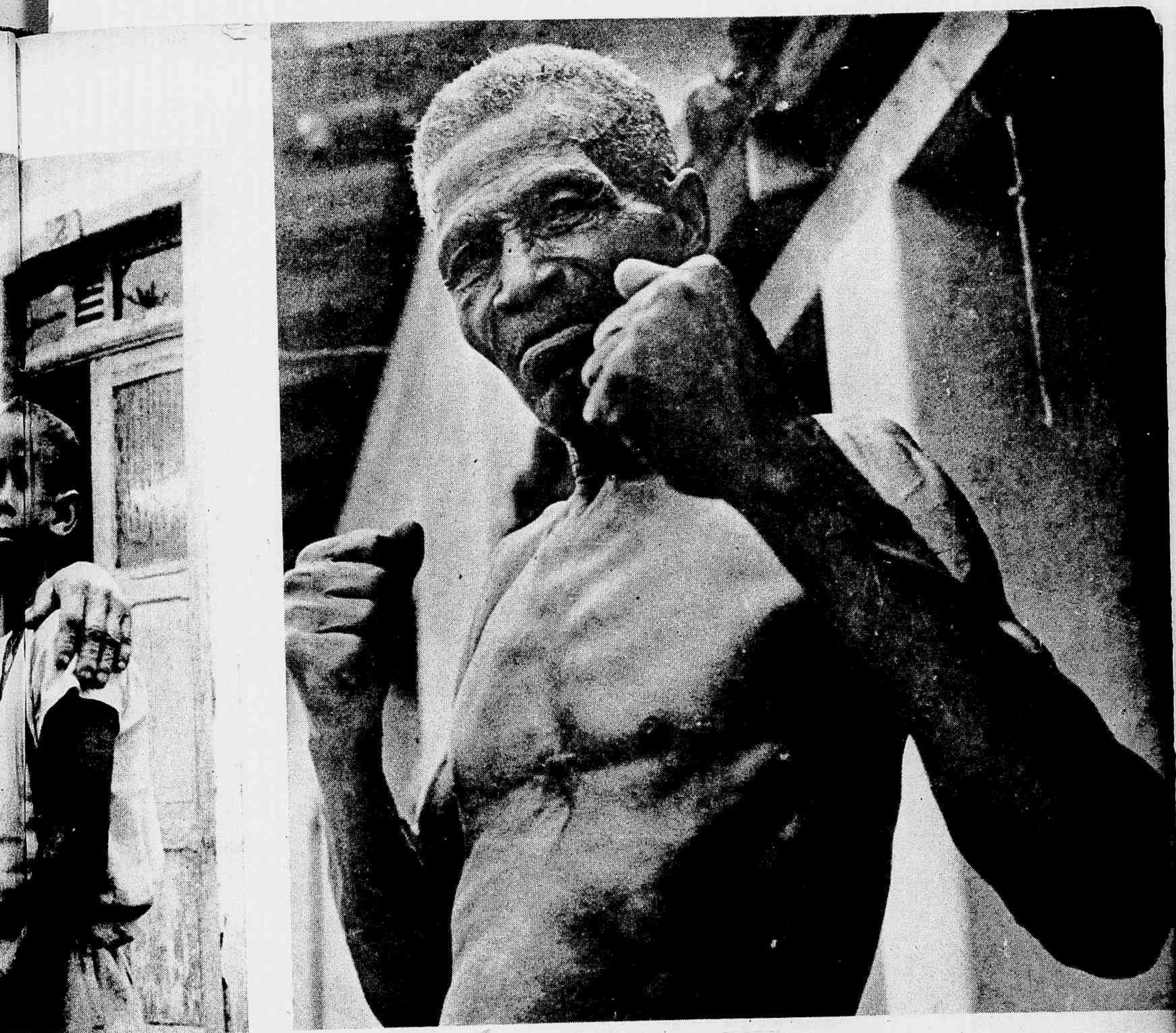
JOÃO CÂNDIDO, o chefe da Revolta na Armada contra a chibata, em novembro de 1910, agora, quase à beira do túmulo, velho e alquebrado, vivendo de biscates no Entrepasto da Pesca, na Praça 15, entrou definitivamente para a história do Brasil.

O livro "A Revolta da Chibata", de Edmar Morel, que encerra toda a história daquele motim, cujo objetivo foi acabar com os castigos corporais na Marinha, foi escrito à base de impressionante documentação. O próprio João Cândido, que acompanhou a construção do "Minas Gerais", na Inglaterra, considerado o maior navio de guerra do mundo, em 1910, e que ele comandou durante longos dias, na Guanabara, releu os originais esclarecendo pontos obscuros da intentona, inclusive aquela tenebrosa história do extermínio de marinheiros anistiados, com cal

virgem, atirada no fundo de uma masmorra cavada na rocha, na Ilha das Cobras.

DEPOIMENTO À BEIRA DO TÚMULO

João Cândido (grande amigo do repórter que ora vos escreve) está com cerca de 80 anos. Desde o levante em 1910, até hoje, é assunto. Várias vezes citado por Ruy Barbosa, Pinheiro Machado, Edmundo Bittencourt, aparecendo nas memórias de Afrânio Peixoto, com o seu nome nos Anais do Instituto Histórico e Geográfico, no Congresso Nacional, na Academia Brasileira de Letras, com o seu retrato em todos os jornais e revistas do país, é citado em vários compêndios da História do Brasil, embora



O bravo gaúcho de Rio Pardo resistiu a todos os castigos físicos e morais.

QUE VIOLENTOU A HISTÓRIA DO BRASIL

AOE RIBEIRO

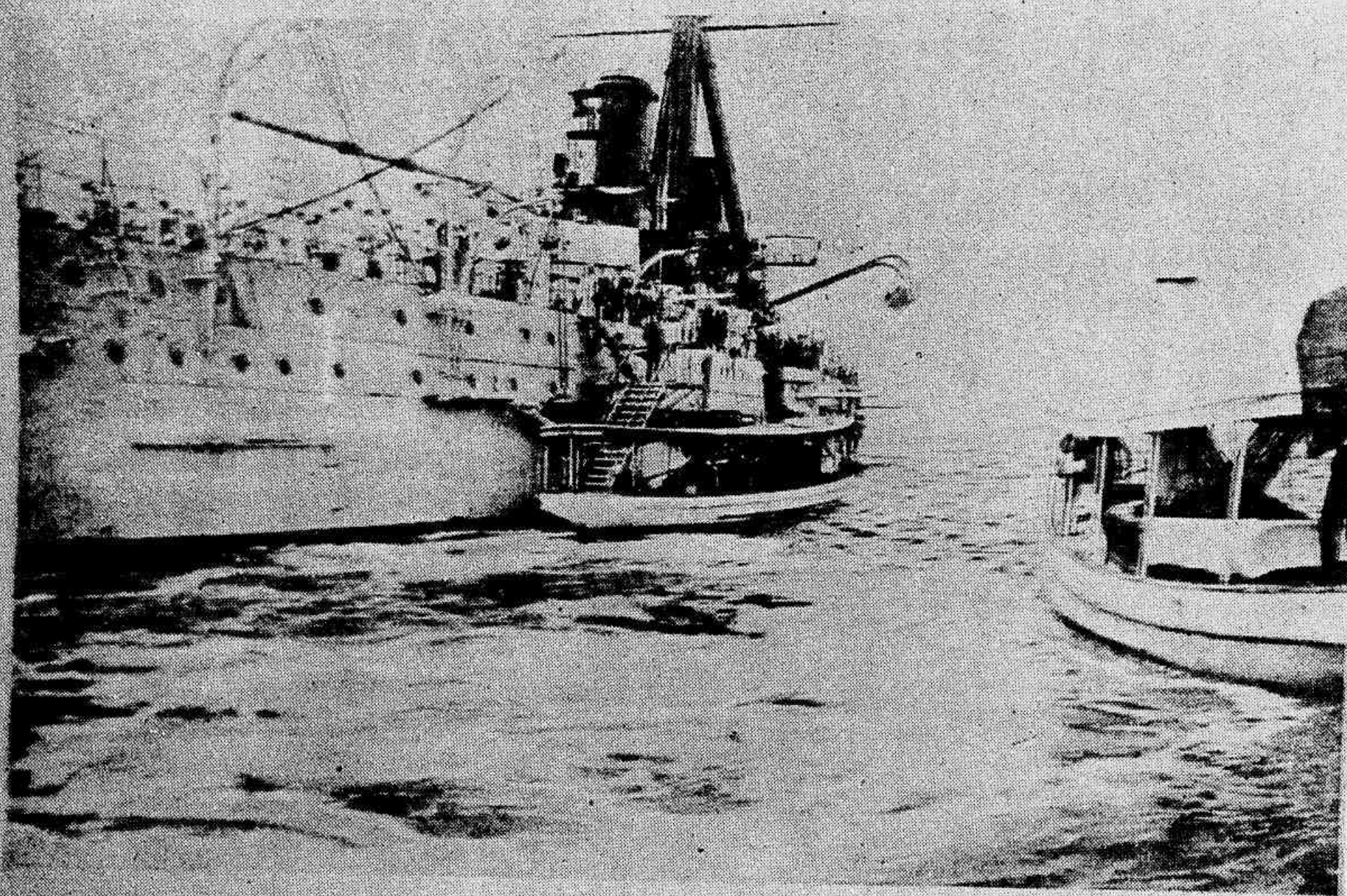
de maneira vaga. Assim o "Almirante Negro" iniciou o seu depoimento:

— "Nasci no Rio Grande do Sul, no município de Rio Pardo, onde fui criado como um potro bravo. Entrei para a Marinha com 13 anos. Nunca apanhei. Mas a chibata sempre me revoltou. Daí liderar o movimento que culminou com a vitória. Mas até hoje sofro pelo feito. Fui envolvido, perversamente, pelos acontecimentos da Ilha das Cobras, em dezembro de 1910. Ao levante dos Fuzileiros Navais não dei a minha adesão, permanecendo fiel ao governo, a bordo do "Minas Gerais". Eu era um anistiado de 13 dias. Escapei de ser fuzilado no "Satélite" e de morrer asfixiado, com cal, numa prisão subterrânea. Passei longos meses na mesma cela de Tiradentes.

Depois de dois anos de suplício, fui absolvido pelo Conselho de Guerra. Antes fui mandado para o Hospital de Alienados, como se fôsse louco.

Quando saí da prisão — adiantou João Cândido — fui procurado pelo Barão Homem de Melo, a quem prestei depoimento. Mas o livro do Barão nunca saiu. Conte tudo a Edmar Morel, que escreveu "A Revolta da Chibata" — editado pelos irmãos Pongetti — que é a minha história verdadeira. É claro que tem muita coisa que não me agrada, inclusive os torpes insultos do Comandante Luiz Autran de Alencastro Graça, do escritor Coaracy. Tudo suportei calado. Agora desabafei. Estou no fim da vida. Pobre e doente. Mas repetiria tudo que fiz, se a Marinha precisasse mais uma vez de mim. Meu nome não figura sequer

Últimos ecos da rebelião



Ao alto: a chegada do Comandante José Carlos de Carvalho a bordo do "Minas Gerais". Em baixo: marinheiros do "São Paulo", vendo-se, assinalado, Gregório Nascimento.

João Cândido, o marujo
que revoltou a Armada para acabar
com a chibata
contou tôda a história de sua vida
ao repórter Edmar Morel.



Primeira página do "Correio da Manhã", sábado, 20 de novembro de 1934.



Daqui o chefe da Rebelião "Gerais". Navio que ele ajudou a comandar nos dias agitados.

Correio da Manhã

RIO DE JANEIRO — SÁBADO, 26 DE NOVENO DE 1910

REVOLTA DOS MARINHEIROS JÁ TERMINADA

Viu a amnistia, que o presidente da
Repb. sancionou hontem mesmo

do NAS, S. PAULO,
e ODORO

que, ao meio-dia,
esnavios ao gover-
s domengens
prer a bandeira
facil

OS AS COMMANDANTES DAS



da Manhã" anunciando ao público o término da revolta: —
1910.



da Armada viu partir, vendido como ferro velho, o "Minas"
dou a construir nos estaleiros da Inglaterra e que comandou
da revolta de 1910.

ÚLTIMO CAPÍTULO DA VIDA DE UM HERÓI

no seu fichário. Mas eu a adoro. E ninguém me proíbe de querer
bem a Marinha de Guerra do Brasil.

FALA EDMAR MOREL

O repórter Edmar Morel, nome por demais conhecido dos nossos
leitores, já apresentou em livros, as biografias do Padre Cícero,
do Joazeiro, de Gago Coutinho, o aviador português que conqui-
tou o Atlântico pelos céus, do Cel. Percy H. Fawcett, o lendário
explorador inglês que desapareceu nas selvas do Brasil, em 1926
e, por fim, "Moscou, ida e volta", um dos "best-sellers" brasileiro.
Edmar por sua vez declarou:

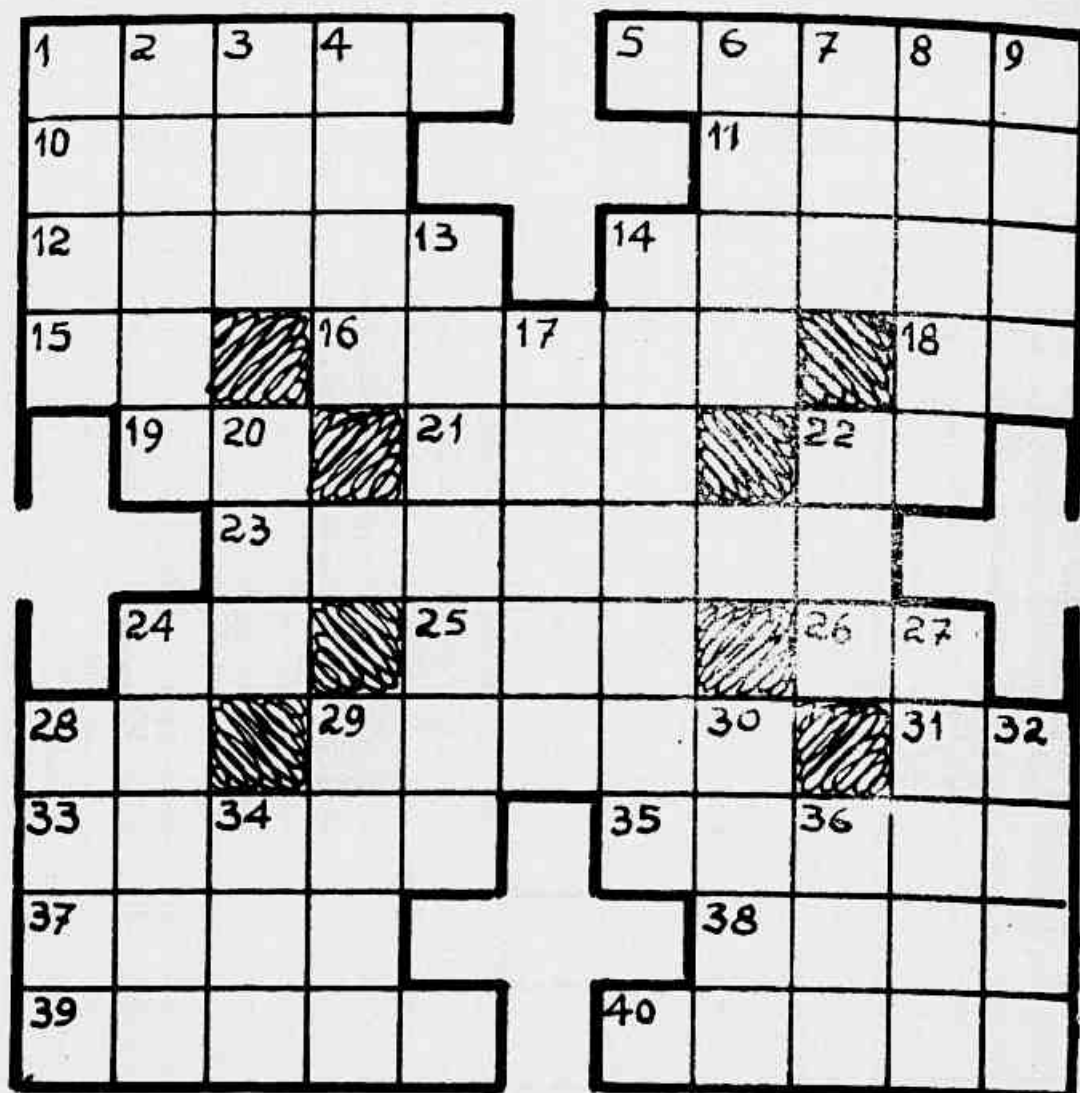
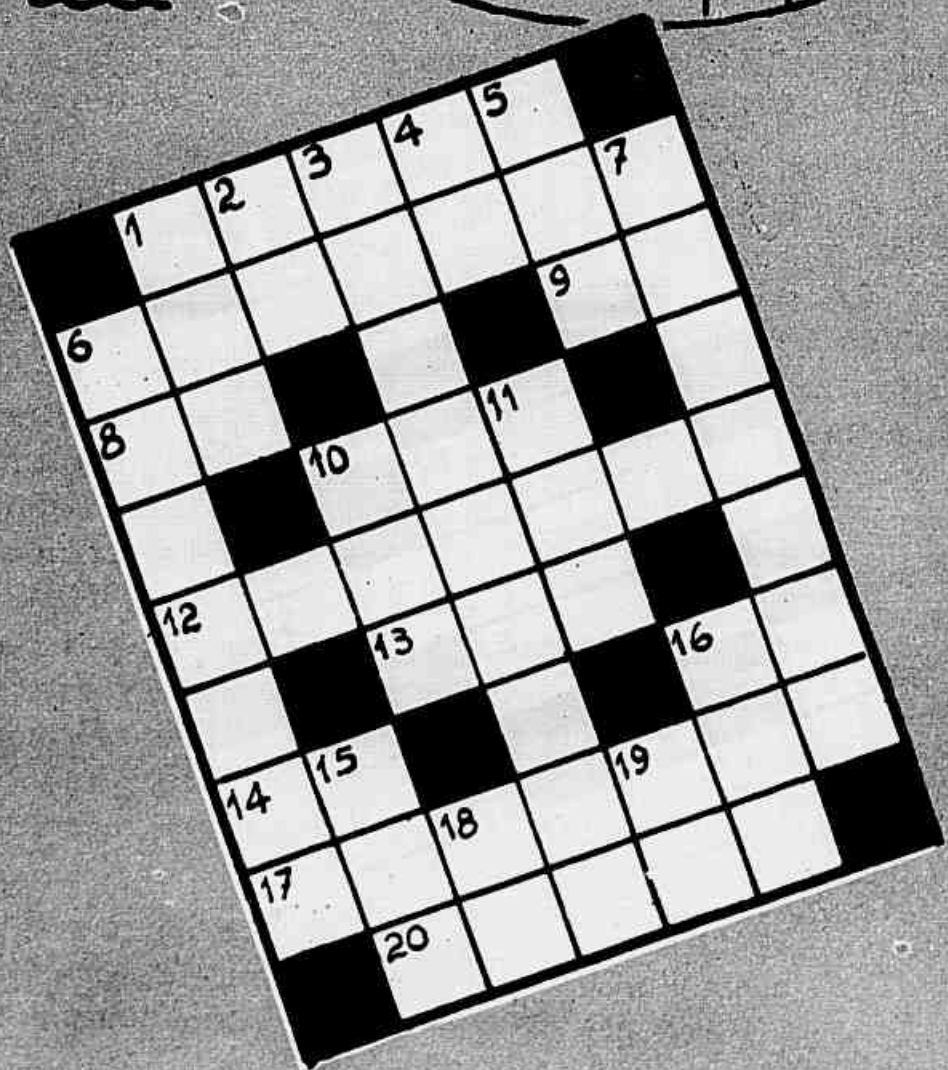
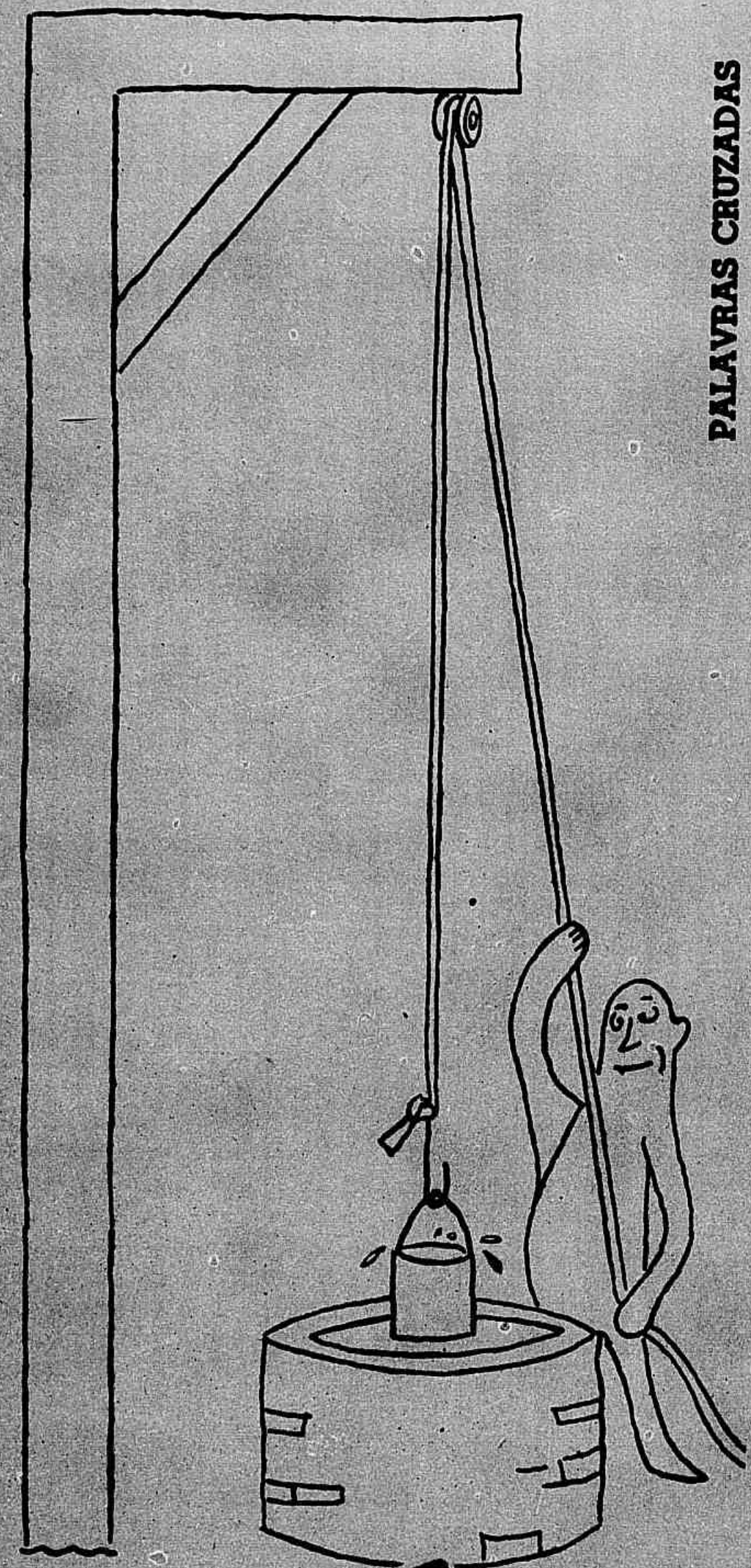
— "Escrevi o livro à base de documentos e fatos inéditos.
Muitos dos personagens ainda vivem. A revolta de João Cândido
sempre foi um tabu, aliás, inexplicável. Ninguém faz a história
de um só lado. Ouvi gregos e troianos, consultei arquivos e os
anais do Congresso Nacional, jornais da época, etc. Estudei o
assunto com interesse e cheguei, por fim, à conclusão de que João
Cândido foi simplesmente fabuloso, um forte, acima de tudo. É
um grande brasileiro.

Não tive a preocupação de agradar ou desagradar. Escrevi,
apenas, uma reportagem histórica. O público precisa saber da
verdade sobre a revolta do "negro que violentou a história",
como disse Gilberto Amado".

ATUAÇÃO DA "REVISTA DA SEMANA"

Logo após a revolta, a pena que cumpriu depois de anistiado,
e também depois de sua expulsão da Armada, pesado silêncio
caiu sobre o herói João Cândido. E por trás da tenebrosa cortina
de silêncio, os meios oficiais desenvolviam tremenda perseguição
ao "Almirante Negro". Perdeu diversos empregos em virtude
dessas perseguições. Um deles foi quando trabalhava no pequeno
barco "Antonico". O comandante dos Portos de Santa Catarina
(que esteve prisioneiro de João Cândido no "Minas Gerais", como
oficial maquinista) fez tremenda pressão junto ao proprietário
do barco até este despedir João Cândido. Um dos últimos em-
pregos a perder foi o da casa "Carlos Hoepcke & Cia.", que havia
contratado seus serviços para o navio "Ana", que necessitava de
um marinheiro de timão. O "Ana" era um misto de luxo que
fazia a viagem mensal Florianópolis-Rio. Um dia João Cândido
foi demitido. Vingança, mais uma vez, do ódio do Capitão dos
Portos local. Antes houvera trabalhado no "Ramona". Daí em
diante a sua existência passou a ser ignorada. O rebelde de
1910 era, apenas, um marujo de beira de cais, a espera de tra-
balho. Aos 46 anos, com os primeiros netos, conseguiu emprego
no Entrepasto de Pesca, na descarga; trabalho duro e mal remu-
nerado. Foi aí que Raimundo Magalhães Júnior (hoje acadê-
mico), com o seu ólho clínico de repórter, eventualmente diri-
gindo a REVISTA DA SEMANA, viu em João Cândido um grande
assunto. Mandou fotografá-lo e ouvi-lo juntamente com seus com-
panheiros de epopéia, os que escaparam da chibata, da cal virgem,
do "Satélite", etc., e fez uma grande reportagem em oito páginas
desta revista. Desnecessário é se dizer que o dr. Gratuliano de
Brito, com a bravura peculiar do homem do Cariri, prestigiou de
todas as formas possíveis o seu repórter. Assim, a REVISTA DA
SEMANA, com a independência que sempre a caracterizou desde
os primeiros dias de existência, quebrou de forma vigorosa a
cortina de silêncio com que cobriam João Cândido, e foi disputada
nas bancas, nos jornaleiros e citada na Câmara Federal e no Se-
nado pelo seu destemor e pela simpatia com que tratara o
herói perseguido.

Agora, com o livro "A Revolta da Chibata", de Edmar Morel,
João Cândido, com mais de 80 anos, a um passo da eternidade,
vê publicado o último capítulo de sua vida e entra, mesmo por
isso, definitivamente, na História do Brasil, lugar que por di-
reito sempre lhe esteve reservado.



PROBLEMA N.º 63 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Distintivo de nobreza — 5. Quinhentas folhas de papel — 10. Inspirado pela retidão — 11. Tomar qualquer refeição (ant.) — 12. Aroma — 14. Canção de marinheiros — 15. Símbolo químico do samário — 16. Extorquir ardilosamente — 18. Algodão em rama — 19. Símbolo químico do metal de peso atômico 101,7 — 21. Radical grego que significa "fogo" — 22. Velha — 23. Alma-de-gato — 24. Dêste lado — 25. Cantiga (ant.) — 26. Zéfiro — 28. Símbolo do metal de peso atômico 63,57 — 29. Ponto craniométrico — 31. Gigante do qual os assírios fizeram um deus — 33. Qualquer dos três passos que se ensinam nos cavalos de sela — 35. Aplauda — 37. Personificação da Verdade (mit. egípcia) — 38. O conjunto das rodas de um relógio — 39. Tostar — 40. Pirataria.

VERTICAIS: 1. Asas de inseto — 2. Lutar — 3. Fada má do folclore inglês — 4. Rêde de pescar lampreias — 6. Dar aviso de alguma coisa em voz alta — 7. Tudo o que existe — 8. Geminção de dois indivíduos cristalinos, dos quais um deriva do outro — 9. Interjeição tupi designativa de surpresa, saudade — 13. Não ir à escola — 14. Grande feudo — 17. Espinhos — 20. Cachimbo indiano — 22. Aperte muito — 24. Berços — 27. Meditavas — 28. Mergulhia — 29. Habitação — 30. Prefiro — 32. Espécie de lagosta — 34. Re-sustenido, na nomenclatura alemã — 26. Moeda de prata de Estocolmo.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 62

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: ac — ra — bacãs — ata — ama — nu — cró — om — mi — barus — ar — imperatório — la — lapas — Nb — ie — Sar — Na — sul — mas — aratá — ri — al.

VERTICAIS: aba — cá — rã — asa — carrapata — animais — tu — mó — amainas — caras — outar — mil — bel — Sos rob — eu — na — lar — mal — ri — ta.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: iam — Nor — ria — ira — maricas — ara Ag — rã — ata — antigas — são — ura — aos — ais.

VERTICAIS: irmã — aia — maragatos — Nicarágua — ora — raso — ir — casa — ti — asas — não — Ari.

PROBLEMA N.º 63 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Teimosia — 6. Diminuir; escassear — 8. Em partes iguais — 9. Estuda — 10. Contudo, porém — 12. Diástase que desdobra o amido transformando-o em açúcar — 13. Antônimo de bem — 14. Artigo plural — 16. Conceda — 17. Ilusão; efeito óptico, freqüente nos desertos — 20. Efeito de rir (pl.).

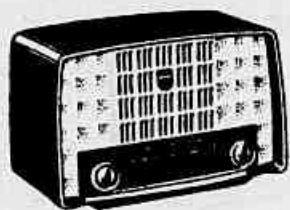
VERTICAIS: 1. Irmã da mãe ou do pai — 2. Prefixo, o mesmo que em — 3. Tornas igual — 4. Filho de jumento e égua — 5. Certa planta da Índia — 6. Privaram da vida — 7. Aceitam em pagamento — 10. Variação pronominal de eu — 11. Tempêro; cloreto de sódio — 15. Título honorífico inglês — 16. Desde — 18. Escarnece — 19. Medida japonesa de capacidade, equivalente a dois decilitros.

cinco RAZÕES convincentes...



São cinco, entre inúmeras outras, as razões da superioridade PHILIPS. Comprove-as, uma por uma, ouvindo e vendo os novos modelos

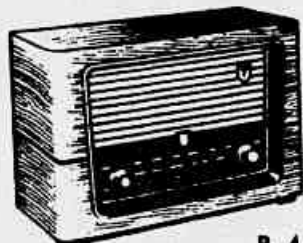
PHILIPS NOVOSONIC 59!



B 1 R 76-U
Atraente receptor de ondas médias, para 110/127 volts. AC/DC. 5 válvulas c/ funções de 7. Antena ferroceptor. Vistosa caixa de PHILITE em várias cores.



B 3 R 76-A
Ondas médias e 2 faixas de ondas curtas, para c/a de 90 até 220 volts. 5 válvulas c/ funções de 7. Contrô de tonalidade contínuo, conexão para fonocaptor. Caixa de PHILITE de cor marrom com frente bege.



B 4 R 76-A
4 faixas de ondas. Ólho mágico. 6 válvulas c/ funções de 8. Contrô de tonalidade contínuo. Conexão de fonocaptor. Para c/a, de 90 até 220 volts. Grande e vistosa caixa de madeira em fino acabamento.



BR 549-A
Da série de luxo BI-AMPLI. 4 faixas de ondas. Ólho mágico. Chave de ondas em forma de teclado. 6 válvulas c/ funções de 8. Hi-Lo-Tone-Contrô. Sintonização de volante. Caixa de imbuia, de grandes dimensões, ricamente ornamentada.

1a.) Os receptores Philips são construídos por especialistas, com perfeição absoluta, para assegurar excepcional qualidade de reprodução sonora, a melhor em cada classe de preço.

2a.) A experiência dos cientistas da Philips em todo o mundo é combinada para aplicar as mais avançadas técnicas aos aparelhos de rádio.

3a.) A durabilidade dos aparelhos Philips é garantida em famosos laboratórios, onde os produtos são submetidos a permanentes "testes de longa vida".

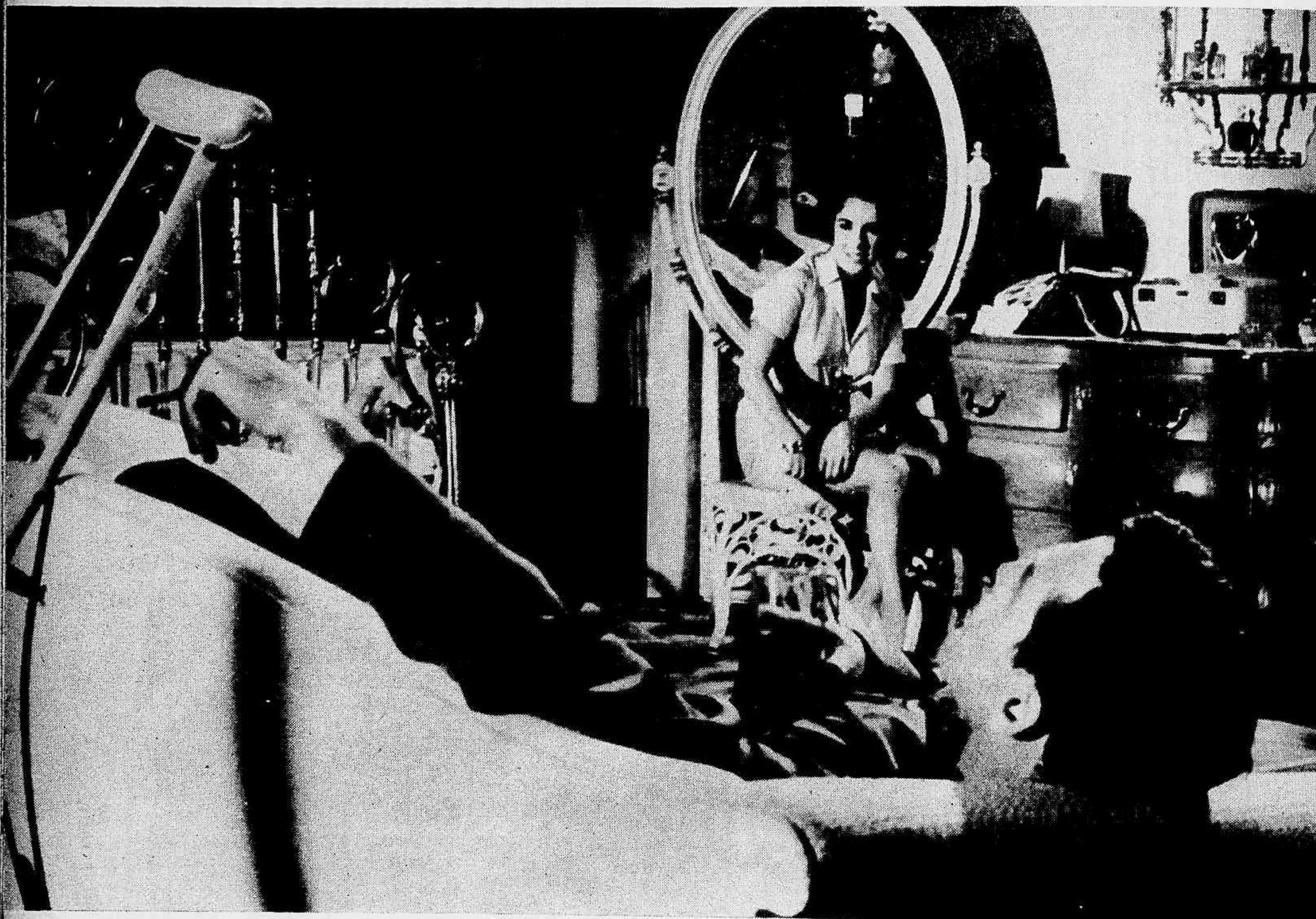
4a.) A Philips oferece uma "rádio-arquitetura" moderna, e estilos renovados em diferentes combinações de cores.

5a.) A incomparável organização de Serviço Philips, de experiência mundial, assegura o prazer que o seu receptor lhe dará permanentemente, onde quer que V.S.^a esteja.

VERIFIQUE EM SEU REVENDEDOR PHILIPS, ESTAS CINCO RAZÕES CONVINCENTES. ESCUTARÁ, VERÁ E FICARÁ CONVENCIDO QUE PHILIPS É A MELHOR COMPRA.

novosonic 59

LIZ, MAIS GATA DO QUE NUNCA, AGORA EM TETO DE ZINCO QUENTE

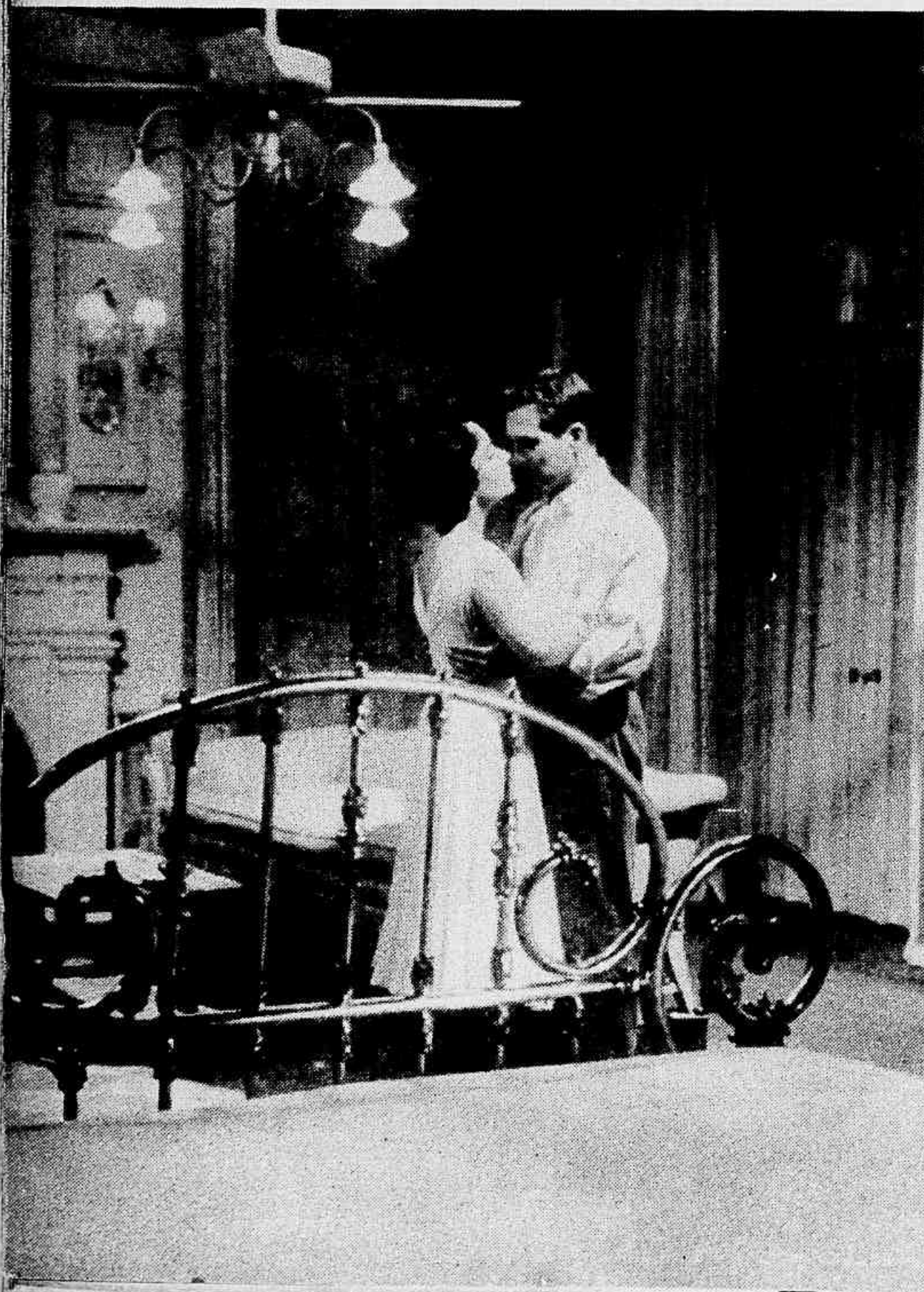


William Daniels, veterano e competente cinegrafista de Hollywood, mostra que ainda tem bom gosto na escolha de ângulos. Mas, com este tema humano, quem é que não tem?

MAIS UMA VEZ Tennessee Williams, o papa da Broadway, é levado à tela. Depois de "Algemas de cristal", "Uma rua chamada pecado" e "Rosa tatuada" é "Gata em teto de zinco quente", talvez a mais discutida de suas peças, filmada por Hollywood. "Algemas de cristal", realizado por um diretor relativamente medíocre — Irving Rapper — seguia com fidelidade o enredo da peça, embora atenuasse ligeiramente os caracteres menos simpáticos dos personagens. A sequência final da película em que o

HUGO SÉRGIO KOATZ





CINEMA

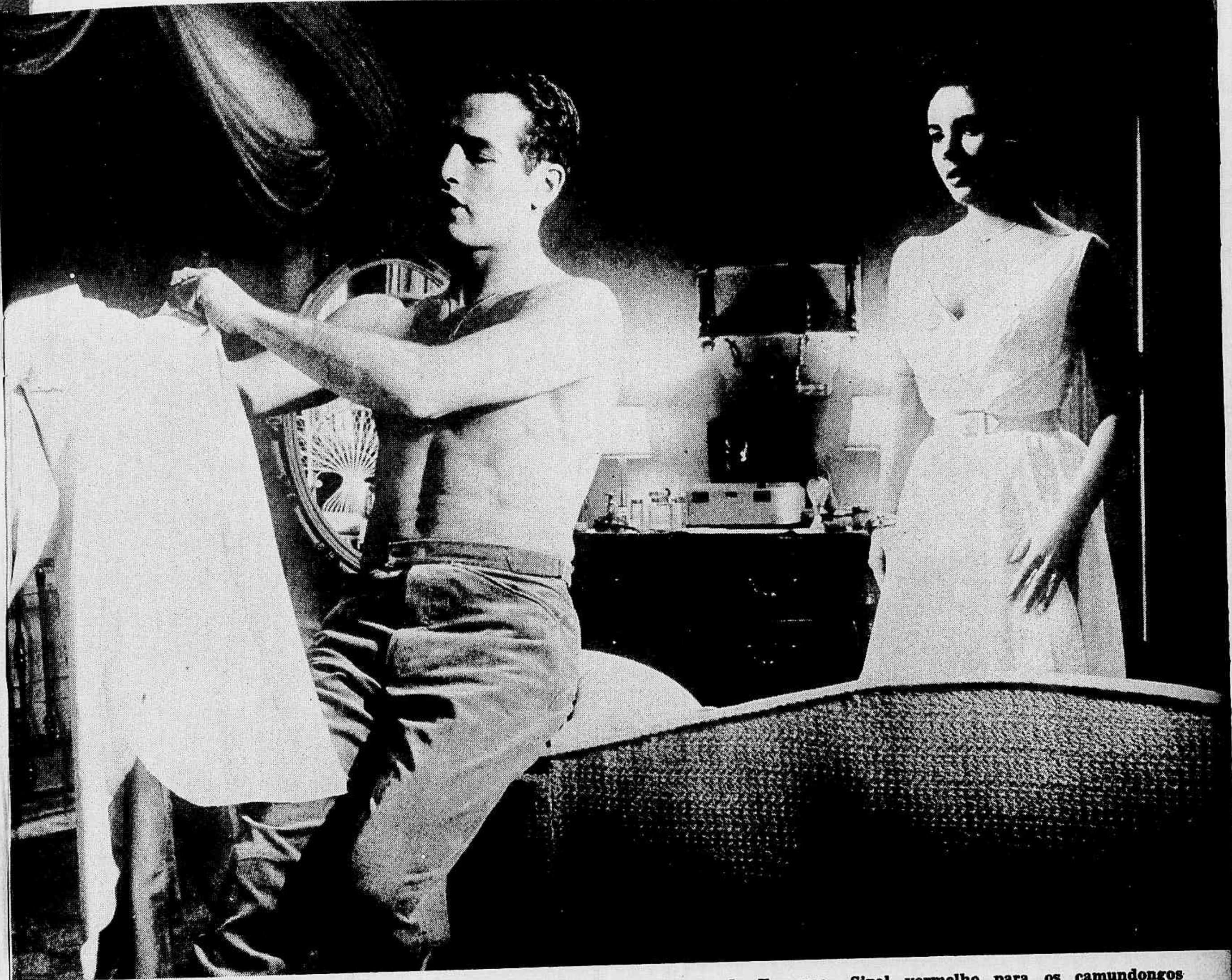
Liz Taylor,

a bela, às voltas com o realismo interior de TW.

Mais vale a viuvinha.

rapaz (Kirk Douglas) levava a solitária e esquiva aleijada (Jane Wyman) ao salão de danças lembra mais o clima do posterior Paddy Chayefsky (Marty, Despedida de solteiro) do que, propriamente, o futuro Tennessee Williams. Este só nos surgiria, em sua autêntica atmosfera, em seus contorcidos, exasperantes, doentios personagens, em seu submundo interior e exterior, pela mão de Elia Kazan, que é a própria incarnação cinematográfica do teatrólogo. Foi Kazan o realizador de "Uma rua chamada pecado", filme que lançou Marlon Brando e que é tido como a melhor adaptação de peça de Williams ao cinema. Vivien Leigh vivia uma extraordinária Blanche Dubois, uma figura por si só impressionante, em que muitos vêem uma auto-retratação do autor. "Rosa tatuada", feito por Delbert Mann, além de contar com uma história inferior não possuía méritos cinematográficos e para salvá-lo só mesmo valeram as atuações de Anna Magnani e Burt Lancaster.

Agora temos o lançamento de "Gata em teto de zinco", que leva ao máximo as concepções deformadas de Williams (para não falarmos em "Boneca de carne", a quem não nos referimos por ter sido diretamente escrita para o cinema), como puderam atestar todos aqueles que assistiram à peça, encenada no Rio e em São Paulo. O filme, entretanto, suprime, como sói acontecer, alguns aspectos mais chocantes do argumento, não recomendáveis às famílias normais e ajustadas, que Tennessee Williams, naturalmente, ignora existir. As peças de Williams, sabe-se, se dirigem ou a tarados ou a êstes fantásticos intelectuais de novelas, com tiques e tiradas estranhas e simbólicas. E ainda acusam Elvis Presley como ameaça viva à juventude sadia do mundo com um indivíduo desses solto pelos palcos do mundo! Enfim, dirão, é um artista, e precisa ser compreendido e estudado como merece e os que dêle não gostam que se instruem porque atacar ou não apreciar Tennessee Williams é prova da mais pura burrice. Bem, então nós outros, em nossa burrice, vamos ao cinema só para contemplar a Liz de gata, que deve valer a pena. Isto vale. O gato, é o Marlon Brando em papel carbono: Paul Newman, e o papel, dizem, cai-lhe como uma luva. Os outros do elenco são: Burl Ives (Big Daddy), que arrebatou o Prêmio Pulitzer interpretando o mesmo personagem no palco, a velha e sempre ótima Judith Anderson (Big Mama), o muito chato Jack Carson (Gooper), outra figura da ribalta, Medeleine Sherwood (Sister Woman), que faz a esposa de Gooper. O realizador é o conhecido Richard Brooks, que assinou, entre outros, "Sementes de violência" e "Irmãos Karamazov", sujeito que, apesar das boas idéias, até hoje ainda não descobriu se é roteirista ou diretor confundindo-se na acumulação das funções e não se completando em nenhuma delas. Enfim, Elizabeth Taylor trabalha e se responsabiliza pelo nosso merecido repouso visual no aglomerado de ataques nervosos e descargas de debilidade mental que, em suma, deve ser "Gata em teto de zinco quente".



PELA PRIMEIRA vez, Elizabeth Taylor se vê na pele de um personagem de Tennessee. Sinal vermelho para os camundongos itinerantes: ela é Maggie, a gata.



PAUL NEWMAN, o Marlon Brando reserva, protagoniza mais um dos aleijados de corpo e alma do autor de "Algemas de cristal". Dizem que muito bem.



Brigitte.

KALEIDOSCÓPIO

CHUCK WOODWARD

ONDE ANDA MARTINE CAROL, que há tanto tempo desapareceu do noticiário? Todos falam em Brigitte Bardot ou em Mylène Demongeot, em cenas desnudas destas duas **sextrelas**, mas ninguém se recorda das banheiras não tão cheias d'água onde se via Martine Carol em todo seu esplendor. Será que Brigitte liquidou com Martine sem reação sequer desta? Ou os anos foram pouco gentis com "Caroline Chérie"?

A RESPOSTA AINDA NÃO FOI DADA em definitivo. Nem eu nem vocês sequer nos lembrávamos dela, quanto mais procurar uma resposta. O que trouxe o assunto à mente foi um telegrama de Roma informando que em breve Martine Carol estará de volta às filmagens. Lembrei-me, então, vagamente, de que ela havia ido para o Hawai. Seu ex-marido Christian Jacques havia feito um filme nas Caraíbas. Novamente em Paris, mal terminarm as filmagens, Martine voltou às ilhas. Alguns jornais comentaram que a estrêla seguia os ditames de Jean Jacques Rosseau, e voltava à Natureza. Os agentes de publicidade diziam que a artista estava um pouco cansada de filmes e iria apenas tirar suas primeiras e verdadeiras férias.

MAS O AMOR FOI A CAUSA da viagem, disto não há mais dúvidas. Martine conheceu em Taití um jovem médico francês, chamado André Bouveix. Não se tratava de fugir de Brigitte Bardot, de descansar, nem de qualquer outro motivo imaginável na ocasião de sua partida. O motivo, agora ficamos sabendo, foi mesmo um dos mais antigos do mundo. Martine reapareceu há uns quinze dias atrás em Marselha. Estava jovem, queimada do sol a fundo, cheia de vida e radiante. Confessou o nome de seu amante, e afirmou que, contrariando suas declarações anteriores, considera o matrimônio excelente instituição, pretendendo casar-se com André em breve.

RESPONDENDO A ENTREVISTAS Martine Carol demonstrou até um senso de humor mais acentuado que outrora. Quando perguntaram se o tal André havia sido procurado para curá-la de alguma coisa, respondeu: "Você pode chamá-lo disto se quiser..." Na verdade, êle realmente curou-a de uma enfermidade reconhecida medicamente: uma lesão na espinha dorsal motivada por uma queda há tempos. Perguntaram se ela iria tentar reaver seu trono de cinematriz mais em evidência da tela francesa e se Brigitte Bardot seria um obstáculo sério. Resposta: "Não sabia que havia perdido trono algum. Essa Brigitte que vocês falam é aquela menina que de tanto trabalhar está tão magrinha? Acho uma maldade fazerem isto com crianças..."

EM BREVE MARTINE FILMARÁ na Itália. Veremos o resultado, e veremos se ela nos demonstra de maneira um pouco mais tangível que meninas como Brigitte Bardot realmente são um pouquinho desnutridas. É verdade que Martine não é mais casada com um diretor que gostava de filmá-la despida, mas Brigitte também não é mais espôsa de um diretor que também gostava de filmá-la da mesma maneira. Em todo caso, uma coisa é certa: Martine não pretendia abandonar a carreira, simplesmente ver que espécie de cura o jovem doutor André poderia fazer por ela. Agora que já sabe do resultado, pretende casar-se com êle, filmar alguns meses e descansar alguns meses nas Caraíbas, ganhar muito dinheiro de passagem, e voltar às mentes dos homens para lembrá-los de que Deus criou mais que uma mulher. Eu pelo menos, que raramente vou ao cinema, pretendo ir assistir (daqui uns dois anos) a êste filme ("Naná") que Martine vai rodar em Roma. Mesmo porque já estava com saudades dela, pois (embora vocês possam até me desejar um mau Natal por causa disto) Brigitte por Brigitte eu prefiro ver mesmo Elizabeth Gasper.



Martine.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON Nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON Nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, e eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 — Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Por Vale Postal..... Cr\$ 180.00
Para o Correio de S. Cristóvão

**EU SEI TUDO
TODOS OS MESES**
Cr\$ 15,00

APRENDA A DANÇAR



**CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX**

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal 649 — São Paulo, Cr\$ 130.00 — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

A REVISTA HÁ 50 ANOS

Domingo, 20 de dezembro de 1908.

MELANCÔLICAMENTE, escreve Raulino, em sua crônica, sobre o agonizante ano de 1908: "Morre o ano da graça de mil novecentos e oito... morre triste, dando como último arranco, as festas nostálgicas e tradicionais, esquecido quase, pelo sol que se levanta, cheio de promissoras esperanças e chamarizes azuis... Morre o ano, insípido e sensaborão, saudoso ainda da bela e estrondosa recepção que lhe fizeram quando veio ao mundo, engalanado e alegre... Morre o ano com a sensaboria de umas sessões parlamentares artastadas, sonolentas, enfadonhas..."

Alguns representantes da nação procuram abalar do serviço, antes de terminada a tarefa; vão cavar novos sufrágios para o futuro quadriênio; compram passagens e o governo, bedel severo dessa grande escola de interesses faz adiar a partida dos vapores, para que os parlamentares não fujam... Como isto é revelador! Os homens do congresso, em vez de cuidarem do justo cumprimento de seus deveres, no momento mais sério, prorrogado por uma vadiação imperdoável tratam de zelar seus próprios interesses, mandando à tábua o bem da pátria e partindo para as regiões das províncias em busca de votos que lhe garantam a curul subsidiária por mais quatro anos, como se o assento parlamentar fôsse um meio de vida, como se o cargo de representante da nação (?) fôsse uma profissão definitiva e propinosa...

Infelizmente, para muitos, assim é; exemplos há de congressistas que, vendo perdidas as esperanças de voltar à cadeira rendosa, abocanham cargos públicos de largos ordenados, muitos destes inventados à última hora para favorecimento desses infelizes.

O democrata do ventre, se morreses agora, se desaparecesses para sempre com este ano que agoniza sensaborão e esquerdo, farias um ótimo favor à terra e mercê a todos nós, que vivemos do trabalho são..."

NA PÁGINA SEGUINTE temos uma notícia, que na época deve ter provocado grande estardalhaço, como se depreende pelo próprio tom do texto. O fato aconteceu em Nova Iorque e a Revista assim o comentou: "O Embaixador da Áustria e sua esposa, a baronesa Helgenmuller, conta o "Notícias de Lisboa", estavam há dias no hotel Saint Regis, em Nova Iorque, quando depois do jantar a Baronesa acendeu a sua cigarrilha. Qual não foi o seu espanto vendo aproximar-se dela o "maitre de hotel", que lhe disse não ser permitido às senhoras o fumar nos salões do hotel!"

Este fato produziu grande impressão entre os assistentes, sendo de esperar, no entanto, que não haja rompimento diplomático entre a Áustria e os Estados Unidos."

A FAMOSA CANTORA lírica Melba concedia uma entrevista na Europa e a Revista abordava o assunto, qualificando a prima dona de rouxinol e profetiza. Isto porque Melba, nesta época um nome venerado por todas as platéias do mundo, fazia curiosos prognósticos sobre a mulher do século XXI. Eram reproduzidas as palavras de Melba: "Daqui a cem anos a mulher gozará de uma liberdade ilimitada, regalia que hoje não possui, e essa liberdade não a desviará do cumprimento dos seus deveres domésticos. O lar será mais agradável ao homem, que o procurará com o mais comovido interesse. Cansado do seu dia e do esforço empregado na conquista do bem estar, quando regressar a casa encontrará na esposa os atrativos que agora não o encantam. A paz da família enche-lo-á de infinita alegria. A mulher moderna ainda não compreendeu bem isto. A que viver daqui a cem anos exercerá um grande império no lar porque será muito mais inteligente."

O jornalista que obtinha tão confiantes respostas apartava com uma nova pergunta:

"— E, madame, a mulher será então mais formosa?"

— Incomparavelmente mais linda — respondeu a graciosa cantora. A mulher do século XXI há de atingir a suprema beleza. Tenho a certeza de que a mulher do século futuro há de exceder a de hoje em formosura.

— E com relação a inteligência?

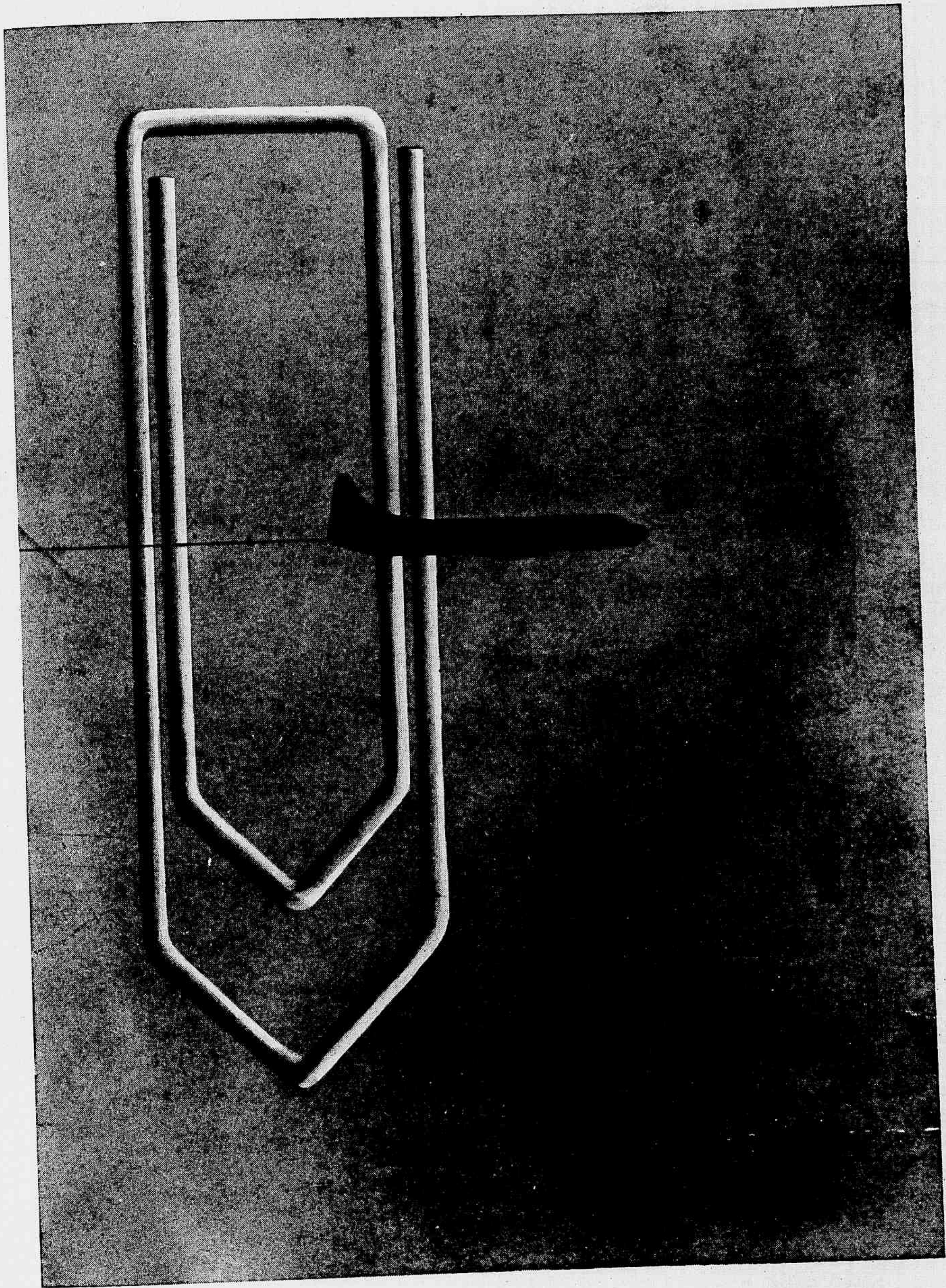
— Muito mais do que a de hoje possuí. A mulher do século XXI será tão culta quanto bela. Porque, verdade, verdade, salvo honrosas exceções, a Eva de hoje é pouco espiritual. As suas maneiras são rudes e tôscas. E para isso concorrem as estúpidas modas que a escravizam."

E a Revista concluía seu comentário com um velado toque irônico: "Enfim... veremos se os prognósticos de madame Melba se confirmam! Cem anos de depressa passam... E nós então contaremos..."

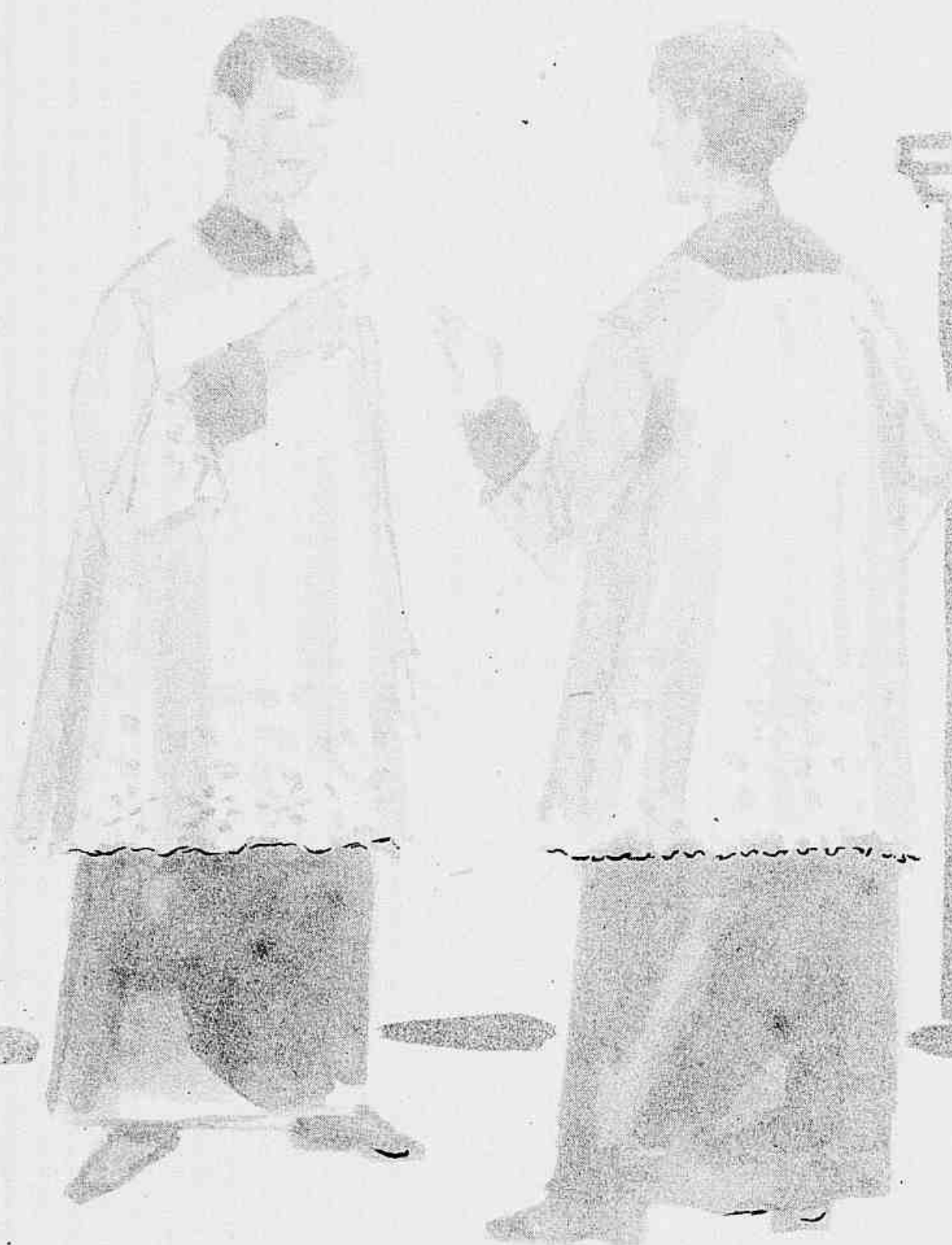
E cinquenta já se passaram...

A CRÔNICA DE RAUL, acompanhada de suas próprias (e até hoje admiradas) caricaturas fazia a crítica do eterno problema da demora de entregas do Correio. Dizia ele: "Quando entrou em vigor o atual regulamento, o serviço postal era feito com regularidade, o movimento corria sereno e plácido como a branda noite do poeta. A cidade cresceu, tudo progrediu e o serviço postal vê-se abarbadado com o himalaia da correspondência que, dia a dia, vai subindo, quase a tocar a fimbria do céu. Era preciso uma solução séria desse importante problema. O Congresso, para não perder a sua soneca de comodista, entregou ao executivo a autorização para reformar o serviço. É portanto o governo quem vai dar as cartas no assunto e oxalá que a velha cantiga da falta de verba não faça ficar o serviço da reforma dos correios, registrado sem valor..."

Também era assim há cinquenta anos...



COROINHA



RENARD PEREZ

TINHA QUE MUDAR muita coisa. Fazer com que a mãe fôsse à missa, que o pai deixasse de ler aqueles livros imundos.

Agora, quando pensava na família, nos amigos, Daniel sentia um grande pesar. Ele próprio pecara. Procurava apagar aquela mancha horrível do seu passado — aquela noite com Vicente no jardim da Praça. Abandonara o amigo, mas não podia esquecer as suas revelações — a explicação das histórias que os meninos murmuravam no colégio e que não conseguia entender. À meia-voz, Vicente desfilara os palavrões a seu pedido, falou de madame Claudinete, coisas de homem com mulher — histórias compreendidas vagamente, mas que, pelo tom misterioso, deviam ser terríveis. O hálito morno do amigo, os olhos arregalados a preguearem a testa, davam a Daniel uma emoção, uma excitação, que transpareciam na respiração pesada. E a angústia e o desejo de pecado o transtornavam, o arrepiavam:

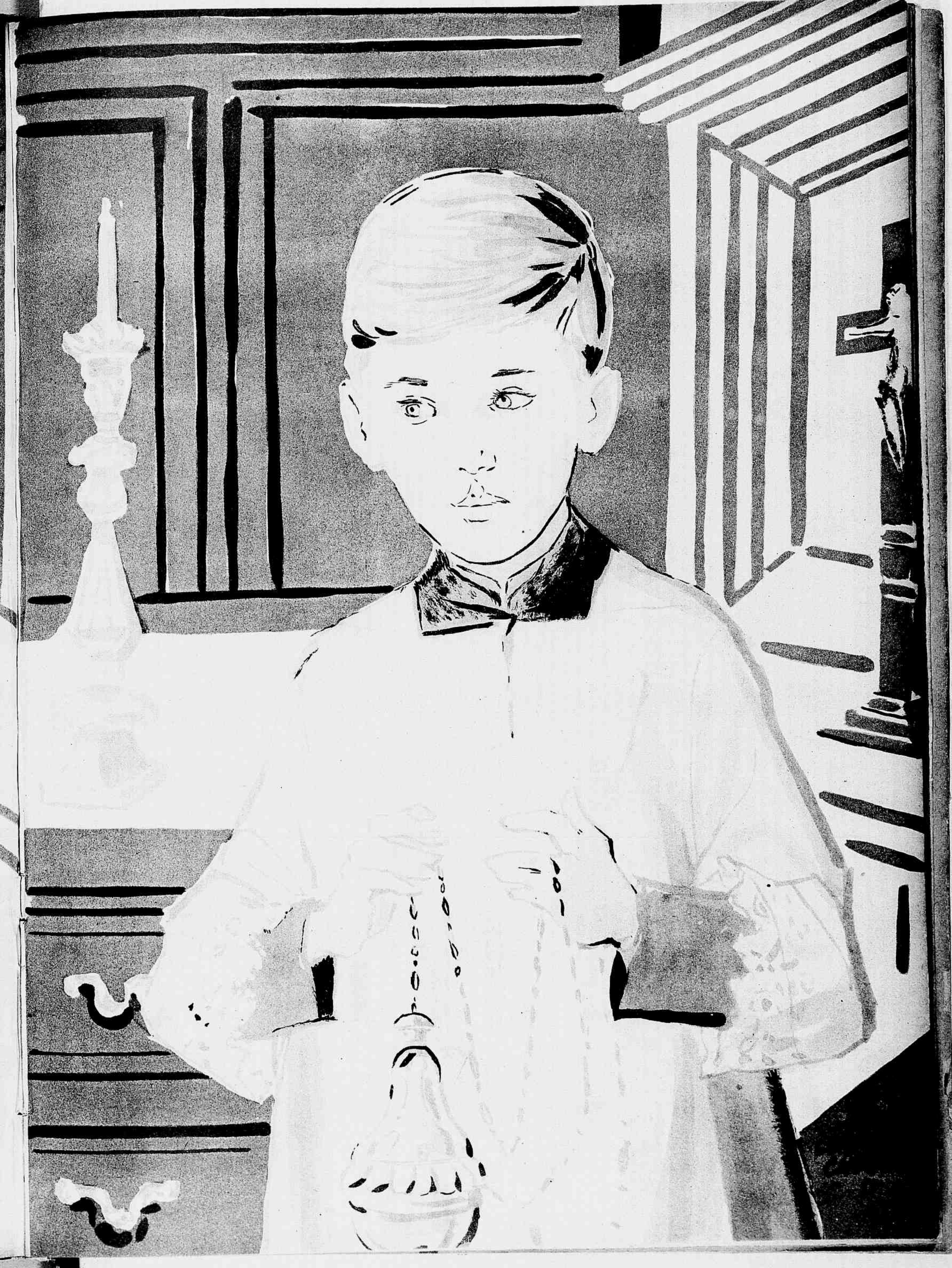
— Conta mais!

Agora, Daniel lembrava-se com horror daquela conversa. Revia a face espinhenta do amigo, sua magreza, repugnado — certamente Vicente já estava no inferno. E procurava esquecer o horrível passado ao lado de frei José. O sacristão o compreendia, e, à sua proximidade, lhe vinha uma sensação de paz e de segurança.

As conversas eram longas. Enquanto o frade mudava as flores dos vasos, ia descrevendo os projetos. Quando crescesse, seria missionário: iria para as selvas, catequizar os índios, como o padre Anchieta. Desejava ser esfaqueado pelos selvagens, teria uma morte gloriosa, como os mártires de Roma. O sacristão o ouvia com um sorriso, enquanto jogava na cesta as hastes murchas, renovava a água amarelada, com cheiro enjoativo.

À noite, o nariz no travesseiro, rememorava os planos. Será que ele morreria bem? Íntimamente, desconfiava do próprio heroísmo. Tinha pavor de gilete, e a história que o pai lera no jornal, do pescador assassinado com um caco de garrafa o arrepiara. Tinha medo — um medo feroz. O estouro abafado dos foguetes de São João fazia-o estremecer, traspassava-o, sentia uma dor fria no peito. Como é que poderia morrer heróicamente? Quando seu Coutinho segurava o cabo do foguetão, juntava os cotovelos no corpo, resguardava-se sob a trepadeira do alpendre. Apavorava-se de que uma daquelas varetas lhe caísse em cima e o varasse.

Entretanto, acreditava que saberia comportar-se quando chegasse a ocasião. Estava muito pegado com Deus, tudo a que se propunha era antes combinado com Ele. Lembrava-se das histórias piedosas do "Livro de André" e do "Guia da Infância", entre



Frei Anacleto acabou por suspender a oração e olhá-lo, severo: - Está encantado ?

elas a do pequeno São Gerardo, e muitas vezes tinha a impressão perfeita de que um dia também Jesus desceria do altar para falar-lhe. Com certeza Deus lhe importaria ânimo, anjos o defenderiam, e ele se encaminharia sorridente ao encontro da morte.

Rezava, rezava muito. Pedia a Deus que se levantasse no dia seguinte, para levar adiante a campanha. Pedia-o diariamente, mesmo quando já cabeceava e não tinha ânimo nem de movimentar o braço para fazer o Sinal da Cruz. Torturava-o a idéia de morrer durante a noite — como acontecera a um conhecido do pai — morrer sem saber que morria, sem uma doença que o fôsse acostumando à idéia, antes de cumprida a sua missão. E no dia seguinte, quando olhava o fôrro gradeado, as telhas que deixavam atravessar uma estria de sol, tinha um agradecimento aliviado ao Senhor.

Aos poucos, hábilmente, fazia a sua campanha doméstica. Dava santinhos a Ernestina, e enquanto a preta enxugava a louça, falava-lhe da História Sagrada — como também à mãe, inclinada na máquina de costura. Com o pai era mais difícil — o pai era terrível com suas leituras imundas. Ainda assim, fazia o que estava ao seu alcance. E Daniel se lembrava do livro grosso que vira na sua mesa de cabeceira, onde havia uma ilustração colorida que se ia despetalando como uma flor — mas uma flor horrível e abjeta, que lhe deu náuseas, obrigou-o a fechar o livro num golpe, escondê-lo no fundo da estante.

Daniel se recorda quando o pai foi procurá-lo — estava na sua mesa, preparando os deveres. Chegou ao lugar onde o pusera, não o encontrou, e foi examinar as lombadas da estante.

— Oh, Marta, onde é que você botou o meu livro?

A voz da mãe veio do quarto de costura:

— Eu deixei em cima da mesa...

Mas o livro não estava na mesa, nem na estante, nem em lugar nenhum. A casa foi vasculhada, ele e Ernestina interrogados, mas o volume sumira misteriosamente. O menino chegava a sentir remorsos, quando via o pai, de óculos, a olhar intrigado as lombadas da estante. Mas lembrava a figurinha — a mulher que se ia desmanchando, substituindo a carne pelos músculos, pelos nervos, depois pelas vísceras — até aparecer aquela coisa repugnante das histórias de Vicente — e fincava pé: não se trairia. A mãe não poderia ver semelhante imundície, ele não o consentiria, enquanto vivesse. “É preciso passar por cima do meu cadáver” — pensou, recordando-se da história que frei José lhe contara. “E então os soldados vieram, empurraram a pequena mas corajosa freira, pisaram-na e invadiram o convento.”

Era preciso rezar muito pelo pai, um grande pecador. Deveria ter paciência com ele, não poderia deixá-lo ir para o inferno.

Olhava os meninos a se vestirem na sacristia — Amauri, Ernani, Gervásio — cheio de admiração. Eles não teriam as suas fraquezas, nem os seus problemas. Com certeza seus pais eram piedosos, iam à missa aos domingos, faziam a Páscoa. Por que o seu não era assim também?

Via-os segurarem os paramentos bordados de frei Marcelino durante a missa, a imponência de Gervásio manejando o turíbulo, e os respeitava, por estarem tão perto de Deus. Chegou a pensar que eles não tinham necessidades, estavam desligados das coisas terrenas. Ernani ajoelhava-se no confessionário, de mãos postas. O que teria ele para dizer a frei Marcelino?

Ansiava pelo dia de vestir também a sua batina, participar daquela coorte. Comungaria todos os domingos, seria congregado mariano, ajudaria a missa diariamente.

Frei José achava-o ainda pequeno demais, pedia-lhe para esperar. Assim mesmo, enquanto enchia as galhetas, ia-lhe tomando a lição:

— Introibo ad altare Dei.

— Ad Deo, qui laetificat juventutem meam.

Em casa, antes de dormir, repetia o palavreado. Aprenderia, e ajudaria a missa de frei Marcelino. Acordaria de madrugada, com os galos, e iria para a igreja.

Um dia, sofreu grande decepção. Surpreendeu Gervásio, no patamar, discutindo com Ernani. De repente, o palavrão soou, claro e definitivo.

Daniel ficou traspassado. Olhou para Ernani, escarlate, e acreditou não ter ouvido direito. Mas ouvira — e a revelação o abateu: os colegas diziam nomes feios. Como era possível tal sacrilégio? Amauri, que assistira à cena, não parecera ter ficado impressionado. Fitou-os, um a um, e teve vergonha por eles. Pensava que fossem puros, dignos da batina que usavam, e agora eles se revelavam com a boca suja como Vicente, como o pai.

Afastou-se, entrou na igreja, ajoelhou-se diante do altar-mor. E rezou, pedindo perdão a Deus pelo colega, e procurando esquecer as palavras que acabara de ouvir. Mas elas voltavam, voltavam sempre, com sua força aniquiladora.

Se frei José imaginasse aquilo! Veio-lhe o desejo de contar-lhe — não era justo que a igreja tivesse, entre seus acólitos, gente semelhante. Não contou — era feio fazer intriga. Mas o pecado não ficaria impune. Mais cedo ou mais tarde Gervásio teria, das mãos de Deus, o próprio castigo.

Com o tempo, foi-lhes descobrindo novas fraquezas: as rixas frequentes entre eles, discussões por ninharias e onde aparecia o palavreado sujo. E embora aquilo o aliviasse um pouco da lembrança de seu passado dissoluto, estava profundamente decepcionado. Mas teve a maior desilusão no dia em que Gervásio falou, para os colegas, que ia passar a ajudar a missa na igreja do Carmo — lá pagavam. A frei José, o menino contara que a família ia mudar-se de bairro, não poderia continuar frequentando o Coração de Jesus. Daniel sentiu repulsa do colega.

A deserção de Gervásio trouxe compensações: Daniel ocupou-lhe o lugar. E embora lamentasse que a sua entrada entre os acólitos fosse motivada em fato tão deprimente, o menino sentiu-se feliz. Uma madrugada, finalmente, foi ajudar a missa pela primeira vez.

Sentiu orgulho quando vestiu a batina de Gervásio. Mas a estreia foi lamentável. Estava nervoso, enganava-se nas respostas, o suor lhe escorregava pelas pernas trêmulas. As mangas da batina o embaraçaram na hora de transportar o missal, e, no oratório, entornou o vinho das galhetas. Frei Anacleto acabou por suspender a oração e olhá-lo, severo:

— Estás encantado?

A repreensão do frade, durante a própria missa, deixou-o arrasado. Mas, aos poucos, foi adquirindo prática, e dali a duas semanas já era capaz de ajudar a missa automaticamente, deslocar-se com desembaraço entre os degraus. Chegou, mesmo, a ser elogiado por frei Anacleto.

Agora, na sacristia, azafamava-se — não era mero espectador. A saída de Gervásio trouxera-lhe vantagens que, de outro modo, só com longo tempo conseguiria obter. E, num domingo, o sacristão o escolheu para levar o turíbulo na missa cantada.

Foi uma de suas grandes emoções. Sentia-se como centro, diante do altar-mor, ciente da importância de sua função. Manejava o turíbulo com arte, para cá, para lá, enquanto o perfume violento do incenso lhe chegava às narinas, evolava-se pela nave. Atrás dele, o mar de cabeças curvadas, piedosamente. Ah, se o seu pessoal o visse!

A promoção a turibuleiro fôra acrescida, logo, de uma promessa: a de carregar o turíbulo durante a procissão de Corpus Christi. Envergaria a batina nova, e sairia à rua, onde todos o poderiam ver!

(Continua)

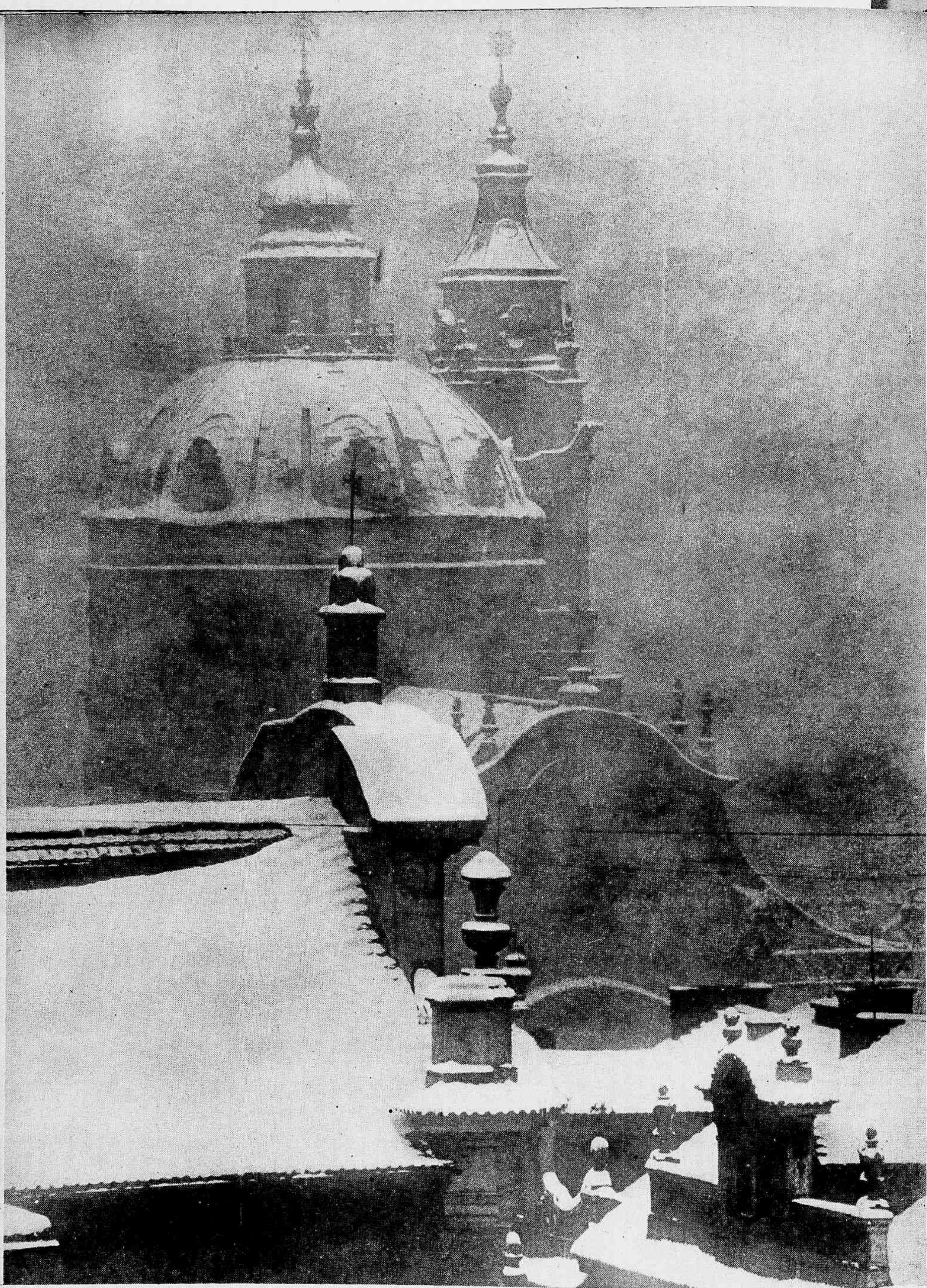
Adalgisa indica o caminho certo para Long-Beach...



A formosa e querida carioca, «Miss Brasil» 1958, consagrada vice-«Miss Universo» na notável assembléia de beleza da famosa praia californiana, mostrando às suas compatriotas seu fiel amigo — LEITE DE ROSAS, o leite de beleza mais conhecido e preferido no mundo inteiro — parece mostrar-lhes o sinal verde para aquela consagração.

Leia com atenção a bula que acompanha o frasco para conhecer todos os segredos do uso

LABORATÓRIOS LEITE DE ROSAS LTDA — Rua Ana Nery, 321 — Telefone: 34-2014 — RIO



Praga, pelo Natal. O silêncio e a neve. Mas por trás da paisagem desolada, há os salões iluminados onde as famílias se reúnem, e, nêles, a alegria.

NATAL DO VIAJANTE

JORGE AMADO



O Natal, na Rússia, é festejado apenas nos lares. Mas no dia de São Nicolau o Kremlin se ilumina, há grandes festas na rua.

QUANDO REENCONTRAREI o natal de minha infância? Não vinha Papai Noel, figura européia desconhecida nas terras do sul da Bahia, mas deixávamos crianças nossos sapatos na porta do quarto e nêles deviam ser depositados presentes. Não havia Papai Noel mas, em compensação, iniciavam-se os folguedos populares — ternos de pastorinhas, bumba-meu-boi, reizados — estendendo-se até as festas dos Reis em janeiro. E os presépios nas salas de visitas das casas de famílias eram visitados e admirados pelos olhos curiosos dos meninos. Não tinha o Natal êsse caráter de festa estritamente familiar, acontecendo no interior das casas onde os parentes se reúnem e confraternizam, a neve lá fora caindo em flocos, o frio rondando cidades e campos, o fogo aceso nas lareiras, como na Europa. Ao contrário, as ruas estavam cheias: a caapora, o boi e o vaqueiro, as belas pastorinhas dançavam e cantavam, todo mundo saía de casa, ia-se em romaria aos presépios, esperava-se a missa noturna.

Só homem feito eu iria viver o Natal europeu e adaptar-me a êle, incorporá-lo ao meu calendário. Êsse Natal que meus filhos



Foi em Paris onde primeiro dei-me conta do verdadeiro significado do Natal europeu, dessa festa de família onde não cabem estranhos.

conhecem, tão diferente daquele que encheu minha infância, cuja lembrança carrego dentro de mim, eco de vozes perdidas, visão de cores tropicais, a beleza das pastôras, a poesia dos presépios.

Paris é a cidade do conhecimento fácil, onde se multiplicam as relações, onde uma parte da população parece em férias permanentes, onde se encontram homens e mulheres dos mais diferentes países. Foi em Paris onde primeiro dei-me conta do verdadeiro significado do Natal europeu, dessa festa de família onde não cabem estranhos. Muitos são os meus amigos franceses, gente de condição diversa e — nem sei mesmo porquê — sempre esperei que pelo Natal afluíssem os convites. Via Paris vestindo-se para a festa, a multiplicação das árvores de Natal, as vitrinas alegres de presentes. Recordava o Natal de Ilhéus, tão diferente: naquela altura do ano estariam as pastorinhas preparando os vestidos, ensaiando as cantigas, as velhas tias armando os presépios.

Tanto nos convidavam em Paris e para tantas coisas... Só para o Natal ninguém nos convidou e no hotel de estudantes, ao lado do Boulevard Saint-Michel, um grupo de brasileiros nos reunimos mais ou menos tristemente para recordar a Pátria e os parentes distantes.

Natais no estrangeiro

significaram sempre

Pátria, evocação



Via as crianças brincando na neve de Ilhéus, tão diferente.



no estrangeiro: para mim,

ran sempre saudade, lembrança da

voação das festas no Nordeste...



brincado na neve, em Moscou, em Praga, em Paris. E recordava o Natal
ferent.



Foram por acaso diferentes os outros natais passados na Europa? Não creio que houvesse diferença fundamental pois para mim era a noite quando desapareciam todos os amigos, cada qual em sua casa, com os seus familiares, na ceia tradicional.

Passei um Natal no transiberiano, viajando para a China. Lá fora era a estepe gelada, o frio de quarenta graus abaixo de zero, aquela paisagem vazia de gente, onde de raro em raro surgia uma casa, a fumaça de uma lareira. Na interminável viagem perdíamos a conta dos dias. fomos dois casais, o poeta cubano Nicolás Guillen e sua esposa eram nossos companheiros de viagem. Já no fim da tarde, o poeta descobriu ser noite de Natal. Foi um Natal de recordações de infância, eu a contar as festas da zona do cacau, ele a recordar o fim do ano em Cuba. Falávamos de comidas e de canções, lembrávamos pequenos detalhes, sentíamos de repente toda a imensa distância a nos separar de nossas pátrias do outro lado do mundo. Davamo-nos conta subitamente de como estávamos longe, montanhas e oceanos nos separavam de nosso chão, de nossos hábitos, de nossa gente. A noite gelada da Sibéria nos cercava. Mas canções de Cuba e do Brasil encheram a cabina do trem.

Em Moscou um ciclo de festas nas ruas e nos clubes se desenrola no fim do ano. O Pai Nicolau ergue-se nas praças junto aos pinheiros carregados de lâmpadas multicores e lantejoulas. Nos clubes de cultura, nos palácios de pioneiros, nas ruas sobre tablados, dançam moços e velhos. Recordo ter ido num domingo de fim de ano ao Palácio das Colunas, no centro de Moscou, a uma festa onde eram distribuídos brinquedos para crianças. Uma enorme árvore de Natal no centro da sala imensa. Os palhaços mais célebres do circo moscovita, Karandachi entre eles, os mais célebres bailarinos, Ulanova entre eles, artistas conhecidos, divertiam a criançada. Festa semelhante assisti em Leningrad numa casa de pioneiros.

Mas o Natal propriamente dito, a noite de Natal, essa era reservada para a família. Lembro-me de como minha intérprete, nesse Natal soviético, solicitou-me que a dispensasse naquela noite e pediu-me que lhe emprestasse o automóvel para ela transportar para casa a árvore de Natal (vendiam-se, numa praça, pinheiros de todos os tamanhos). Também em Moscou, na noite de Natal, cada um está com sua família, no recesso do seu lar.

Passei em outros países, em distantes cidades, vários natais. Para mim significavam sempre saudade, lembrança da pátria, evocação de festas do nordeste, de líricas pastôras, do bumba-meu-boi nas ruas das pequenas cidades.

De um Natal me recordo, o triste Natal do viajante. Estava na Europa e calculei meu tempo de tal maneira que deveria chegar ao Brasil na véspera de Natal. Já me adaptara ao Natal como festa de família, entre os meus, na alegria dos parentes reunidos. Era um inverno especialmente duro, a noite chegava antes do tempo no meio da tarde, não havia visibilidade nos aeródromos e meus cálculos de viagem arruinaram-se. Dois, três dias sem sair aviões. Eu estava em Praga. Na véspera de Natal mais uma vez estive quase o dia inteiro na expectativa da saída do avião. Mais uma vez ele falhou. Voltei para o hotel pela tarde. Um cartaz, na portaria, avisava que naquela noite o hotel não serviria jantar, os hóspedes que o desejassem deviam pedir com o tempo uma ceia fria para a noite. Foi o que fiz e dormi. Acordei pelas nove horas da noite. Vesti-me e saí. Não havia uma pessoa nas ruas cobertas de neve. Estavam todos em suas casas, festejando. No hotel mal iluminado, apenas um empregado. Andei sem rumo pela cidade. Não encontrava ninguém. Tudo fechado. Nem mesmo os vendedores de salsichas assadas, nem mesmo os bebedores de cerveja. O silêncio e a neve. Uma tristeza sem fim me envolveu. As janelas iluminadas e lá dentro a festa, a alegria. Eu andava sem rumo e jamais senti tanto o significado do Natal.

EM MODA NA CIDADE LUZ



1

Rose Valois, em feltro bege, gênero "cloche", com enfeite de penas de pássaro do lado direito.

2

Rose Valois, touca de veludo vermelho com fita larga de gorgurão de tonalidade menos viva.

3

Rose Valois, chapéu de cor branca, fôrma original, muito favorece rostos ovais.



A MULHER E O PROBLEMA DA SUA ELEGÂNCIA

PARA UM HOMEM, é relativamente fácil adotar uma decisão sobre feitiço de uma roupa. Desportiva ou de tarde, aberta ou cruzada a escolha é restrita. A roupa preferida aliás, poderá ser utilizada quase todo o ano e na maioria das circunstâncias. Muito diverso é o problema da mulher, pois esta prefere adaptar sua aparência ao ambiente exterior, e só considera perfeita sua felicidade, num mimetismo que a induz a modificar sua forma e côr, ora se trate de almoçar ou jantar, ora de ir ao teatro ou de ceiar numa "boite".

SE OS PROBLEMAS do vestuário feminino ficaram bastante simplificados para durante o dia, se o mesmo vestido simples pode servir da manhã à tarde, mesmo com a escala de um convite para almoçar, não acontece a mesma coisa com as horas que não fazem parte do "business time". A costura reflete perfeitamente esta dualidade atual da existência feminina: trabalho, de um lado; alegria de viver, do outro; e propõe em consequência, vestidos chamados de meia-noite, cuja aceitação se alastra cada dia.

ESTA FÓRMULA, porém, conquanto seja concisa, apresenta às mulheres com modelos diversos. Um dêles adota durante o dia a aparência de um "tailleur" ou de um "duas peças". O casaco ou o bolero desvendam um "corsage" sempre generosamente decorado e às vezes muito adornado. Trata-se de uma fórmula

própria para o jantar na cidade ou ir ao teatro. As costas nuas são tão agradáveis de se ver nas poltronas da platéia, como são maltratadas as amplas saias. Outro modelo-tipo é o vestido de "cocktail" curto, de corte simples na aparência, na realidade, porém, muito erudito. Este é o vestido "grande-couture" por excelência. É feito com uma fazenda de que nada se diz, por ser lisa e perfeita, e um feitiço de que não se fala, mas o resultado é um chic incontestável que faz virar as cabeças. Outra solução, que parece ser o privilégio das moças: escolha um tecido novo, caro ou original por si mesmo e que, com uma forma voluntariamente esportiva, permita a realização de um vestido transbordante de fantasia e incontestavelmente parisiense. Encontramos, nesta terceira categoria os vestidos em organza "barbu" em moiré "changeant", em gorgurão bem grosso, veludo, "cordonné" e, naturalmente, todos os que são em "guipure" ou renda.

MAS SE A MODA propõe mesmo uma variedade ampla, só a mulher é capaz de solucionar o problema de sua elegância pessoal, problema árduo, pois o número de vestidos que possui é, para seu gosto, sempre muito reduzido, da mesma maneira que seu orçamento é demasiado limitado. Não desejamos todavia, a chegada do momento em que as mulheres semelhantes nisso aos homens, e sendo amadas por si mesmas, não tenham, em consequência, mais necessidade de realizar despesas.



Rosamaria Murtinho vive "Maria Luísa", típico brôto de 1935. A família de Maria Luísa, com suas aspirações a "bem", proíbe o seu casamento com Daniel.

CARLOS MURTINHO, Telcy Perez e Rosamaria Murtinho são os nomes que estão à frente de um dos mais novos grupos teatrais do Rio — o "Studio 53". Foi a União das Operárias de Jesus, através de "Mãe Clotilde" e "Tia" Maria Tereza, que permitiu que o Studio 53 pudesse ter seu teatro. E muito confortável: 170 poltronas estofadas e ar condicionado. Já encenou o Studio 53 dez peças e, atualmente, apresenta sua décima primeira: "Exposição 1935", de Maria Inês Barroso de Almeida. Trata ela dos festejos do Centenário da Revolução Farroupilha, em Pôrto Alegre, no ano de 35.

É a primeira experiência de Maria Inês no terreno da comédia de costumes. Foi em 1953 que ela estreou como autora (depois de ter provado, por algum tempo, as emoções de atriz) com "Da mesma argila", no Teatro Duse. Em 55, "O diabo cospe vermelho", sua segunda obra, conquistou o prêmio "Fábio Prado", em São Paulo. A esse tempo, produzia também peças curtas para a televisão. Voltou a formar nos elencos teatrais este ano, com os grupos do Tablado e do Teatro em Casa. Mantém, há seis anos, com seu marido (Alfredo Souto de Almeida) o programa "Cenas e bastidores", da Rádio Ministério, no qual assina a crítica teatral.

"Exposição 1935" nasceu das recordações da infância de Maria Inês, passada em Pôrto Alegre. A história central envolve uma

STUDIO 53 APRESENTA



Angela (Camilla Amado): "Ele é ciumento?". Maria Luísa: "Se é. Ninguém pode olhar para mim na rua que ele fica uma fera..."



"Exposição 35" é a primeira peça de Maria Inês Barroso de Almeida, premiada com o "Fábio Prado" de São Paulo.

A família Revoredo, heroína de "Exposição 1935", posa para a posteridade: Camilla Amado, Rosamaria Murtinho, Anna Maria Magnus, Telcy Perez.

família burguesa gaúcha com pretensões à aristocracia, que se recusa a permitir o casamento da jovem Maria Luísa com um rapaz de origem estrangeira, Daniel. As aspirações ao grã-finismo dessa família vão ao auge quando um estudioso da história do Rio Grande do Sul descobre que o avô Valentim, excêntrico membro da família, foi um dos maiores heróis da Revolução Farroupilha. Ainda assim, Maria Luísa e Daniel combinam fugir e casar-se. Marcam um encontro para certa madrugada. Na justa hora da fuga, entretanto, surge nos céus o "Zeppelin" dos festejos da Exposição, a família inteira acorda para vê-lo e o enamorado par é obrigado a desistir da escapada. Mas, não demora muito, e se apura que o incrível avô Valentim tinha, além da rio-grandense, outra família no Uruguai, que é, precisamente, a legítima. Com isso desmorona-se de uma vez por todas o sonho de ser "bem" da família e Maria Luísa e Daniel podem, então, casar.

No elenco estão Camilla Amado, Leila Jorge, Rosamaria Murtinho, Anna Maria Magnus, Telcy Perez, Emílio Vardi, Virgínia Valli, Adila Araújo, João Silva Ramos, Karl Studart, Maria Esmeralda, Orlando Roberto, Ivone Vieira, Virgínia Coutinho e participação especial do Zeppelin e do avô Valentim. A Direção é de Carlos Murtinho — que também dirigirá em Pôrto Alegre, "O diabo cospe vermelho" — os cenários e figurinos de Roberto Montenegro e a iluminação de Dante Leccioli.



EM 58 EXPOSIÇÃO DE 35



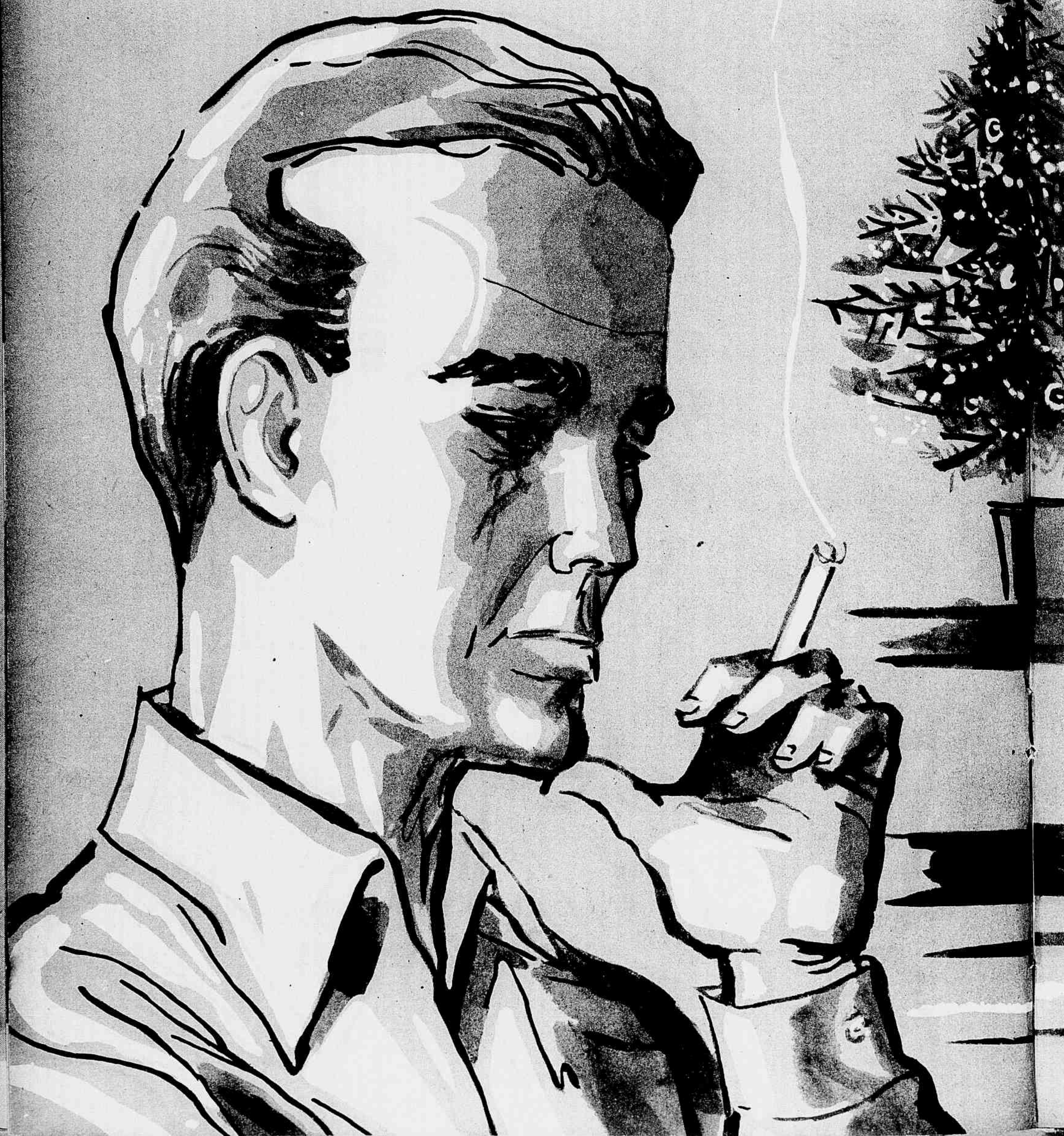
Inês Barroso de Almeida, desde que foi Paulo com "O diabo cospe vermelho".

Karl Studart, Virgínia Coutinho, Virgínia Valli, João da Silva Ramos, Adila Araújo, Ivone Vieira e Orlando Roberto, participantes do segundo ato de "Exposição 35".

CONTO

outra véspera de Natal

MARQUES RABELO



NO MEIO DA SALA Teresa sorri. Suas mãos finas, sempre crianças, esvoaçam felizes como dois pássaros alegres — está tudo pronto.

As nove horas — e a noite está quente, estrelada, um hálito perfumado de mato entra pelas janelas escancaradas — às nove horas iremos acordar as crianças para verem a árvore de Natal.

No ano passado elas eram ainda muito pequenas, nada compreenderiam. Deixamos para este ano a grande revelação, e há um mês que Teresa vem preparando-as para o acontecimento: "A árvore será linda, linda, meus filhos — um sonho! E Papai Noel, que é muito velhinho, tem barbas muito compridas e brancas

e é muito bom para as crianças bem comportadas, virá com seu saco enorme cheio de presentes para vocês."

— Ele vem de noite, não é? — pergunta minha filha, que já se considera muito crescida.

— Sim, quando vocês estiverem dormindo ele virá na ponta dos pés e encherá os seus sapatinhos de tudo quanto vocês gostam.

Como entre as coisas que minha filha gosta estão umas faladíssimas balas redondas e de côres, balas que viu numa confeitaria, balas que nunca chupou, mas que constituem uma das suas decididas seduções, a pergunta é fatal:

(Continua na pág. 42)



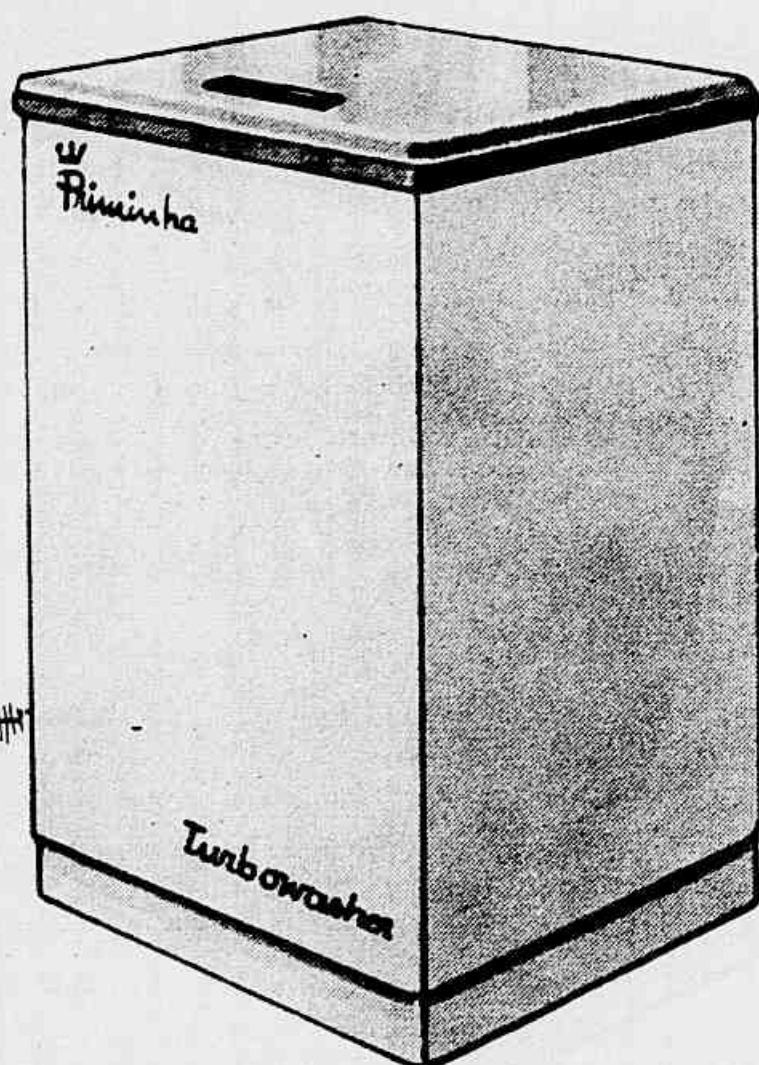
nesto Natal...

... o caminho para uma escolha feliz!



esblinha

o Magazine da Tijuca
Avenida Almirante Cochrane, 225
Rua Conde Bonfim, 254



PRIMINHA "TURBOWASHER" 1958

... a mais funcional, prática e econômica.

Última criação PRIMA em máquinas de lavar roupa!

- Modelo especial p/apartamentos e pequenos espaços.
- Pintura de alta temperatura para maior beleza e durabilidade.
- Capacidade de 2.5 kgs. de roupa húmida.
- Recipiente esmaltado à fogo e resistente aos álcalis.

697, mensais

NA MESBLINHA

GRÁTIS, uma fotografia com o Papai Noel, mediante a apresentação do talão de qualquer compra acima de Cr\$ 300,00.

TÍTIO HÉLIO, da T. V. Tupy, palestrará com seus sobrinhas de Tijuca e exibirá filmes infantis. TERÇAS: das 20,00 às 21,00 horas. QUINTAS: das 20,30 às 21,30. SÁBADOS: das 16,00 às 18,00.

HORÁRIO DA MESBLINHA — diariamente até 22,00 horas. Sábados até 18,30. Domingos, para exposição, das 15,30 às 22,00.

OUTRA VÉSPERA DE NATAL

(Continuação da pág. 41)

— E vai trazer balas de bolinhas, não é?

Teresa garante que sim, mas só no caso de que ela, minha filha, coma direito tudo quanto lhe puserem no prato, o que é uma indireta muito bem compreendida pela garôta, que deu para ter uma incompreensível ojeriza pela abobrinha.

Minha filha torce o delicado caso com uma desfaçatez que me parece bem pouco infantil, perguntando se Papai Noel também vai trazer coisas para a Josefina, a nossa cachorrinha bassê, fidelíssima companheira em cujos olhos encontro sempre uma dedicada ternura que falta aos olhos humanos.

Meu filho não pergunta nada, nada deseja. Limita-se a repetir mil vezes por dia: Papai Æel.

As nove horas irão ver a árvore. Muito verde, carregada de bolas e velinhas coloridas, coberta por uma tela de fios dourados, com um brilhante cometa de lantejoulas no ramo mais alto, reconheço que está bela, mesmo para os meus olhos, pobres olhos já um tanto estafados pelos duros espetáculos da vida. É pequena, está sobre a cômoda de jacarandá, cômoda que foi dos meus avós, entre verdes castiçais de cristal que foram dos meus avós.

Vai, o sonho me arrebatava nas suas asas mágicas e me leva ao passado, a uma outra véspera de Natal, numa outra casa, quando eu tinha onze anos.

A noite — e eu bem me lembro! — era também estrelada e quente, e também pelas janelas escancaradas entrava um hábito perfumado de mato. A árvore é que era outra, maior, dum verde mais sólido, feita que era de um galho cortado de pinheiro. Vergava ao pêso gracioso dos enfeites e dos brinquedos. As velinhas brilhavam, trêmulas, à brisa rala. Vozes queridas, vozes perdidas, formavam um côro feliz à volta dos seus ramos, nos quais fiapos de algodão fingiam neve. A caixinha de música desenrolava, escondida, extintas melodias gentis de gavotas, mazurcas, minuets. A vasta travessa de rabanadas corria entre os presentes pelas mãos das negras. E as castanhas, e os figos melosos de Portugal, e o vinho farto, e as ameixas e as nozes... E o riso de todos, e a alegria de todos — Feliz Natal! Feliz Natal! E os gritos: Filipinas, filipinas! Os felizes achadores de amêndoas gêmeas obrigavam os outros a pagarem prendas. O sono tinha ido embora dos olhos infantis. Mas era tarde, já era preciso dormir. Lá fomos para o quarto, depois de têmos pôto os nossos sapatos atrás da porta para Papai Noel, com seu saco vermelho, enchê-los no mistério da grande noite. E ela, a árvore, ficou na sala, queimando as suas velinhas, pesada ao brilho dos seus adornos, com seus flocos de algodão, suas rutilantes estrêlas. Visão maravilhosa da flora do país das fadas, imorredoura visão, foi a última árvore de Natal da minha infância. Tudo mudou. Um vento mau soprou sobre nossa casa do Trapicheiro. Adeus, Cristininha, minha irmã! Adeus, papai e mamãe! Muitas vezes se calaram para sempre. Muitos risos nunca mais foram ouvidos. Vidas se dispersaram. Tôdas as alegrias da infância se perderam. O mundo veio me aparecendo outro, feroz, sem ilusões, sem encantos. Mas a Árvore ficou para sempre dormindo no meu coração como uma semente de paz, de poesia, de fidelidade e amor, que um dia haveria de frutificar.

São nove horas batidas no velho relógio amigo, cujas pancadas têm uma graça de cadência antiga.

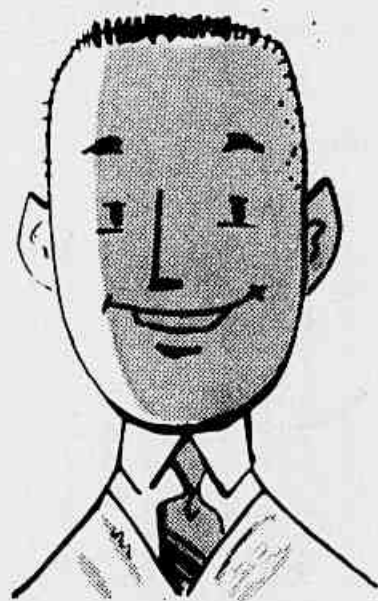
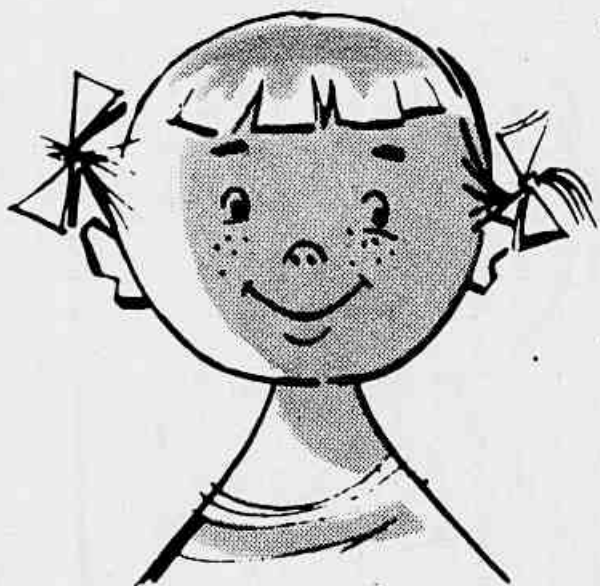
Teresa que ficara me olhando, muda — ela sabe bem quando o sonho me pega nas suas asas — levantou-se, pôs em mim seus olhos rasgados onde há tanto perdão para as minhas fraquezas:

— Está na hora, meu filho.

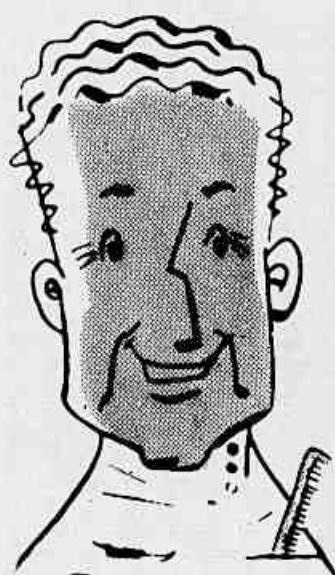
Eu me levanto:

— Está sim.

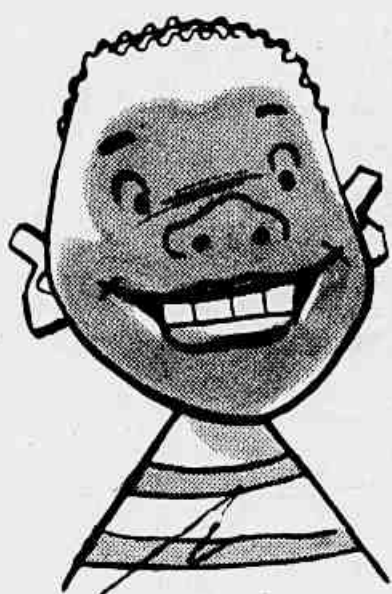
Encaminhamo-nos para o quarto das crianças. Uma comoção funda, irreprimível, me sacode — que, pela graça de Deus, elas tenham em todos os anos de sua infância a sua Árvore de Natal e tôdas as alegrias do Natal. Elas e os seus filhos, e os filhos dos seus filhos, indefinidamente.



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**

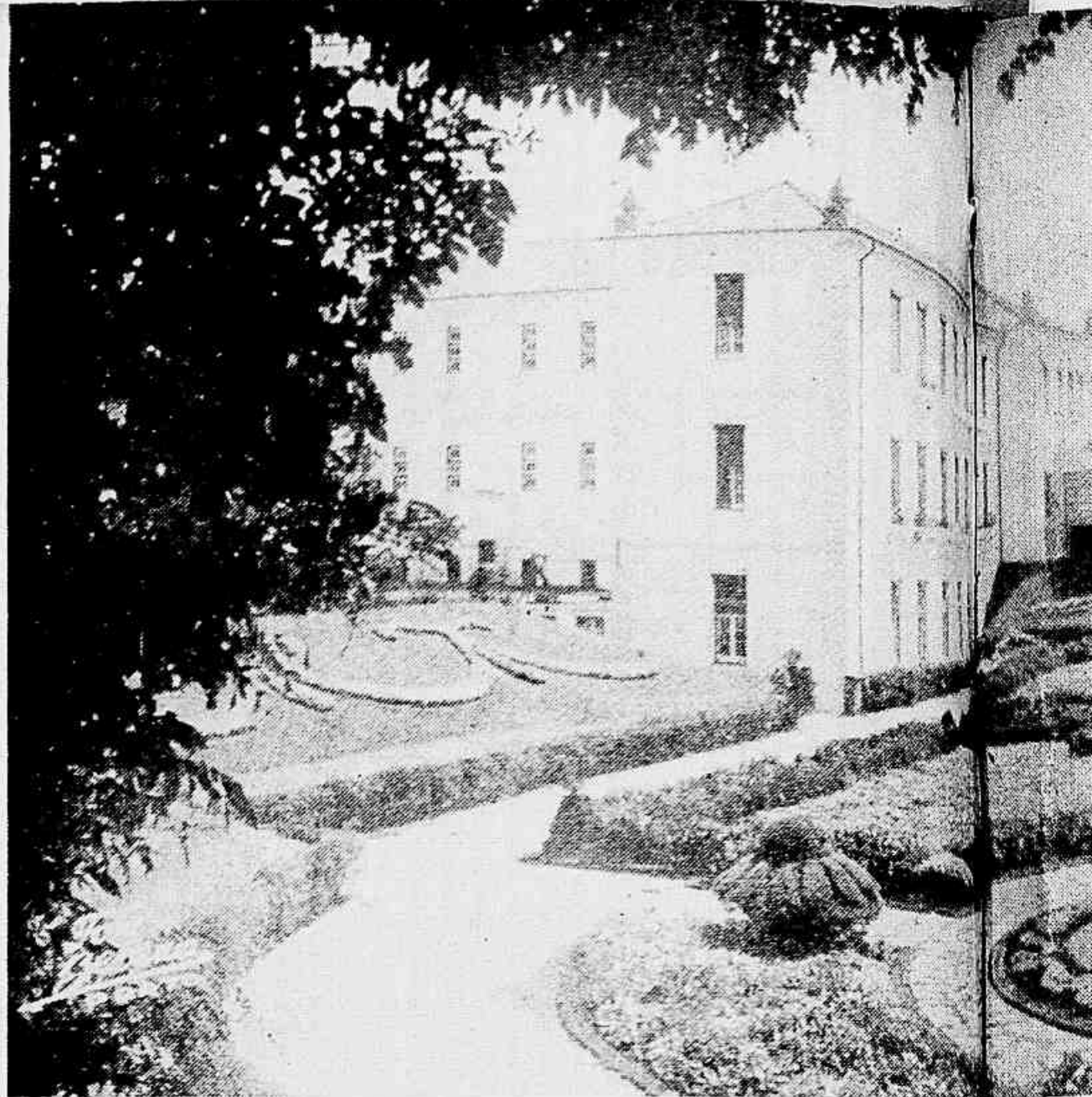
A CIDADE DE COIMBRA fica situada no centro de Portugal, na província da Beira Litoral, confinando ao norte com os distritos de Aveiro e Vizeu, ao sul com o de Leiria, a oeste com o oceano Atlântico, e a leste com Castelo Branco. É em Coimbra que está instalado o primeiro instituto científico do país — a Universidade — pela qual têm passado as maiores mentalidades. A cidade intimamente ligada à História de Portugal, será sempre a "cidade dos doutores", a cidade universitária, situada na margem direita do rio Mondego, disposta em anfiteatro, poética, romântica e bela.

E nesta cidade existe também uma das mais belas obras de solidariedade humana do mundo de hoje, que protege homens, mulheres e crianças, doentes ou sãos. A grande obra social realizada na Beira Litoral pelo Prof. Bissaya Barreto, médico e cirurgião internacionalmente conhecido, é vastíssima. Ela abrange "a luta contra a tuberculose e pelos tuberculosos" através de dois espetaculares estabelecimentos próprios, o "Hospital-Sanatório da Colônia Portuguesa do Brasil" (para homens); o "Hospital-Sanatório de Celas" (para mulheres e crianças) e o "Sanatório para Crianças", este último ainda em construção. Dois Preventórios, um em Penacova e o outro em Macieira de Cambra e além do Dispensário Central de Coimbra mais nove estão espalhados pela região. Na principal Maternidade, as grávidas atingidas por esse terrível mal têm o tratamento adequado: a profilaxia pré e post-natal e, à Creche dos Pequeninos, são recolhidos os seus filhos desde o dia em que nasceram até aos três anos. Esta providência tem o nome de "Obra de Proteção à Grávida e Defesa da Criança" e nela estão incluídos o Dispensário, o Ninho dos Pequenitos, Parques Infantis, Jardins de Infância, Maternidade do Ninho, A Roupinha do Pequenito, dezessete Casas da Criança, duas Casas de Educação e Trabalho e uma Escola Profissional de Agricultura, de Semide. Existe também, sob o nome de Obra de Higiene e Profilaxia Social, um Dispensário. Bairros Económicos, Colônias de Férias, Colônias Balneares, Escola Normal Social, obra de educação, o "Portugal dos Pequenitos", — onde está o Pavilhão do Brasil — e assim como um jornal, com o sugestivo título "A Saúde". A uma pergunta nossa responde o Prof. Bissaya Barreto:

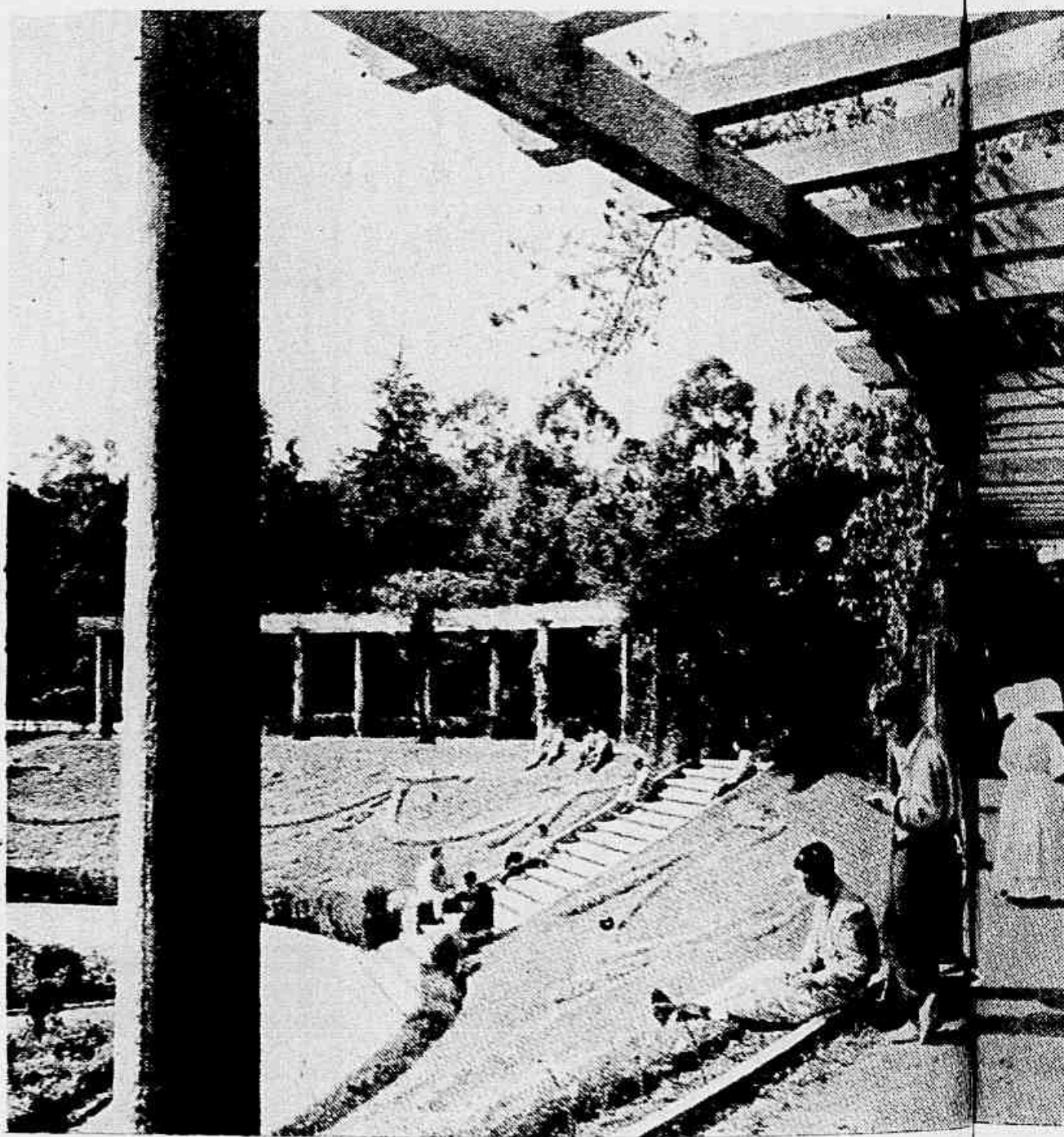
— Tudo isto é obra do coração, minha amiga. É a vantagem de ser só e dar-se assim, totalmente, aos outros. Por exemplo, "Portugal dos Pequenitos" começou como um devaneio e tornou-se algo de absorvente e enternecedor. Um domingo foi visitado por quatro mil pessoas! Nunca se perde o tempo quando se dá prazer a uma criança, é o meu lema.

Na luta contra a alienação mental, o Prof. Bissaya Barreto organizou e fez construir o "Hospital Asilo-Colônia Sobral Cid", o mais moderno da Península, rodeado de frondosas árvores e jardins, e por onde já passaram mais de quatro mil doentes com uma grande percentagem de curas, o Centro de Profilaxia e de Higiene Mental, o Asilo de Marvão, em fase construtiva, e os asilos da Polícia, seção de psicopatas crônicos, tranquilos ou irrecuperáveis. Vem a seguir a luta contra a lepra — enfrentada enérgicamente pelo Governo do dr. Oliveira Salazar que considerou a "peste negra" como o problema n.º 1 da nação — e representada pelo "Hospital Rovisco Pais". Essa leprosaria, situada na Quinta da Fonte Quente, perto de Tocha, nos arredores de Cantanhede, é famosa em todo o mundo pela sua situação privilegiada e com uma superfície de 1.200.000m². É separada por três zonas: a sã, destinada ao pessoal superior do estabelecimento; a intermediária, com os serviços de consulta e observação e a infectada, com o isolamento e os pavilhões com as dimensões, nome e características similares para ambos os sexos, separados entre eles por uma linha média, ao longo da qual foram edificadas os pavilhões

Prof. Bissaya Barreto e
seu trabalho social:

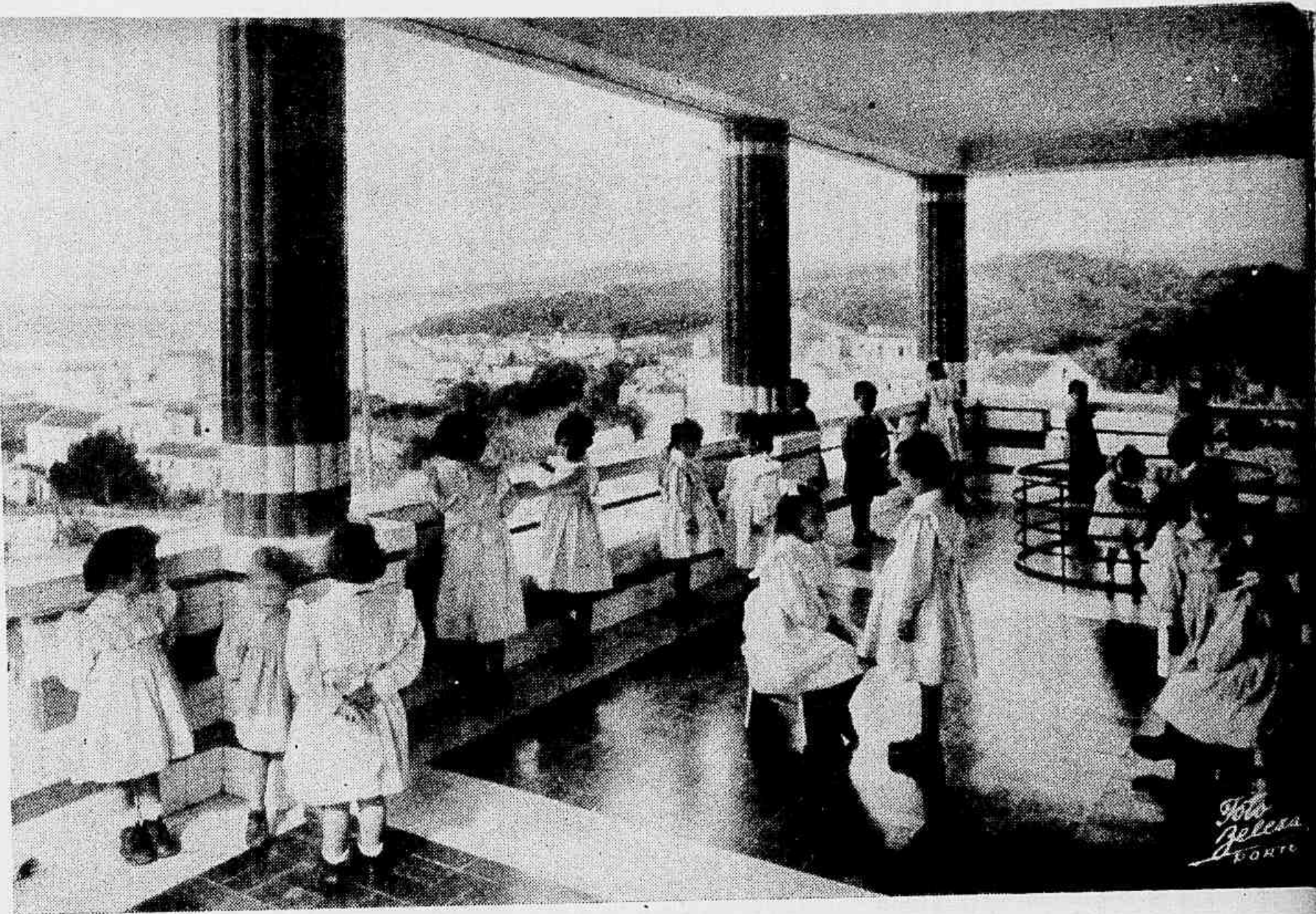
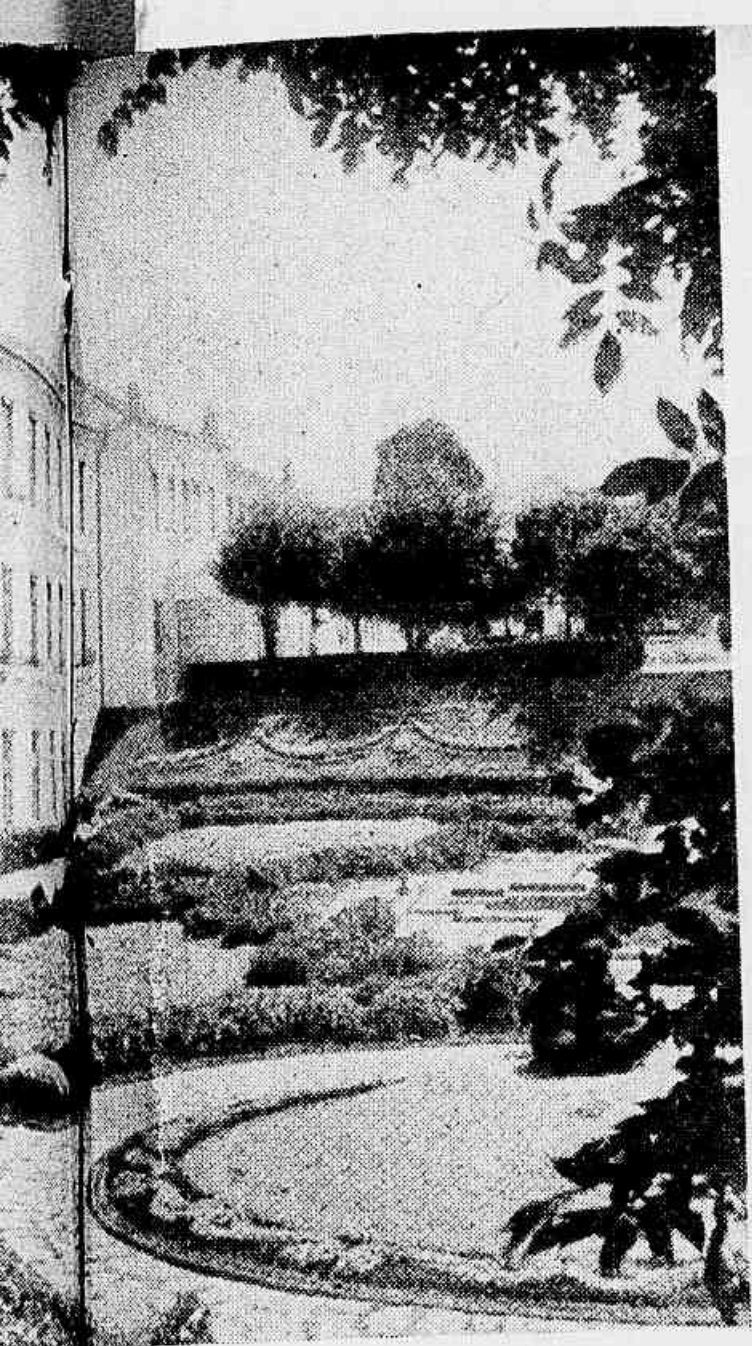


Sanatório da Colônia Portuguesa do Brasil, em Coimbra



Trecho do parque do Sanatório. Sossêgo, bom clima. E a vigi- lância

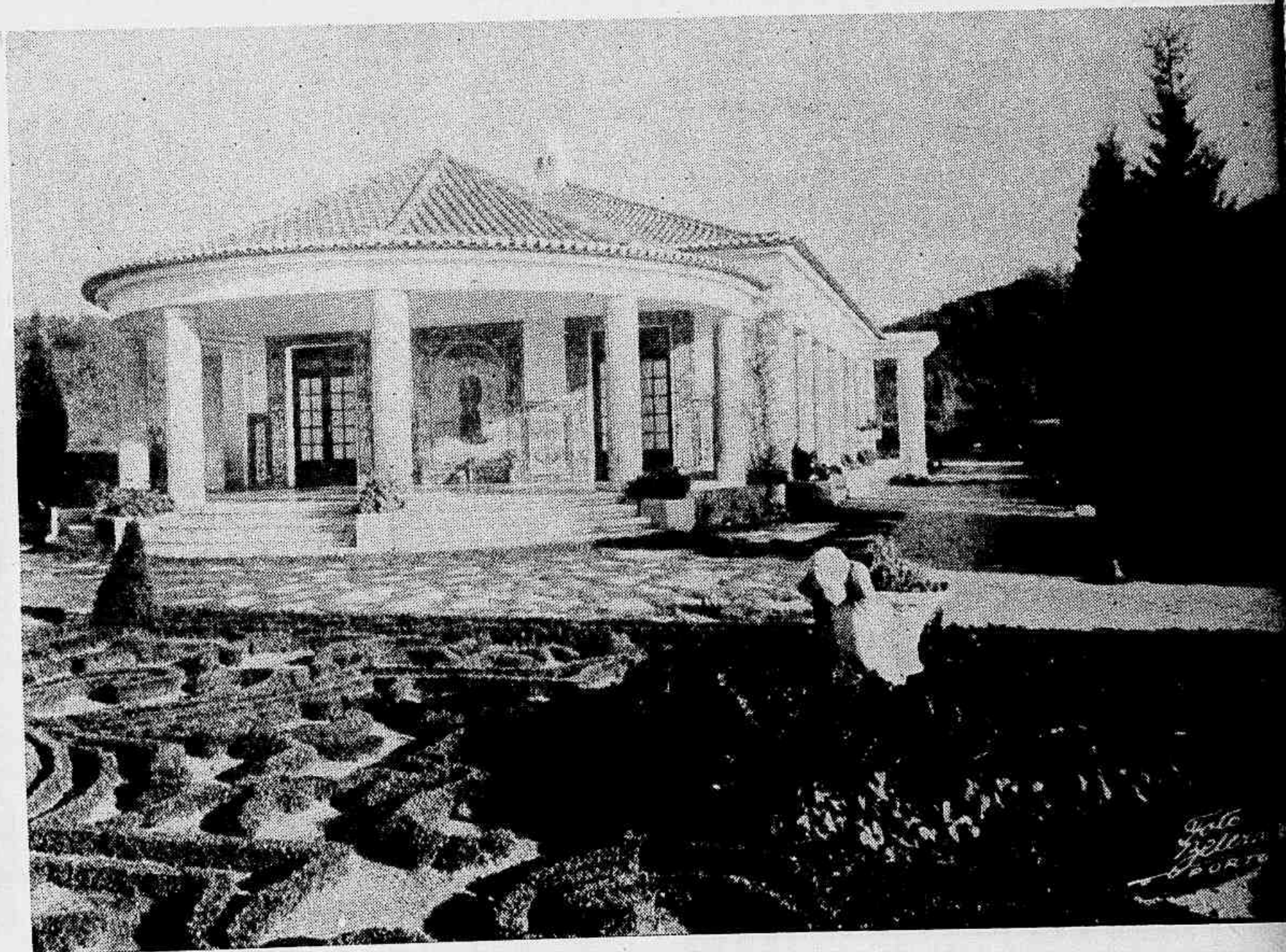
- TUDO ISTO É



Casa da Criança "Infanta D. Maria", em Figueira da Foz.



vigilância das freiras.



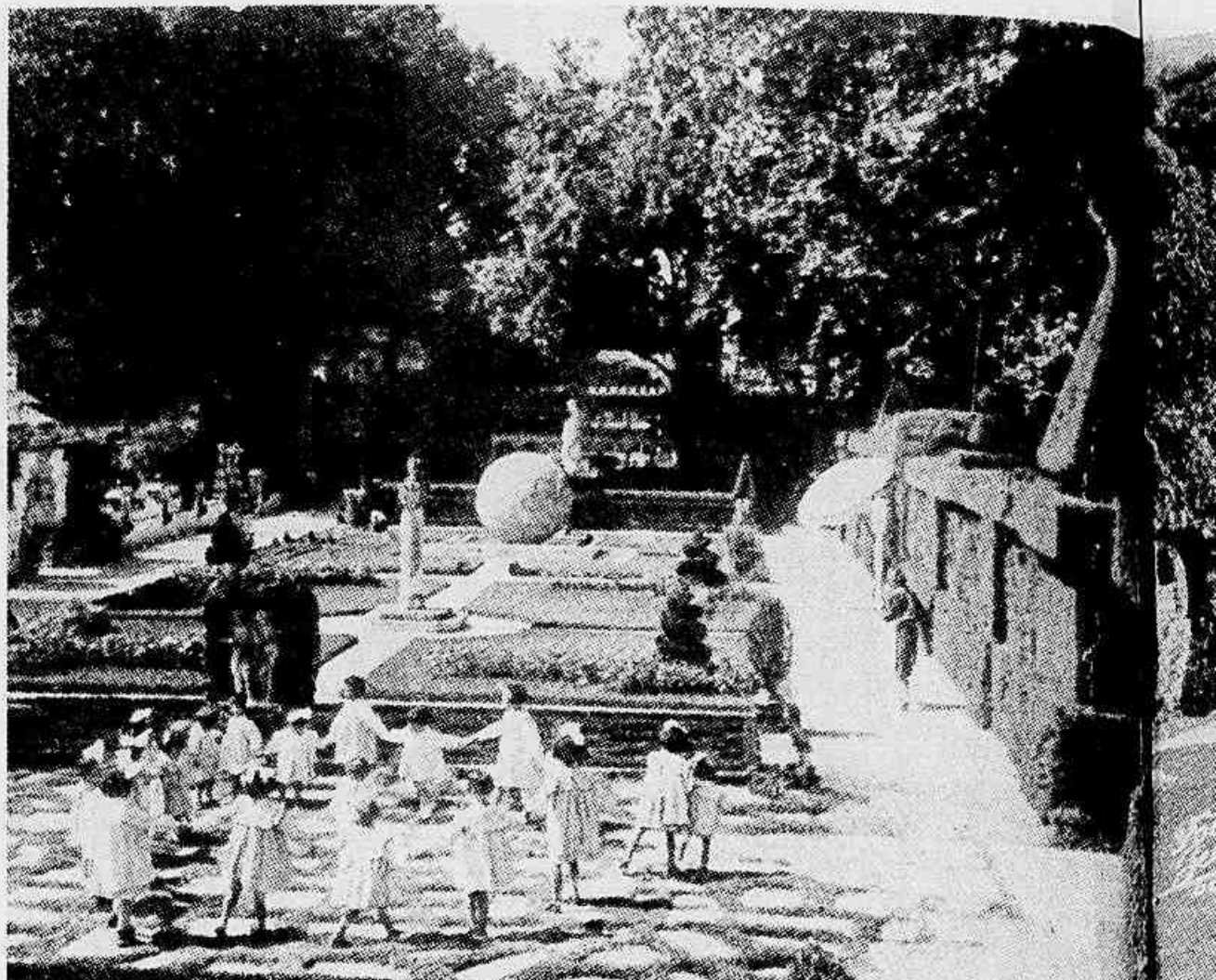
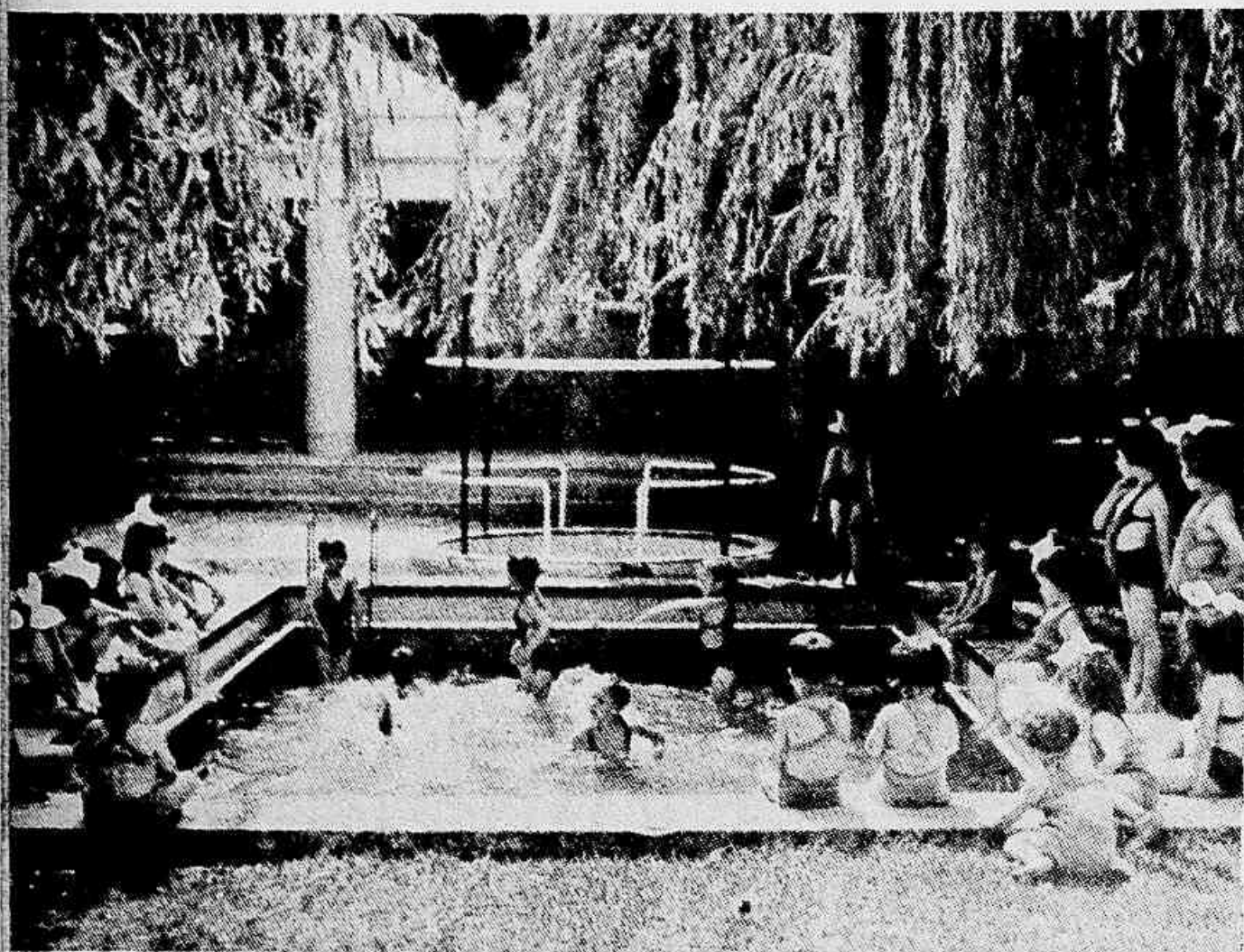
Casa da Criança "D. Maria do Resgate. Salazar — Luso.

É OBRA DO CORAÇÃO

Coimbra — Via Lufthansa — (Da enviada especial da "Revista da Semana", FERNANDA REIS)

REVISTA DA SEMANA — 45

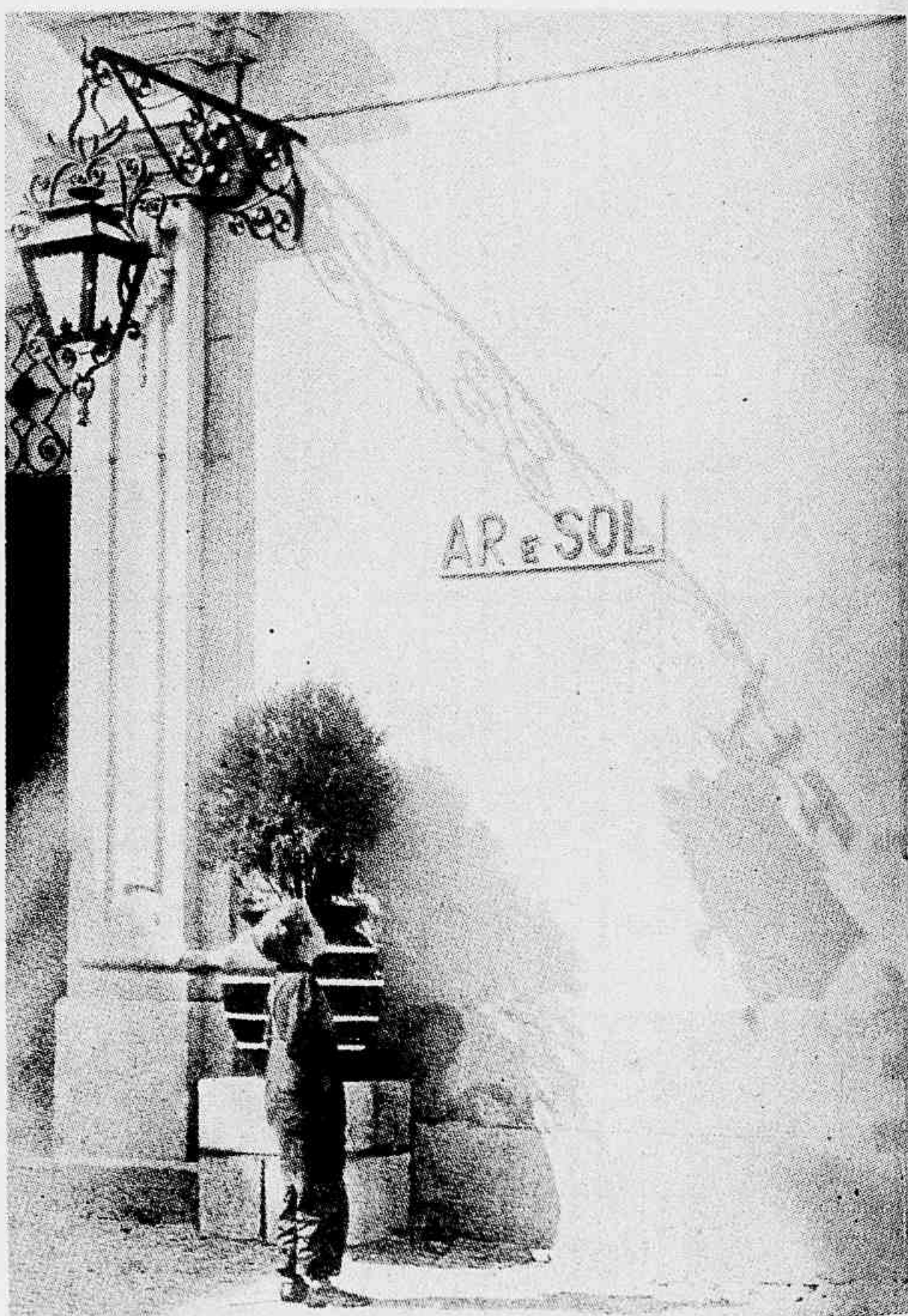
Trouxemos nos olhos e no coração visões de conforto moral esp



"Portugal dos Pequenitos", em Coimbra. Piscina, jardins, recantos bucólicos para a criançada.

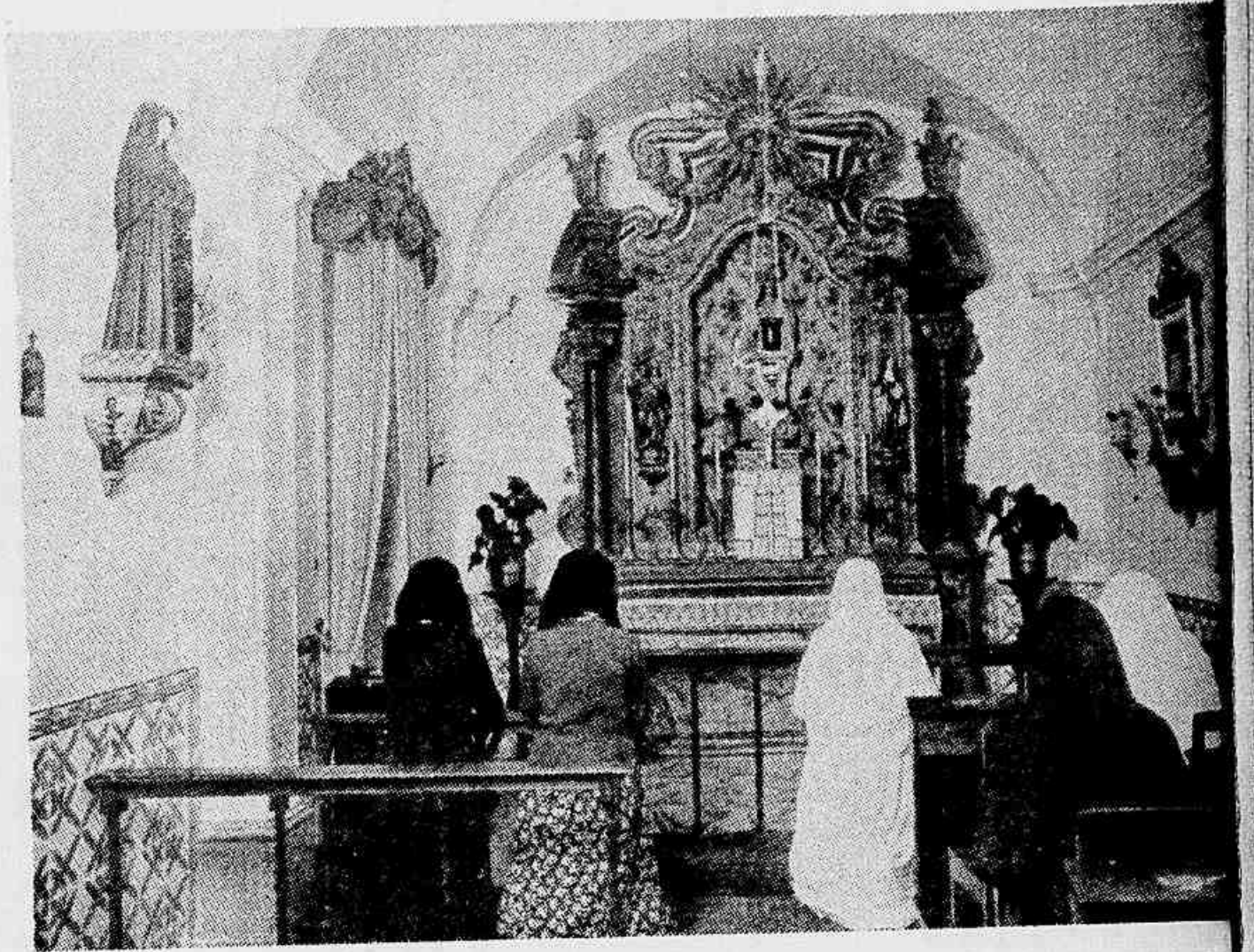
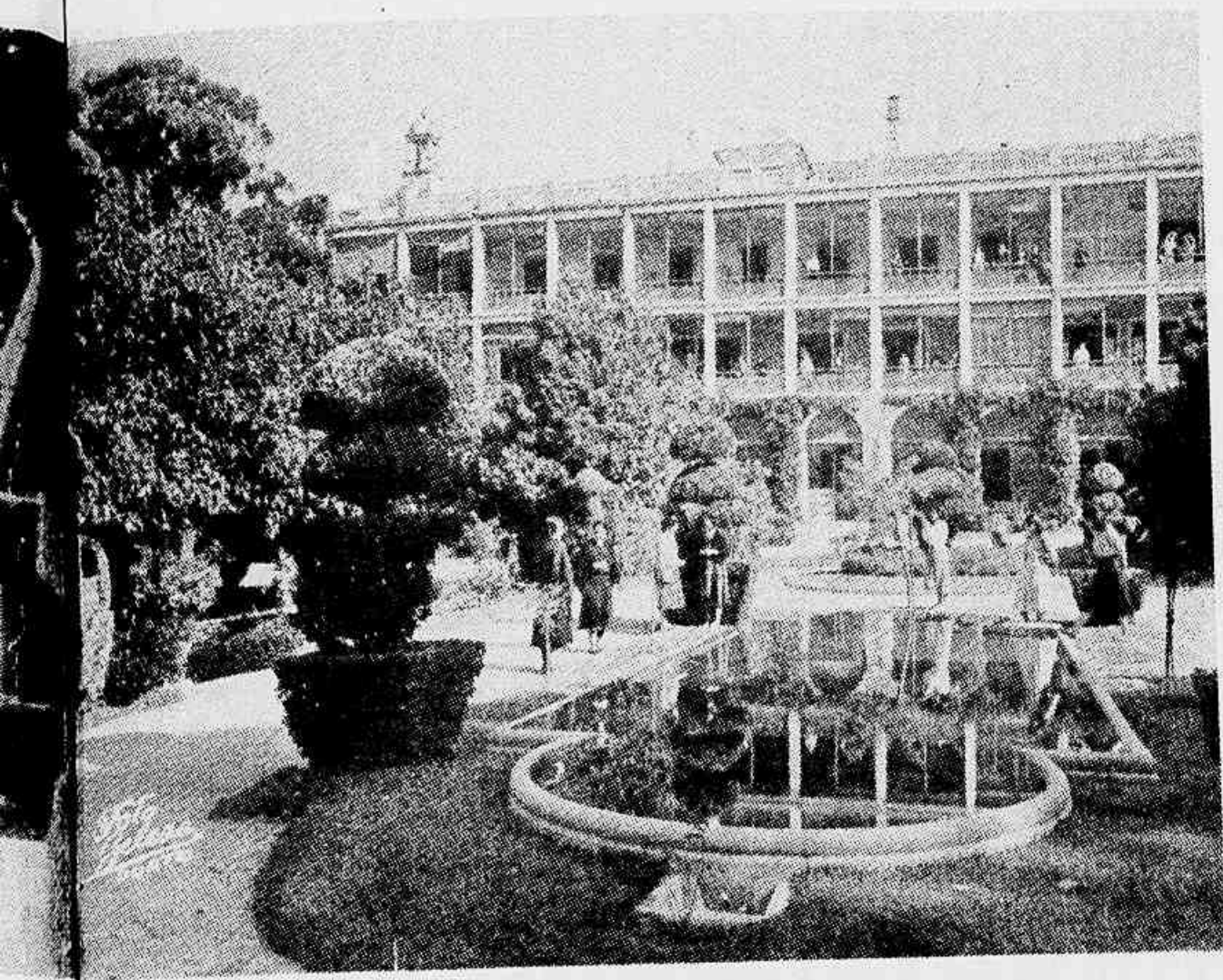
comuns: o Hospital, os Serviços Administrativos e a Capela, construída de forma a permitir a separação dos sãos e dos doentes, assim como a separação dos sexos e ainda o isolamento dos doentes em estado grave. O Hospital, cuja divisa "Charitas Atque Scientia" está inscrita sobre a entrada principal, é a última palavra como estabelecimento moderno. As enfermarias, com 4 a 6 leitos, comunicam com uma galeria coberta, a qual domina os formosos jardins. Existem dois asilos para os doentes. Um para cada sexo. São uma verdadeira bênção para os leprosos estropeados e repugnantes, olhados pelos sãos, com horror e repulsa. Ali eles estão salvos de uma vida errante, dolorosa e plena de amargura. Esta obra do Prof. Bissaya Barreto talvez seja a de maior humanidade. As Casas dos Trabalhadores, são seis ao todo. Para estes doentes o trabalho não constitui somente um fator de energia moral, mas também uma terapêutica que contribui para facilitar a sua cura. Temos a seguir os Centros Familiares onde eles se reúnem para comer, para divertir-se e passar as suas horas de repouso. Têm clubes de recreação, de jogos, grupos folclóricos e esportivos. Do "Hospital Rovisco Pais" fazem parte a Creche, com vinte e quatro leitos, assim como a Casa de Educação e Trabalho, com setenta e quatro, onde são recolhidos os filhos sãos de pais leprosos. A lepra não é hereditária e por isso as crianças são retiradas às mãos logo à nascença a fim de evitar um contágio. É um ato aparentemente cruel, mas necessário. Portugal iniciou, fora do Estado e sobre a direção do Instituto Rovisco Pais de Assistência à Família dos Leprosos, um forte movimento, análogo aquele que no Brasil, onde uma grande senhora, Eunice Weaver — alma de toda a ajuda pró-leprosos da América do Sul — organiza superiormente esta notável cruzada feminina.

E nas vinte e quatro horas que, acompanhada pelo Prof. Bissaya Barreto e a seu convite, visitamos em Coimbra e nos seus arredores a sua notável obra social, trouxemos nos olhos, no cérebro e no coração, visões de conforto moral e espiritual aos que percorrem a vida sem a nossa alegria de vivê-la, aos que mentalmente estão separados de nós, pela invisível cortina de bruma da insânia, e aos leprosos, sobretudo estes, cujas chagas e mutilações não podemos ver sem horror. Ao despedir-me do Prof. Bissaya Barreto, que possui uns olhos cheios de juventude e energia, não pude deixar de o abraçar comovidíssima, sentindo que ao fazê-lo, eu abraçava um mundo inteiro de compreensão, bondade e devotamento por tudo o que traduz falta de saúde, mágoa e sofrimento humano.



Colônia de Férias "Ar e Sol" na montanha, na Beira Litoral.

l espiritual aos que percorrem a vida sem a nossa alegria de vivê-la.



"Hospital Sanatório de Celas", para mulheres e crianças. Capela, galerias de cura e de repouso.



Jardins onde as crianças passavam.



Hospital Rovisco Pais — creche. Desde criança em contato com a natureza.

OS "DEZ MAIS" EM 16 M M

OS «DEZ MAIS» EM 16 M/M

Para sua residência, seu clube, seu colégio, seu cinema, eis aqui a NOVA SELEÇÃO «FRANÇA-FILMES» EM 16 M/M:

«AS DIABÓLICAS» (Les Diaboliques)
com Simone Signoret e Vera Clouzot
— Dir. de H. G. Clouzot

«RIFI» (Du rififi chez les hommes)
com Jean Servais e Magali Noël
— Dir. de Jules Dassin

«SE TODOS OS HOMENS DO MUNDO...» (Si tous les gars du monde...)
com Georges Poujouly e Claude Sylvain
— Dir. Christian Jaque — «O BALÃO VERMELHO» («short» em Technicolor) de Albert Lamorisse.

«COSTUREIRO DE SENHORAS» (Le couturier de ces dames)
com Fernandel e Suzy Delair
— Dir.: Jean Boyer

«DESFOLHANDO A MARGARIDA» (En effeuillant la marguerite)
com Brigitte Bardot e Daniel Gelin
— Dir. de Marc Allegret

«AS MEMÓRIAS DO MAJOR THOMPSON» (Les carnets du Major Thompson)
com Martine Carol e Jack Buchanan
— Dir. de Preston Sturges

«SUBLIME SACRIFÍCIO» (Le long des trottoirs)
com Anne Vernon e Françoise Rosay
— Dir. de Léonide Moguy

«O CASO MAURIZIUS» (L'affaire Maurizius)
com Daniel Gelin e Eleonora Rossi Drago
— Dir. de Julien Duvivier

«A BRUXA» (La sorcière)
com Marina Vlady e Nicole Courcel
— Dir. de André Michel

«A RUA DOS LÁBIOS PINTADOS» (La rue des bouches peintes)
com Françoise Christophe e Paul Bernard
— Dir. de Robert Vernay

FRANÇA-FILMES DO BRASIL S/A

MATRIZ: Rua Santa Luzia, 799 — 15º andar — Tel. 32-7554 — Rio — D. F.

FILIAL: Rua dos Gusmões, 250 - 1º andar - Tel.: 36-6505 - São Paulo - S. P.

AGENTES DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL

LEIAM

EU SEI TUDO

★ CONTOS

★ HISTÓRIAS

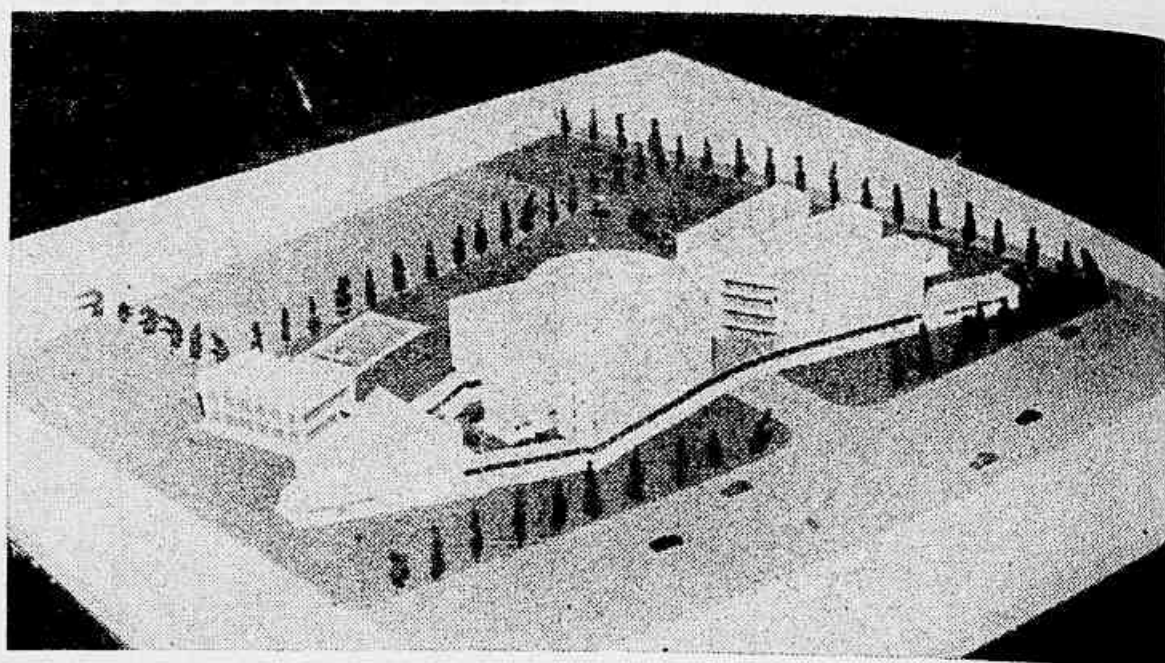
★ ROMANCES

★ CIÊNCIA

★ POLÍTICA, ETC.

Cr\$ 15,00

A VENDA TODOS OS MESES



Maquete do "Falansterio". As obras estão adiantadas.

EXPERIÊNCIA SOCIALIZANTE INÉDITA NAS AMÉRICAS

ALMEIDA FISCHER

ESTÃO SENDO POSTAS em prática num subúrbio do Distrito Federal — em Lucas —, pela primeira vez nas Américas com tal amplitude, as idéias socialistas pregadas, no início do século passado, pelo filósofo, economista e sociólogo francês Charles Fourier, o qual pretendia fazer viverem em comum, num mesmo e gigantesco edifício, cerca de duas mil pessoas. Dentro de uma área de uma légua quadrada, tudo seria de propriedade comum: a terra, as ferramentas de trabalho, os instrumentos, os utensílios domésticos, etc. Um grande prédio abrigaria as duas mil pessoas integrantes da «falange», as quais contarão com uma cozinha comum e um enorme refeitório. Também as salas de estar, os locais de diversões seriam de todos. Cada pessoa possuiria em particular apenas um pequeno dormitório. Tanto a «área de socialização» quanto o edifício de moradia foram denominados por Fourier, que é considerado o «pai do socialismo», de «Falanstério».

Com o objetivo de resolver os problemas de moradia, alimentação e diversão dos trabalhadores do Serviço Gráfico do I.B.G.E., o professor Jurandir Pires Ferreira, catedrático da Escola Nacional de Engenharia, quando na presidência da instituição mandou construir, em terreno onde se encontra localizado o aludido Serviço, um enorme e belo edifício — a que denominou de «Falanstério» — onde tudo pertencerá a todos. Esse gigantesco prédio, dotado de todo o conforto moderno, possuirá amplos salões para diversões, com televisão, rádio, eletrola, tabuleiros para jogos de dama e xadrez, recintos para danças, etc.

Os operários farão suas refeições, preparadas numa imensa cozinha, no amplo refeitório do edifício, o qual também contará, para uso dos seus moradores, com uma grande lavanderia. Os dormitórios, de dimensões bastante exíguas (cerca de quatro metros quadrados), possuirão armários embutidos e somente serão utilizados para o repouso dos trabalhadores, de vez que todas as suas demais atividades serão praticadas em recintos comuns, dentro da «área de socialização» estabelecida. No «Falanstério» funcionarão, ainda, uma biblioteca, um ambulatório médico-dentário, uma creche e uma enfermaria, para internamento de enfermos sem gravidade.

Ao lado do monumental edifício existirão campos de futebol, quadras para tênis, basquete e volei, pistas de atletismo e piscina. Os próprios integrantes da comunidade formarão os quadros para a prática dos diversos esportes e disputarão entre si partidas amistosas e campeonatos internos. Além das piscinas para crianças e adultos, contará ainda a «área de socialização» de Lucas com cinema e teatro. Neste último, não somente companhias profissionais se exibirão, mas igualmente os grupos amadores que se formarem entre os operários. Assim, os trabalhadores do Serviço Gráfico do I.B.G.E., que integrarem a «falange» a se instalar no referido subúrbio carioca, não precisarão se afastar do local de suas atividades profissionais para se divertir, praticar esportes, comer e dormir. Todo o conforto da vida moderna lhes será proporcionado no «Falanstério» ora em construção.

As idéias do «pai do socialismo» foram experimentadas com bom êxito em alguns países do «mundo socialista», que lutavam com o problema da falta de moradia para seus operários e camponeses. Os melhores resultados foram colhidos na Polônia, entre os seus trabalhadores da zona rural. Fora, todavia, das nações socialistas e de alguns países europeus, não se conhece nenhuma concretização das idéias de Fourier, embora algumas comunidades operárias dos Estados Unidos vivam em grandes edifícios e conjuntos residenciais em que muita coisa é de uso comum. A experiência socializante que se processa em Lucas, obedecendo às diretrizes falansterianas pode ser considerada, por sua amplitude, inédita nas Américas, embora no tempo de D. Pedro II tenha havido entre nós a tentativa do Falanstério do Saí, levada a efeito em Santa Catarina.

CIA. ESTANÍFERA DO BRASIL

Fundição e Refinação de Estanho em LINGOTES e VERGUINHAS
Produtores de ligas metálicas e metal patente.

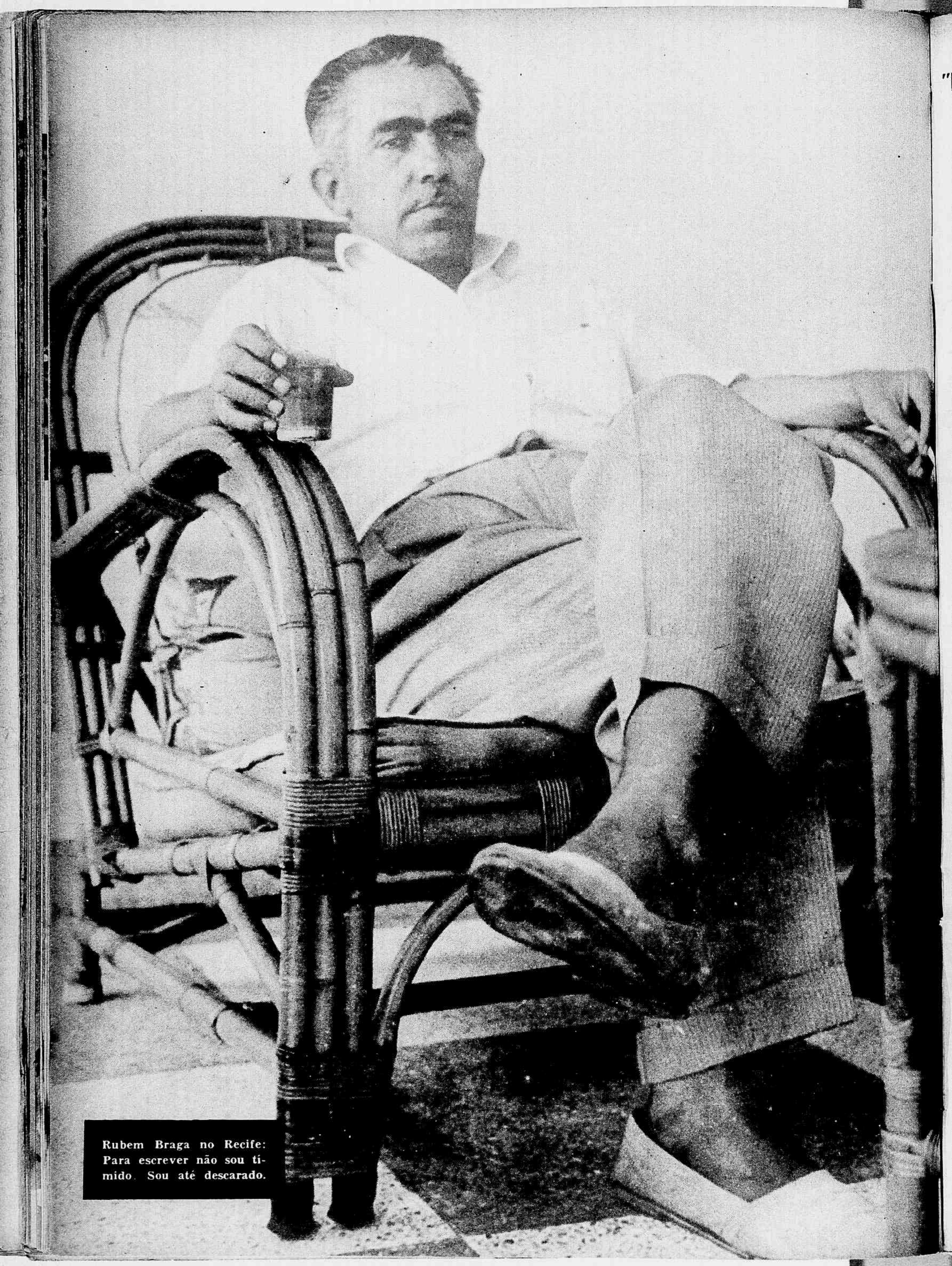


A CIA. ESTANÍFERA DO BRASIL

Mediante o emprêgo de moderna técnica de redução e refino, vem produzindo estanho metálico utilizado no abastecimento interno, com efetivo fortalecimento da economia nacional.

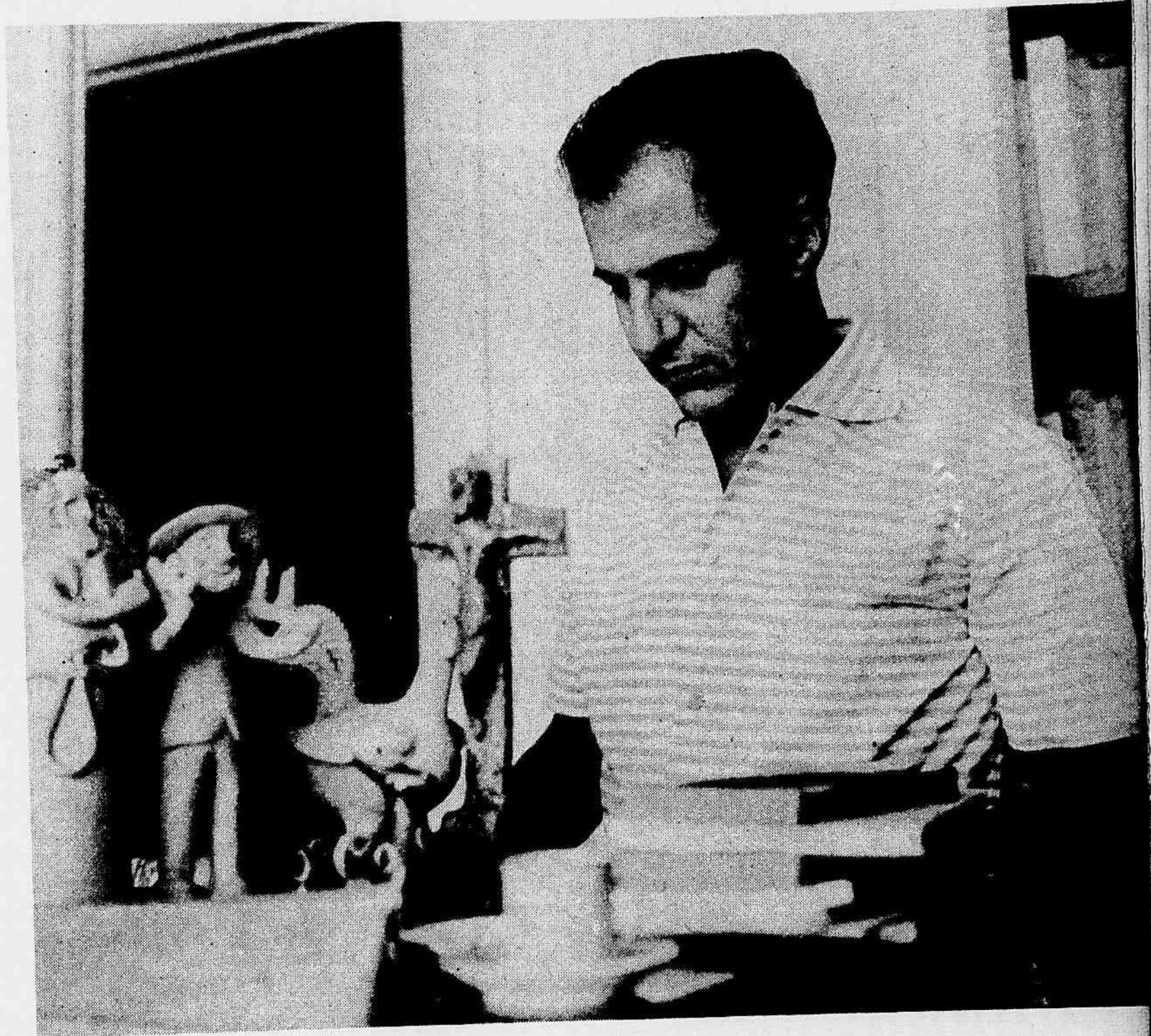
Além do estímulo que o advento desta moderna indústria trouxe à mineração doméstica, a ótima qualidade de seus produtos, aprovada pela sidero-metalurgia nacional e atestada por Institutos Tecnológicos oficiais, confirma o espírito de progresso e a capacidade técnica da indústria brasileira.

USINA
VOLTA REDONDA
ESTADO DO RIO



Rubem Braga no Recife:
Para escrever não sou tí-
mido. Sou até descarado.

"ENCONTRO MARCADO" FOI O MOTIVO...



P.M.C.: Que acho da poesia concretista? Um pouco abstrata. O objeto concreto ainda não foi encontrado.

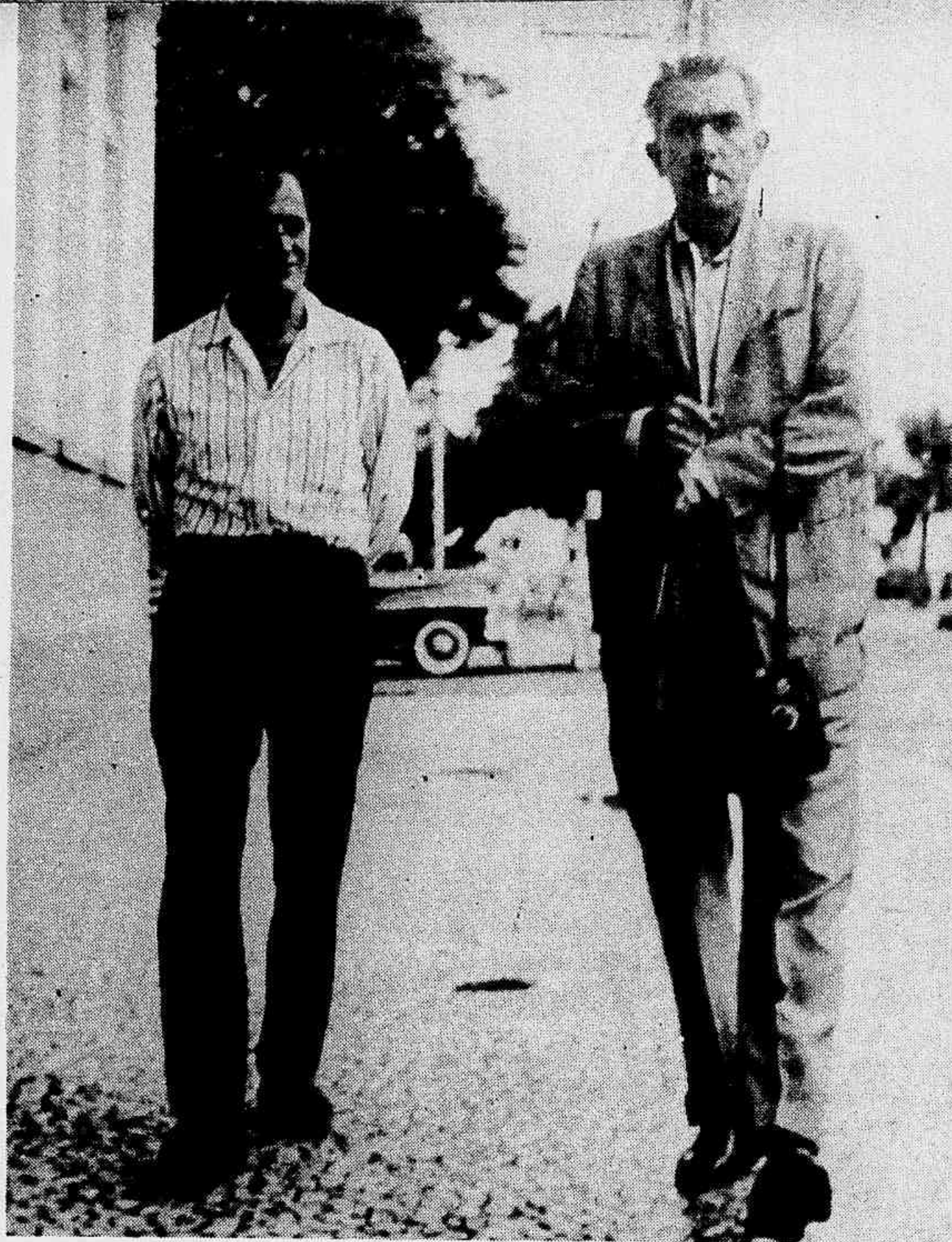
RUBEM BRAGA e PAULO MENDES CAMPOS

RECEBIDOS “hidráulicamente” NO RECIFE

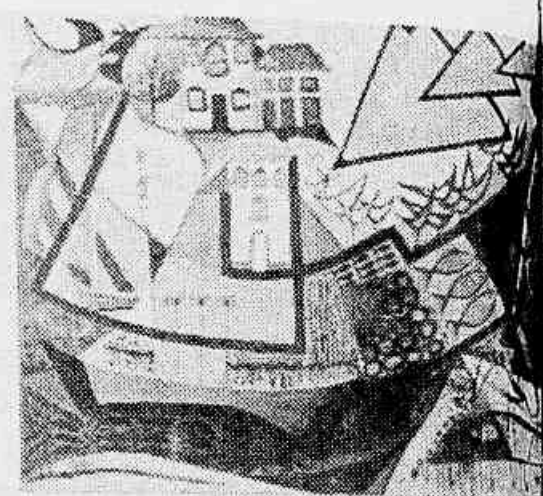
RUBEM BRAGA e Paulo Mendes Campos estiveram em Recife para participar de “ENCONTRO MARCADO”, programa radiojornalístico que vem empolgando, com justa razão, o público ouvinte do Nordeste. E foram êstes, talvez, os convidados a quem maiores homenagens foram prestadas. Já no aeroporto, os autores de “100 crônicas escolhidas” e “O domingo azul do mar”, foram recebidos pelo Antiogenes Chaves (um dos melhores “papos” do Brasil), Luiz Vieira, Francisco Rodrigues Filho, Murilo

Costa Rêgo, Alexandrino Rocha e muitos outros. Sem falar nos admiradores anônimos que foram dar também o seu abraço de boas vindas.

O “velho” Braga e o Paulinho, não tiveram um momento de descanso. Porque todos queriam prestar-lhes as homenagens devidas. Tão logo chegaram ao Aeroporto dos Guararapes, antes mesmo de preencher a ficha do Grande Hotel, o compromisso obrigatório (e mais do que agradável) de todo convidado do pro-



"ENCONTRO MARCADO"



Em Recife, Rubem e P.M.C. passearam pela rua, viram as coleções de arte popular

grama da "Varig": passagem pela casa do Antiogenes, para dois dedos de conversa e para provar (repetindo muitas vezes, é lógico) o uísque com água de côco, casamento dos mais perfeitos, sem dúvida alguma... Depois, o sarapatel na Otilia, para forrar o estômago, a fim de se prepararem para o bombardeio de perguntas ao microfone do "Rádio Jornal do Comércio". E Rubem Braga, que somente uma vez estivera em frente a um microfone, para tossir em um "gingle" de um anúncio de fabricante de xaropes (o que dizia que "os velhos tosem espalhafatosamente"), saiu-se inteiramente aprovado e agradou em cheio aos ouvintes do programa (iniciativa do "Jornal do Comércio" e "Diário da Noite" (de Recife) em colaboração com a REVISTA DA SEMANA). A noite de sábado desses dois ilustres convidados terminou na festa do Aero Clube. Com bom uísque e caju dos melhores, e mulheres não menos idem, a noite foi realmente criança...

Domingo, como nos é difícil recordar o domingo depois de tantas visitas "hidráulicas", como diria o Ibrahim Sued. Mas vamos fazer um esforço de memória: estiveram, de início, na casa do Antiogenes Chaves. Depois passaram em outra. E quase sem parar, chegaram à vivenda de veraneio do Esmaragdo Marroquim, onde ouvíamos dizer que havia duas garrafas de saboroso líquido escocês. Tinha. Terminado o estoque de bebidas e o gelo (o Braga diz que a energia já chega cansada na casa do Esmaragdo porque faz gelo demais na do Antiogenes (localizada antes) deram com os costados na moderníssima residência do casal Luciano Costa, ou melhor, do Lucianinho. Enquanto esperavam a "dobradinha com feijão branco", que o Murilo Costa Rêgo prometera (e mandou demorar bastante, para beberem mais) e que associada com o peixe "a moda da casa", formariam o almoço saboroso que tiveram, todos se deliciavam com a brisa de Boa Viagem, ainda mais agradável quando se tem um copo na mão...

Casa do Abelardo Rodrigues (um dos maiores colecionadores de arte sacra e popular, do Brasil) e jantar no Cabanga, isto já na segunda-feira, foram os últimos programas de Rubem Braga e

Paulo Mendes Campos. E na terça, voltavam os nossos heróis, felizes por trazerem nas cestas, metade do Recife, representado em caju, mangas, abacaxis e lagostas...

Com tudo isso, quase nos esquecemos de transcrever a entrevista que foi feita com Rubem Braga e Paulo Mendes Campos ao microfone do Rádio Jornal do Comércio, que entrou em cadeia, a partir desse dia, com a "Rádio Nordeste" (de Natal) e "Verdes Mares" (de Fortaleza):

RUBEM BRAGA

— Por que você demonstrava um grande desejo de voltar ao Recife?

— Saudade — de muitos amigos, da brisa e dos caju.

— Quais os motivos que fizeram você residir uma vez no Recife?

— Uma encrenca com Assis Chateaubriand (naquele tempo, em 1935, eu era dos "Associados") por causa de uma crônica sobre a Espanha que motivou uma carta de Tristão de Ataíde. Dário de Almeida Magalhães não me deixou sair da Empresa e sugeriu que eu saísse do Rio. Poderia ir para Porto Alegre ou para o Recife. Escolhi o Recife.

— Qual a sua opinião sobre Gilberto Freire, como sociólogo e escritor?

— Como sociólogo não posso julgar. Como escritor para mim é dos melhores do Brasil, com sua prosa ágil e saborosa, cheio de gosto e do cheiro da terra.

— Qual a sua melhor e a pior recordação do Recife?

— A pior foi uma "cana" que levei quando estava doente, às portas da morte. A melhor eu não conto.

— Sobre o discutido busto de Manuel Bandeira, numa rua do Recife, qual a sua opinião?

— Acho que Manuel Bandeira merecia um busto em cada rua do Recife. Mas como poderia complicar o trânsito, um só está bem. Aliás o Mário Mello, que fez a campanha contra o busto, também merecia um busto. Mas de cabeça pra baixo.



arte popular de Abelardo Rodrigues, visitaram velhos amigos. E tomaram pileque.

— Poderia dar aos cronistas novos uma receita para fazer crônicas?

— Não sou conselheiro. Mas para fazer crônicas ou qualquer outra coisa a melhor receita é sinceridade, autenticidade.

— O que acha de Brasília?

— Veio em hora má, mas certamente vai ficar uma cidade belíssima.

— Costuma ler a Bíblia?

— De vez em quando.

— Qual a sua opinião sobre o General Teixeira Lott?

— Sobre certas atitudes suas minhas opiniões são bem conhecidas. Sobre sua pessoa nada posso dizer, pois não tenho a honra de conhecê-lo pessoalmente.

— A quem você se refere quando nas suas crônicas se dirige a Zico?

— A meu amigo Newton Freitas, que por chamar todo mundo de Zico acabou sendo Zico.

— O que acha do projeto do Deputado Carlos Lacerda sobre a reforma do ensino no Brasil?

— Não conheço o projeto do Carlos. Acredito nas linhas gerais traçadas por Anísio Teixeira para essa reforma, que é de toda urgência.

— Como explica, sendo um homem de temperamento tímido introvertido, o fato de dar uma marca pessoal e íntima nas suas crônicas?

— Para escrever não sou tímido, sou até descarado.

— Que acha da atual corrida à lua?

— Por enquanto ainda não tomei parte.

— Acredita nos discos voadores?

— Ainda não.

— Se você fosse filho de papai rico e tivesse portanto meios suficientes para fazer turismo, que programas faria e o que faria nesses programas?

— Misérias...

PAULO MENDES CAMPOS

— Qual o poema que você não esquece?

— Muitos. Entre eles, "Elegia 1938" de Carlos Drummond de Andrade.

— Que acha da poesia concretista?

— Um pouco abstrata. O "objeto concreto" ainda não foi encontrado, embora a teorização seja brilhante.

— Qual o seu livro de cabeceira?

— Na minha cabeceira estão os livros que estou lendo ou consultando no momento. Nenhum permanece indefinidamente.

— Algum fato curioso ou engraçado em sua vida que possa contar?

— Muitos. Às vezes, eu os conto em minhas crônicas.

— Quantos livros já escreveu?

— Um, dois, três ou quatro.

— Qual o seu poema de maior sucesso até hoje?

— Não sei se algum deles chegou a fazer sucesso.

— Gosta de futebol? Qual o seu clube no Rio?

— Sou tarado por futebol e pelo Botafogo.

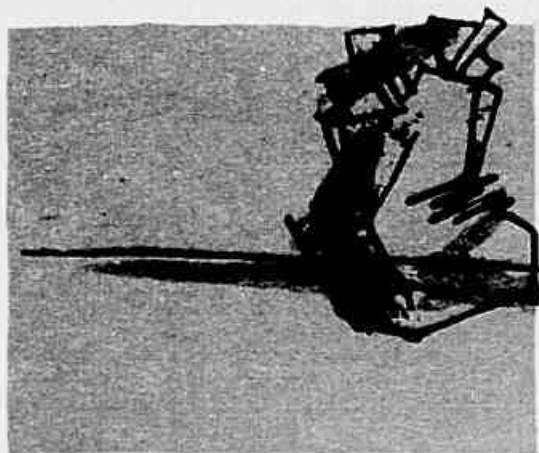
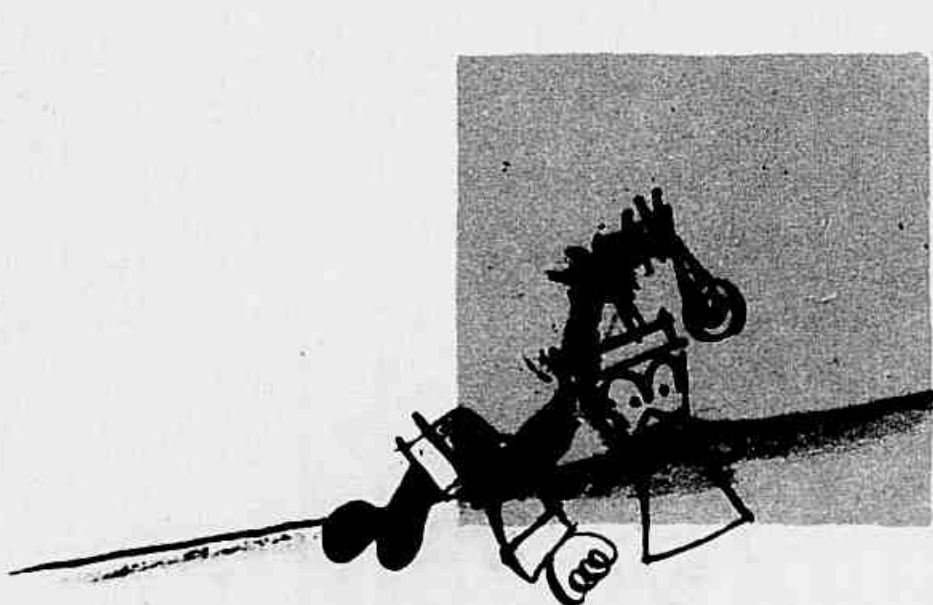
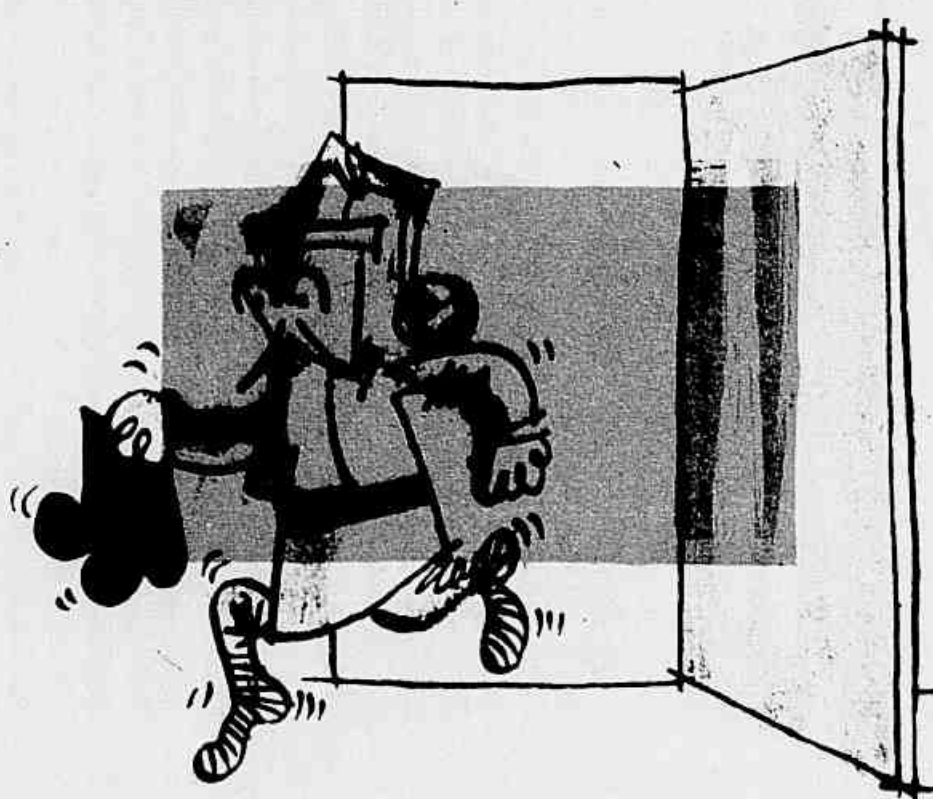
— Nesse caso, qual o jogador que mais lhe impressionou até hoje?

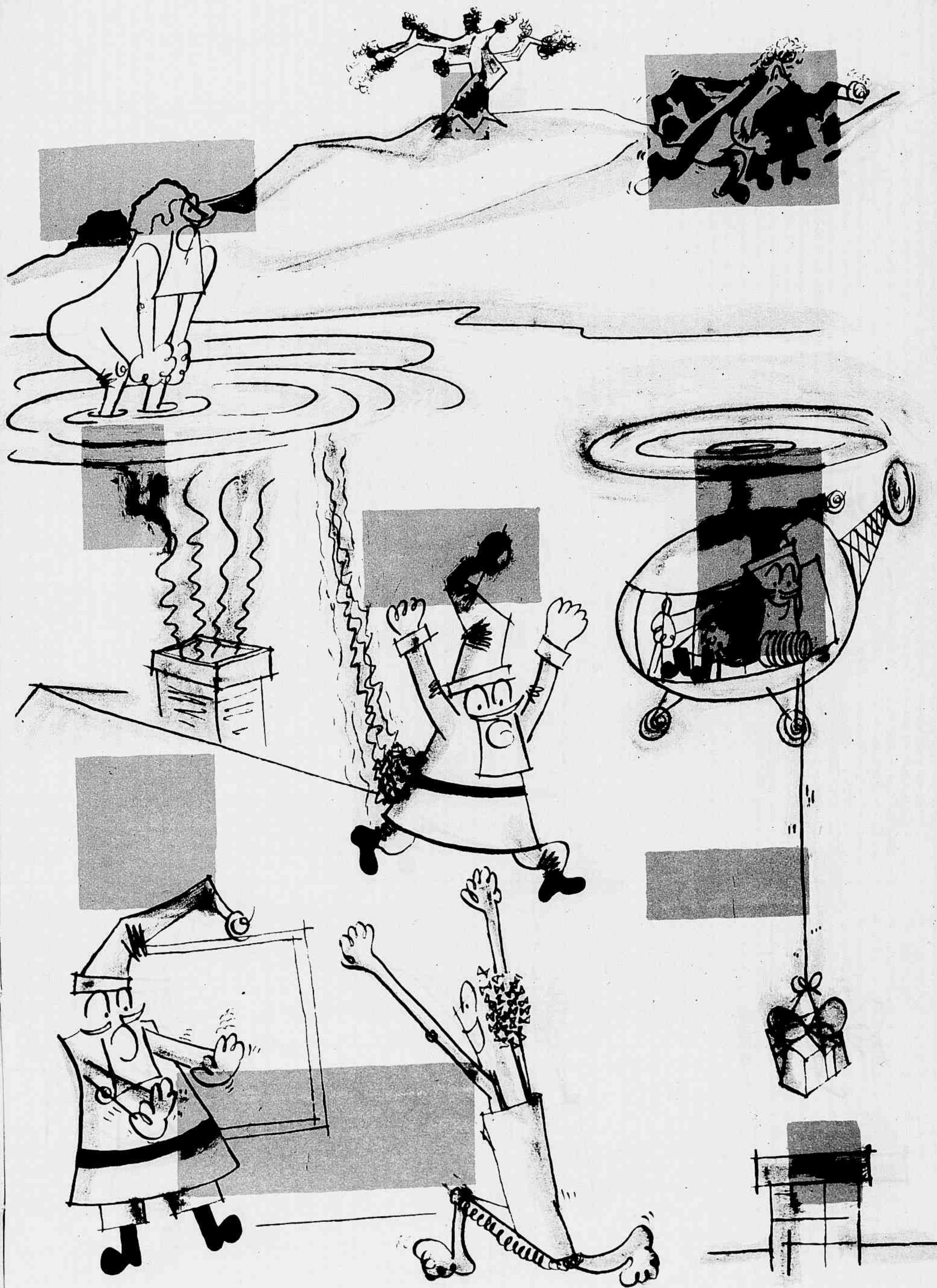
— Garrincha; por fazer o impossível. Quem não se impressionar com Garrincha, não se impressionará com qualquer outra coisa em matéria de futebol.

— Quais as figuras das letras e do jornalismo nacional cuja presença você acha indispensável a uma reunião?

— Não acho ninguém indispensável a coisa nenhuma; as reuniões mais agradáveis a que tenho ido são aquelas nas quais encontro os meus amigos, quer sejam figuras nacionais ou não. Contudo, a presença de Luís Lopes Coelho, Di Cavalcanti, Virícius de Moraes, é sempre um fator de alegria numa festa.

MAURO
IVAN





COMPANHIA DE SEGUROS ALIANÇA DA BAHIA

SEGUROS DE INCÊNDIO, TRANSPORTES E ACIDENTES PESSOAIS

Capital e Reservas..... Cr\$ 297.441.555,90

Sede: SALVADOR, Estado da Bahia

Agência Geral no Rio de Janeiro: RUAS SÃO JOSÉ, 90-15° e
RODRIGO SILVA, 7-loja — Telefone: 52-6146

MADEIRAS E MATERIAIS PARA
CONSTRUÇÃO

ALBINO MESQUITA & CIA.

RUA BELA, 186 a 194 (Próximo ao Campo de
São Cristóvão)

Telefones: 54-1937 e 54-3921 — RIO DE JANEIRO

REVISTA DA SEMANA



Cr\$ 10,00

Em todo o Brasil

COOPERATIVA DOS FUNCIONÁRIOS DO BANCO DO BRASIL

Uma das mais bem organizadas e orientadas instituições cooperativistas que funcionam nesta cidade, é, sem dúvida, a COOPERATIVA DOS FUNCIONÁRIOS DO BANCO DO BRASIL.

Localizada na Travessa Dr. Araújo, 115 — Praça da Bandeira, possui permanentemente a Cooperativa um grande e variado estoque de mercadorias da melhor qualidade, para vender aos funcionários do nosso principal estabelecimento de crédito, aos mais baixos preços do mercado e mediante determinadas facilidades. A eficiente administração do Sr. Manuel Tiradentes Vieira, manda a justiça que se proclame, colocou a Cooperativa dos Funcionários do Banco do Brasil num elevado nível de prosperidade e conceito.

PUXE PELO CÉREBRO

Contagem dos pontos: 10 perguntas certas — excelente; de 7 a 9 — muito bom; 6 a 8 — bom; 4 a 5 — fraco; 1 a 3 — medíocre; 0 — o fim.



- 1 — Detalhe de "Madona ao trono com anjos e santos", reproduzido na foto ao lado, é de:
— Botticelli?
— Giotto?
— Michelangelo?
- 2 — Qual o caricaturista brasileiro, hoje morto, que criou nas páginas de nossos jornais e revistas as célebres "melindrosas" dos anos 20:
— J. Carlos?
— Calixto?
— Raul Pederneiras?
- 3 — Irving Berlin, conhecido compositor popular americano, é autor de qual destas canções de Natal:
— Oh, holy night?
— Jingle bells?
— White Christmas?
- 4 — Carlota Joaquina, mulher de D. João VI, empreendeu contra o marido, para derrubá-lo do poder, dois movimentos rebeldes. Um deles chamou-se a "Vilafrancada", o outro:
— Novembrada?
— Setembrada?
— Abrilada?
- 5 — Detalhe de "A madona do livro", que reproduzimos na foto, foi concebida por um grande pintor italiano. É ele:
— Tiziano?
— Foppa?
— Rafael?
- 6 — A divisão da semana em sete dias foi criada por uma das mais antigas civilizações da humanidade, a da:
— Caldéia?
— Assíria?
— Babilônia?
- 7 — Foram os alemães os introdutores do expressionismo cinematográfico. Um célebre e revolucionário filme de 1925 é considerado o precursor do movimento na tela. Chama-se ele:
— O Vampiro de Dusseldorf?
— O gabinete do Dr. Caligari?
— O gabinete das figuras de cera?
- 8 — Somente no século XIX a França, depois de grandes lutas, conquistou possessões na África. O primeiro território ocupado foi o da Argélia. Em que ano:
— 1810?
— 1830?
— 1860?
- 9 — Mondar significa:
— Desramar?
— Compor?
— Obtestar?



- 10 — Detalhe de belíssima tela reproduzida na foto, "O presépio", é obra de:
— Piero di Cosimo?
— Piero della Francesca?
— Bellini?

RESPOSTAS DO TESTE: 1 — Botticelli; 2 — J. Carlos; 3 — White Christmas; 4 — Abrilada; 5 — Vincenzo Foppa; 6 — Caligari; 7 — O gabinete do Dr. Caligari; 8 — 1830; 9 — Desramar; 10 — Piero della Francesca.

VARIADA E PROVEITOSA

A ATUAÇÃO DO INSTITUTO

DO AÇÚCAR E DO ÁLCOOL

VITÓRIA DAS MAIS assinaladas acaba de conquistar o Brasil em Genebra onde, no decurso da Conferência Internacional do Açúcar, convocada sob os auspícios da Organização das Nações Unidas, lhe foi atribuída a quota de exportação anual de 550 mil toneladas. O nosso País se havia afastado, há tempos, do primitivo Acôrdo Internacional do Açúcar, por não lhe haver sido reconhecido o direito de figurar entre os grandes abastecedores do mercado mundial do produto. A circunstância de haver alcançado agora tão expressiva quota de fornecimento equivale, portanto, a uma reparação e ao reconhecimento pelos países produtores da privilegiada posição por nós conquistada em matéria de produção de açúcar.

Cabe destacar que essas vendas para os mercados externos são realizadas sem qualquer sacrifício do abastecimento interno, que continua a se processar de maneira mais regular. Embora o consumo de açúcar venha crescendo no Brasil de forma particularmente animadora, todos os suprimentos reclamados pelos diversos centros consumidores vêm sendo entregues regularmente. Pode-se mesmo dizer que o açúcar é dos gêneros de primeira necessidade aquele cujo abastecimento se processa livre de sobressaltos e por preços perfeitamente suportáveis pelos consumidores. Semelhante resultado é o fruto da política canavieira vigente no Brasil e que vem sendo aplicada, há mais de vinte e cinco anos, pelo Instituto do Açúcar e do Alcool. Baseia-se tal política no intervencionismo estatal com o propósito de preservar o equilíbrio estatístico isto é o ajustamento da produção às reais possibilidades do consumo. Para que semelhante objetivo possa ser mantido a produção é disciplinada, sob a forma de quotas atribuídas às usinas em funcionamento. No entanto, em momento algum semelhante disciplina ou seja o contingenciamento da produção se traduziu em escassez do produto ou em dificuldades ao desenvolvimento da produção. Muito pelo contrário, foi nos quadros da política canavieira vigente a que a produção de açúcar e a de álcool experimentaram um desenvolvimento sem precedentes.

Nunca será demais repetir, com efeito, que ao ser criado o Instituto do Açúcar e do Alcool, em 1933, a produção brasileira de açúcar de tipo usina não atin-

gia a dez milhões de sacas ao passo que atualmente, na safra em curso de 58/59, deverá subir a quase 45 milhões. Da mesma forma com o álcool, que àquela época não somava 37 milhões de litros de todos os tipos e na safra vencida, de 1956/57, passou a ser dos 252 milhões de litros. Em relação ao álcool é de interesse destacar que à época de fundação da autarquia alcooleira a produção do tipo anidro era de apenas 100 mil litros, obtidos em uma única fábrica, ao passo que na safra antes citada a produção excedeu de 104 milhões de litros. Dessa forma tendo amparado a agro-indústria da cana-de-açúcar e animado o seu desenvolvimento logrou o Instituto do Açúcar e do Alcool o rendimento apontado de garantir o abastecimento regular do mercado interno e de criar as condições para uma reconquista dos mercados externos. Hoje o açúcar voltou a figurar na pauta das nossas exportações, com a vantagem de assegurar suprimentos apreciáveis de divisas para o País, numa hora em que a crise cambial assume proporções particularmente sérias.

A ação desenvolvida pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, embora dominante no capítulo do amparo a produção, não se restringe a esse setor. Em outros igualmente é sensível a influência da autarquia, particularmente no da assistência aos trabalhadores e suas famílias. Graças à atuação da autarquia canavieira existe hoje no Brasil um vasto plano assistencial aos trabalhadores industriais e rurais e respectivas famílias, que permitiu a construção e instalação, nas diversas regiões canavieiras, de hospitais, ambulatórios, centros médicos que vêm prestando assinalados serviços à preservação da saúde de milhões de patricios. Também no setor cultural a atuação do Instituto do Açúcar e do Alcool tem se feito sentir através de um movimento editorial de larga envergadura. Últimamente vieram a lume alguns contendo documentos inéditos sobre a história do açúcar e que ajudarão a melhor definir e compreender a civilização do açúcar no Brasil. Ainda no setor cultural deve ser apontado o Museu Nacional do Açúcar, em organização, e cujo futuro funcionamento no Recife constituirá um elemento de inestimável valia para a melhor apreciação do papel da cana-de-açúcar no desenvolvimento da nacionalidade brasileira.

Funcionário municipal.

Faça a

HABILITAÇÃO

PRÉVIA

e poupe
à família
demora no
recebimento
da pensão

Montepio dos Empregados
Municipais
Av. Presid. Vargas, 1248

TODOS OS MESES

EU

SEI

TUDO

- ♦ SEMPRE
- ♦ BOA
- ♦ LEITURA
- ♦ PARA
- ♦ VOCÊ

PREÇO: Cr\$ 15,00



AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE



JÁ FALEI sobre o mau costume que entra em moda no Rio e em São Paulo: convidados amanhecem na residência dos seus anfitriões, para fechar no breakfast a reunião iniciada com o jantar do dia anterior. Ora, acampar de oito às oito em casa alheia, além de não obedecer as regras de bom tom é coisa grotesca. Principalmente para as senhoras, cuja elegância e cuidados de make-up exigem cuidados especiais, a fim de que o sol da manhã não as surpreenda em situação difícil. Casa de família não é lugar dessas maratonas. Para esticadas aí está o Sacha's dando sopa, de sete às sete, com direito a prorrogação...

FOI UM SUCESSO a "retrospectiva" promovida pelo dr. Ivo Pitanguy, reunindo num coquetel as suas obras primas. Faltou apenas um catálogo, para melhor orientação dos convidados.

DE BANDA BRANCA, semana passada, o fabricante de simpatia Aloysio de Salles. Dois dedos recauchutados em gaze denunciavam alguma travessura...

COSOPANDO, em alto estilo, o embaixador Edmundo da Luz Pinto, designado para integrar a Cosopa — Comissão de Salvação da Opa.

A PROIBIÇÃO de falar em Portugal chocou profundamente a Júlio Mesquita Filho. O veterano jornalista, apesar dos pesares salazaristas, sempre poupou muito a ditadura lusa no "Estadão", em nome de sua grande paixão por Portugal, sua gente e suas coisas.

CHORANDO MAGOAS numa entrevista sobre a carestia da vida encontramos num semanário Eunice Modesto Leal, dando conta do seu orçamento doméstico e de suas manobras de feira. Pelas cifras citadas não vemos razão para muita lamentação. Até que a Eunice gasta pouquíssimo, para uma pessoa da sua representação. As queixas devem correr por conta da tradicional pão-durice dos Modesto Leal, que já deve ter contaminado a nossa Eunice...

OS DONOS DE JORNAIS, a exceção do Chatô, é claro, não olham com bons olhos a televisão, que encaram como veículo concorrente de suas respectivas folhas. O sr. João Dantas, porém, deve ser fã da TV. Pelo menos deu um aparelho como presente de casamento ao jornalista Luciano Martins de Almeida, que se casou com a filha do Mário Pedrosa, a simpática Verinha.

A EUFORIA demonstrada pelo deputado Ranieri Mazzili durante o casamento de sua filha, dava gosto. A impressão exata era de que o Mazzili estava casando pela segunda vez...

A NOTÍCIA de que a Duquesa de Kent nos visitará em março próximo, traz para

o calendário de 1959 um acontecimento de real importância, abrindo a temporada social post-veraneio em grande estilo. Trata-se de uma dama que pela sua linhagem e elegância pode e deve movimentar aquilo que de melhor a sociedade brasileira possui. Mas vamos ver quem o Itamarati convoca para as reuniões de que a Duquesa participar. Família real britânica não é Perla Mesta, assim como sociedade não é café-society...

UM BANQUEIRO carioca ficou tão entusiasmado com a visita que fez a Paris, tão serelepe, que decidiu voltar ao Claude Auger e tomar aulas de francês. Nunca é tarde demais para as grandes descobertas.

APAIXONADO por um belíssimo carro exposto numa agência de Copacabana, Sávio Gama arrepiou carreira quando lhe pediram mais de três milhões e meio pelo carro. Dois minutos depois o dono do "Bem", tranquilamente arrematava a têta. Vamos ter aumento certo no galletto...

É UM ABSURDO esta idéia de aterrar a Lagoa Rodrigo de Freitas no trecho fronteiro ao Cantagalo para se oferecer, de mão beijada, terrenos a um estúdio de televisão. A Lagoa, um dos recantos mais lindos e atraentes da cidade, vem sendo progressivamente destruída pela imbecilidade dos administradores municipais. Não creio que o prefeito Sá Freire Alvim queira assumir a responsabilidade de aterrar justamente um dos setores mais bonitos da Lagoa, passando à história municipal como coveiro de um dos nossos encantos turísticos. Mas se estiver na marmelada dêste atêrro, só há um recurso: vamos organizar uma frente única dos amigos da Lagoa na imprensa e botar o prefeito na berlinda. É preciso que o crédito de confiança concedido ao nosso alcaide não lhe suba à cabeça.

JANTAVA-SE cerimoniosamente, black-tie, roda de primeiro time. Em meio ao primeiro prato um respeitável senhor, infelizmente já meio gagá, resolveu falar nas sete mulheres de famoso barba-azul verde e amarelo. Logo ao início da recapitulação dos matrimônios um gelo baixou na sala e várias pessoas iniciaram várias conversas laterais. O bom homem, contudo, nada percebeu e foi adiante, identificando todas as mulheres, menos a n. 4. E dizia: "Eu sei quem ela é! Eu sei, mas não consigo me lembrar..." Por baixo da mesa, caneladas tentavam inutilmente advertir o desmemoriado importuno. A cena prosseguiu durante todo o jantar e o mal estar ameaçava prosseguir pelo resto da noite. Ao que parece, entretanto, a hostess chamou o seu convidado a um canto e lhe disse: "Você não precisa continuar puxando pela memória, fulano. A n. 4 fui eu mesma..."

TUDO AZUL, com Ivone Lopes. Pelo menos no cabelo, que circulava levemente azulado na semana passada. O vestido também tinha bolinhas brancas.

A SEMANA TAMBÉM DEIXOU ESTAS LEMBRANÇAS



PETER TOWNSEND, AGORA GALÁ DE CINEMA, RECUSA-SE A FALAR DE AMORES

Chega ao Rio o cel. Peter Townsend, o homem cuja grande glória consiste em ter feito bater descompassadamente o coração da complicada princesa Margaret. Acompanha-o uma equipe de filmagem de dez pessoas, pois está o coronel rodando um filme de uma hora e 40 minutos, em cores, fotografado em seis continentes. Baseado em seu livro "Better than a known way", o filme se chamará, em francês, "Le Voyage du bout du Monde" e o famoso coronel, além de sócio na organização, participará da película, como ator, fazendo a sua própria pessoa. No Brasil serão filmados aspectos do Rio de Janeiro e de Brasília.

Peter, que vem ao Brasil pela segunda vez, seguirá daqui para a África do Sul, depois para o Saara, regressando finalmente à Europa.

Como componente da caravana do coronel veio também a simpática francesinha Marie-Luce Jamagne, ajudante de fotógrafo, que a imprensa vem apontando como sua futura esposa. Mas, a respeito de seus amores com Marie-Luce, Peter foi categórico: "Não tenho pretensão de casar-me com quem quer que seja e ninguém pretende casar-se comigo."

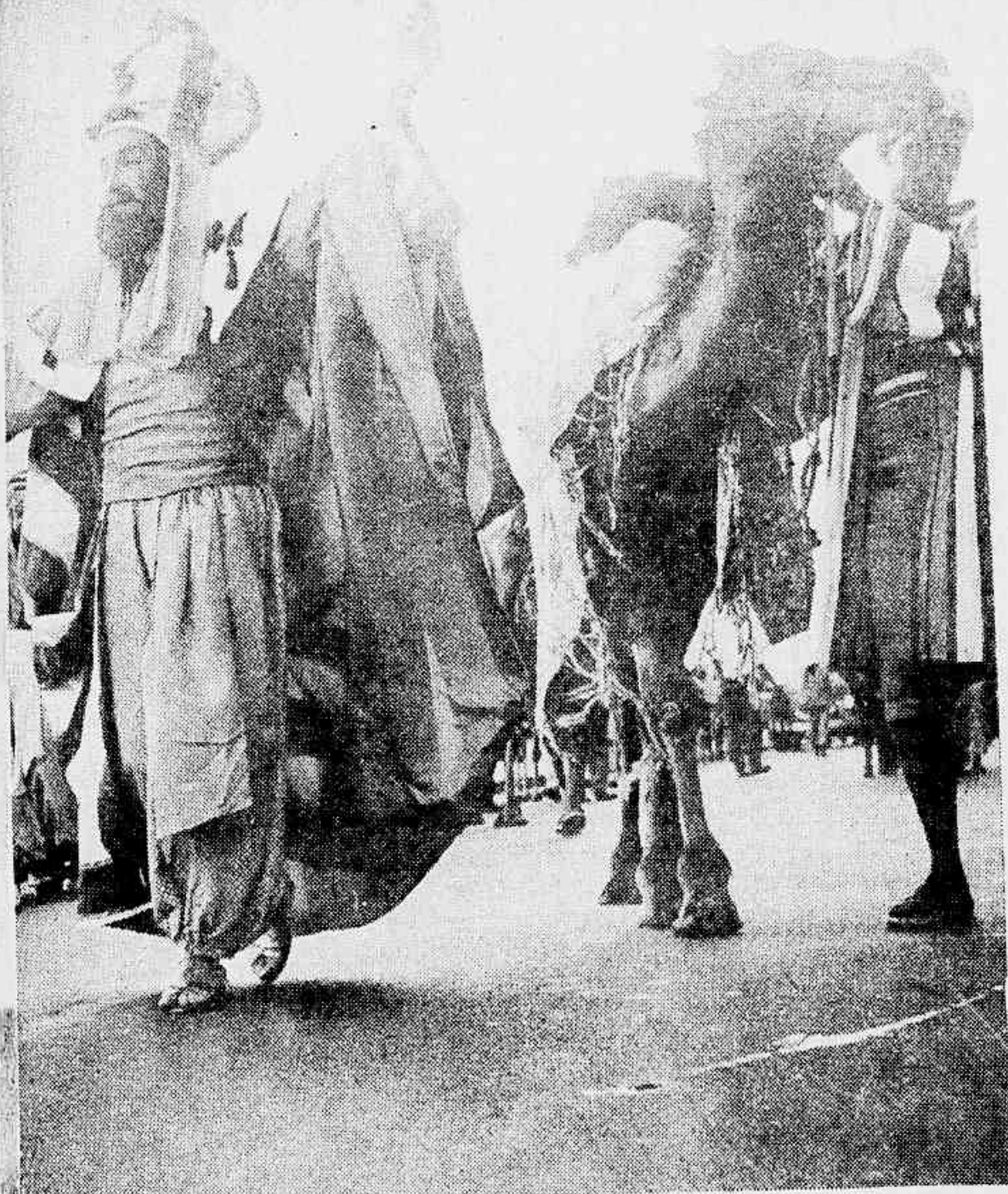


SARDENBERG E FLEUISS DESBANCARAM JANARI E ALEXÍNIO

Apesar de toda a agitação que se tentou fazer em torno de sua orientação administrativa, a Petrobrás continua produzindo, e muito. Enquanto isto, a crise de cúpula, traduzida pelos desentendimentos entre Janari Nunes e Alexínio Bittencourt, chegou ao fim com a demissão de ambos. Assim, terminando a semana que passou, tivemos a posse dos dois novos donos do assunto petróleo brasileiro. São eles Idílio Sardenberg (Petrobrás) e Henrique Fleuiss (CNP). As cerimônias de posse se realizaram no mesmo dia, quinta-feira, 11, com apenas uma hora de intervalo. Nos discursos proferidos ficou claro que o mais desejado no momento é uma integração entre Petrobrás e CNP, para solidificar o eixo que une os dois órgãos e que se abalou nos últimos tempos com a discórdia reinante. Sardenberg usou frase expressiva para externar esta preocupação: "Petrobrás e CNP devem constituir uma só trincheira". Onde se vê que a guerra do petróleo ainda existe no Brasil, embora as bombas só explodam nos bastidores, por medo à opinião pública...

VILA LÔBOS BRILHA NO RIO E EM NOVA IORQUE

O maestro brasileiro Heitor Vila Lôbos recebe, das mãos do diretor da Universidade de Nova Iorque, juntamente com mais cinco ilustres personalidades brasileiras, o diploma de doutor Honoris Causa. Ao mesmo tempo, no dia 13 de dezembro, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é levada em première internacional de grande gala a sua ópera "Mihbat".



OS REIS MAGOS DESFILAM EM COPACABANA

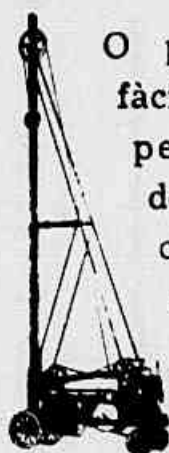
Em seus belos trajes orientais, desfilam pelas ruas de Copacabana os três reis magos transportando, em sua imponente caravana, Ouro, Incenso e Mirra. A multidão correu para presenciar o desfile, organizado pelo "Correio da Manhã", e que a garotada assistiu, maravilhada. Camelos ajaezados, burros carregados de mercadorias, os pretos luzidios com seus pitorescos turbantes — deram uma visão nova à tarde carioca. O desfile continuará por outros bairros do Rio, bem como pelos subúrbios mais afastados e pelas cidades fluminenses — encerrando-se, finalmente, nas vésperas do Natal.

CAMPEONATO BRIGITTE

Repetindo 1946, quando quatro clubes terminaram empatados em primeiro, sagrando-se vencedor o Fluminense, na decisão teremos, este ano, um supercampeonato. Naquela ocasião, o supercampeonato foi apelidado de Gilda, pois Rita Hayworth era o nome feminino do ano, virando a cabeça do mundo inteiro, inclusive a do fabulosamente rico Ali-Khan. Em 58, o supercampeonato já está sendo chamado de Brigitte Bardot, com toda a justiça. O Vasco teve duas grandes chances para arrebatá-lo o título por antecipação, mas não as aproveitou. Foi derrotado pelo Botafogo e Flamengo, consecutivamente, quando lhe bastava o empate para o triunfo final. Em consequência, Vasco, Flamengo e Botafogo disputarão agora, a três, uma sensacional fase extra decisiva, que deverá produzir arrecadações astronômicas, apesar do renitente e colossal calor que se apoderou da cidade.



ÁGUA EM ABUNDÂNCIA



O problema da água é facilmente resolvido com perfurações de poços, de 6" a 10" de diâmetro, obtendo-se milhares de litros horários.

Possuimos máquinas e pessoal habilitado, especialmente treinado na Svenska Diamantbergborrnings A/B, de Estocolmo, Suécia, para trabalhar em qualquer ponto do país.



CIA. T. JANÉR

COMERCIO E INDUSTRIA

SEÇÃO DE ENGENHARIA "CRAELIUS"
Avenida Rio Branco, 99-11 - Tel: 23-5931 - Rio de Janeiro

IA-808

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



CAMPAINHA

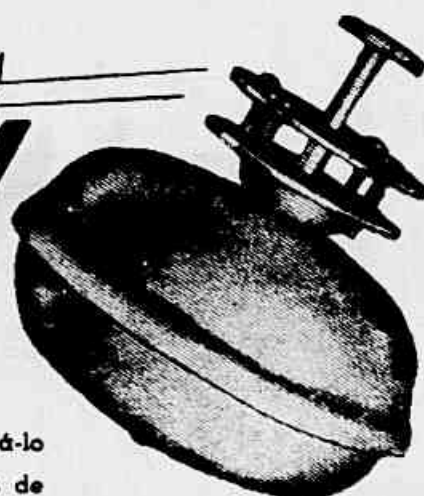
DIN-DON

COMPLEMENTO AGRAVAVEL
DE SUA BUZINA!

- ★ Alerta o pedestre sem assustá-lo
- ★ Pode ser usada nas «zonas de silêncio»
- ★ Adaptável a todos os tipos de veículos
- ★ ECONOMIZA A BATERIA

NOVIDADES sempre uteis só na
A milionária do Castelo

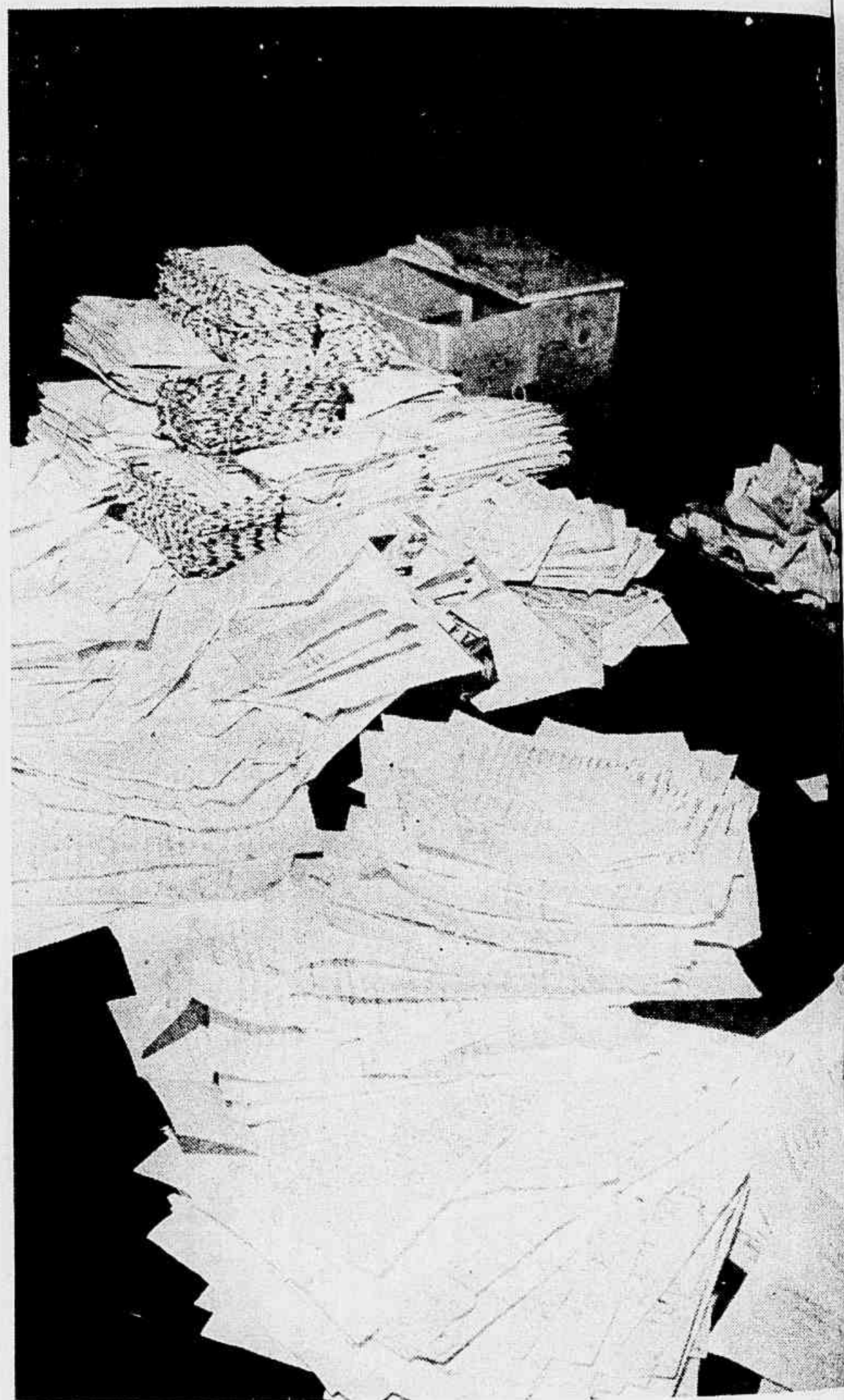
RUA MÉXICO, 98-A — Tel: 22-1000



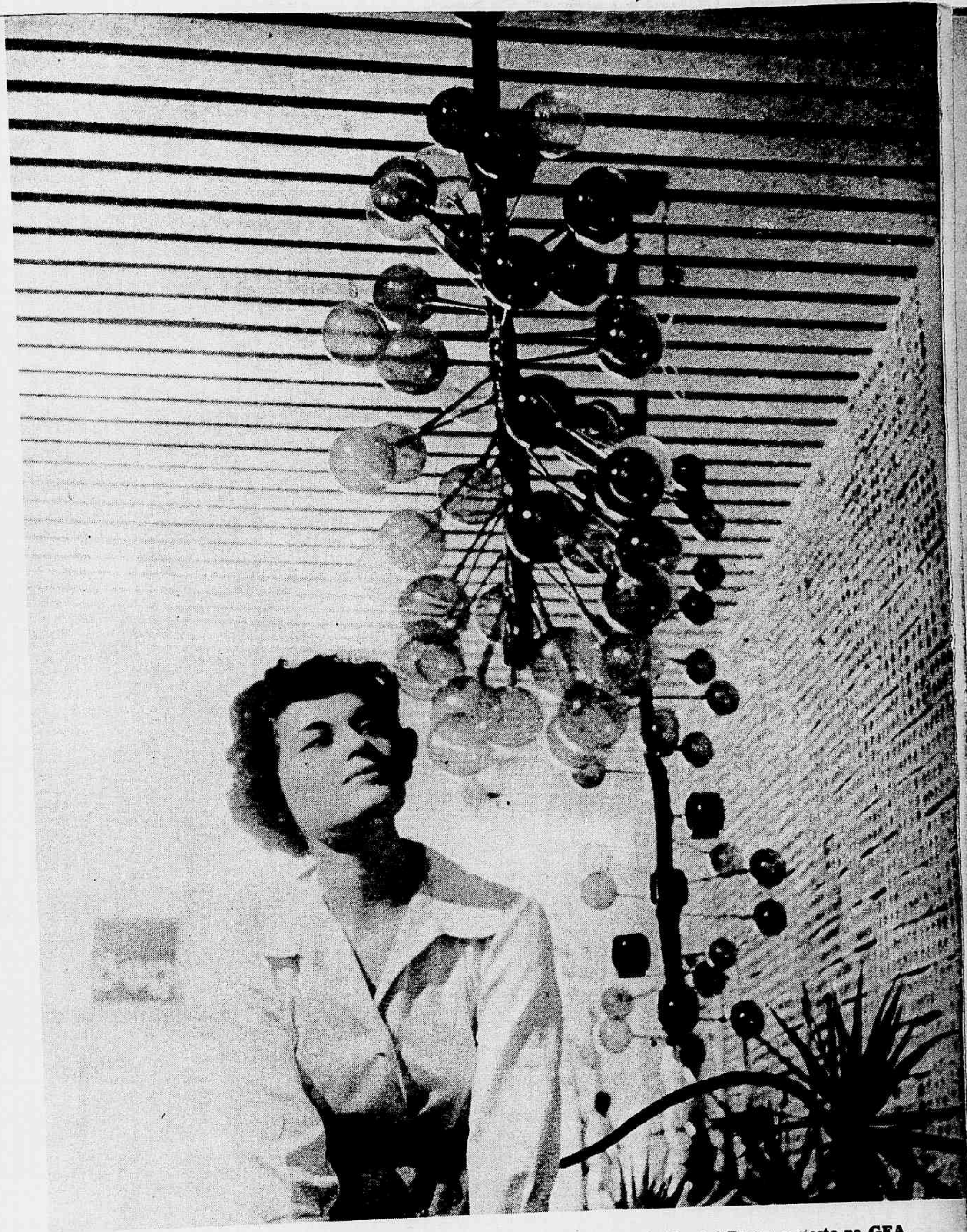
Atenção, garotada!

CARTA A

PAPAI NOEL



Avisamos aos nossos pequenos leitores que concorrem à Caixa Postal REVISTA DA SEMANA que no próximo número já estaremos fornecendo os resultados da sensacional competição. Nada menos de 4.572 cartas chegaram às nossas mãos até o momento em que fechamos a Revista. Todas elas estão sendo rigorosamente lidas, uma por uma, e as mais belas, selecionadas pela Comissão Julgadora (Lúcia Benedetti, escritora, especialista em teatro infantil; Ilka Peixoto, professora municipal; Renard Perez, escritor e redator da RS) serão contempladas com os espetaculares prêmios já anunciados. Felicidades, garotada, e até a semana que vem com os primeiros resultados!



Maria Helena, aluna do pintor Frank Schaeffer, olha um dos móveis de Rossini Perez, exposto na GEA.

ROSSINI PEREZ INVENTA ÁRVORES DE VIDRO



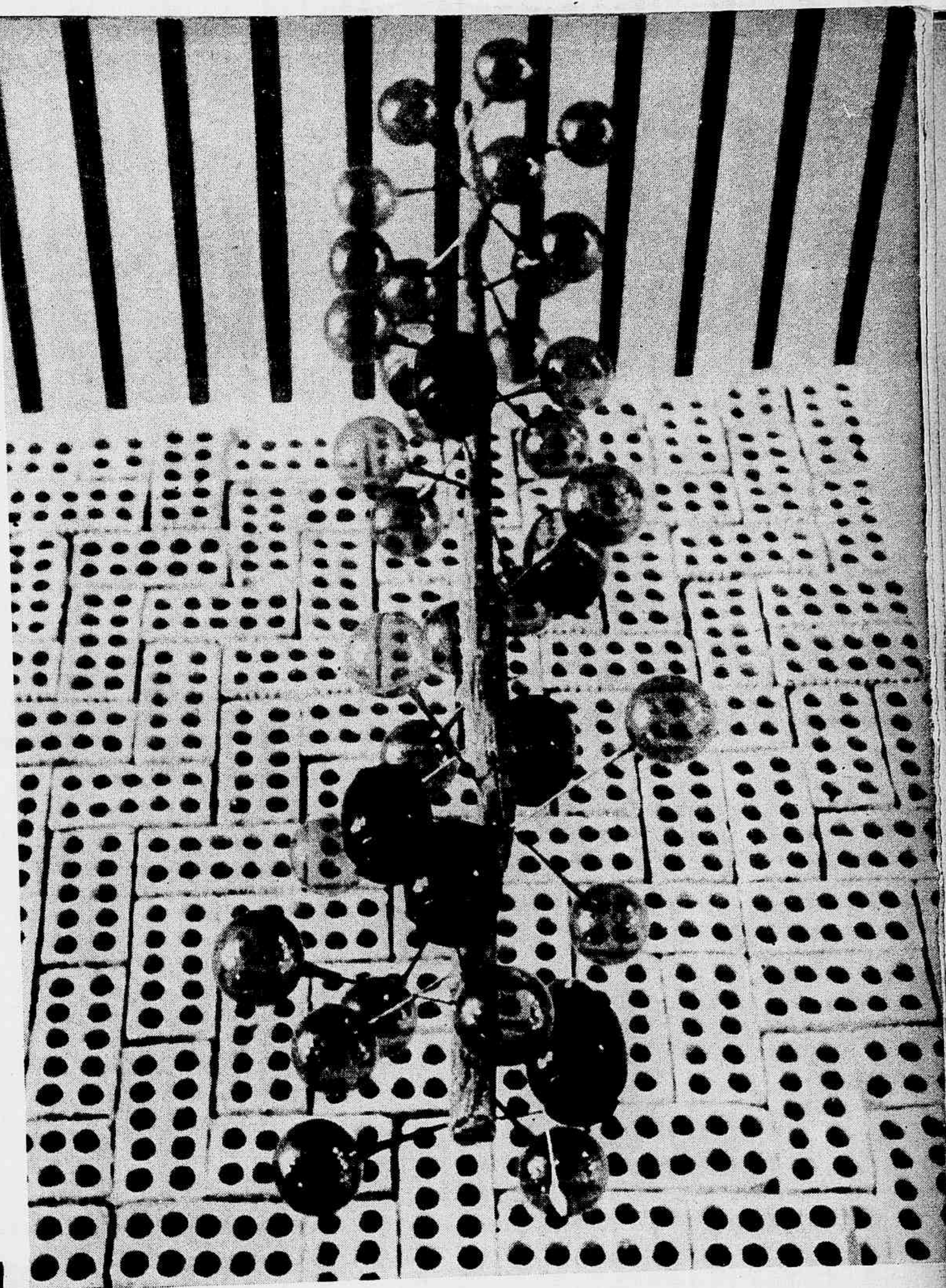
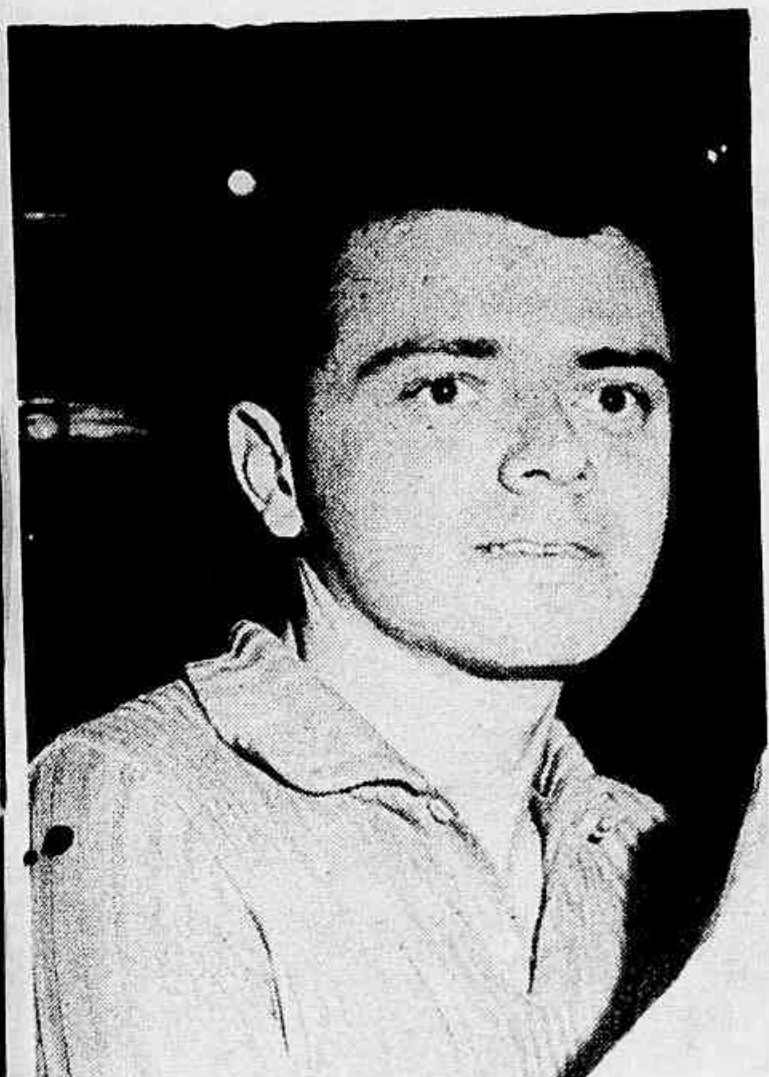
Corredor da Galeria GEA. Visto de cima, móbile formado de ampolas de vidro colorido e transparente. Em baixo, cilindros de opalina, alfinêtes de vidro colorido. Suporte: galho de goiabeira.



Móbile — feito de bolas de vidro de cor e mangas de vidro colorido com velas, para iluminar.

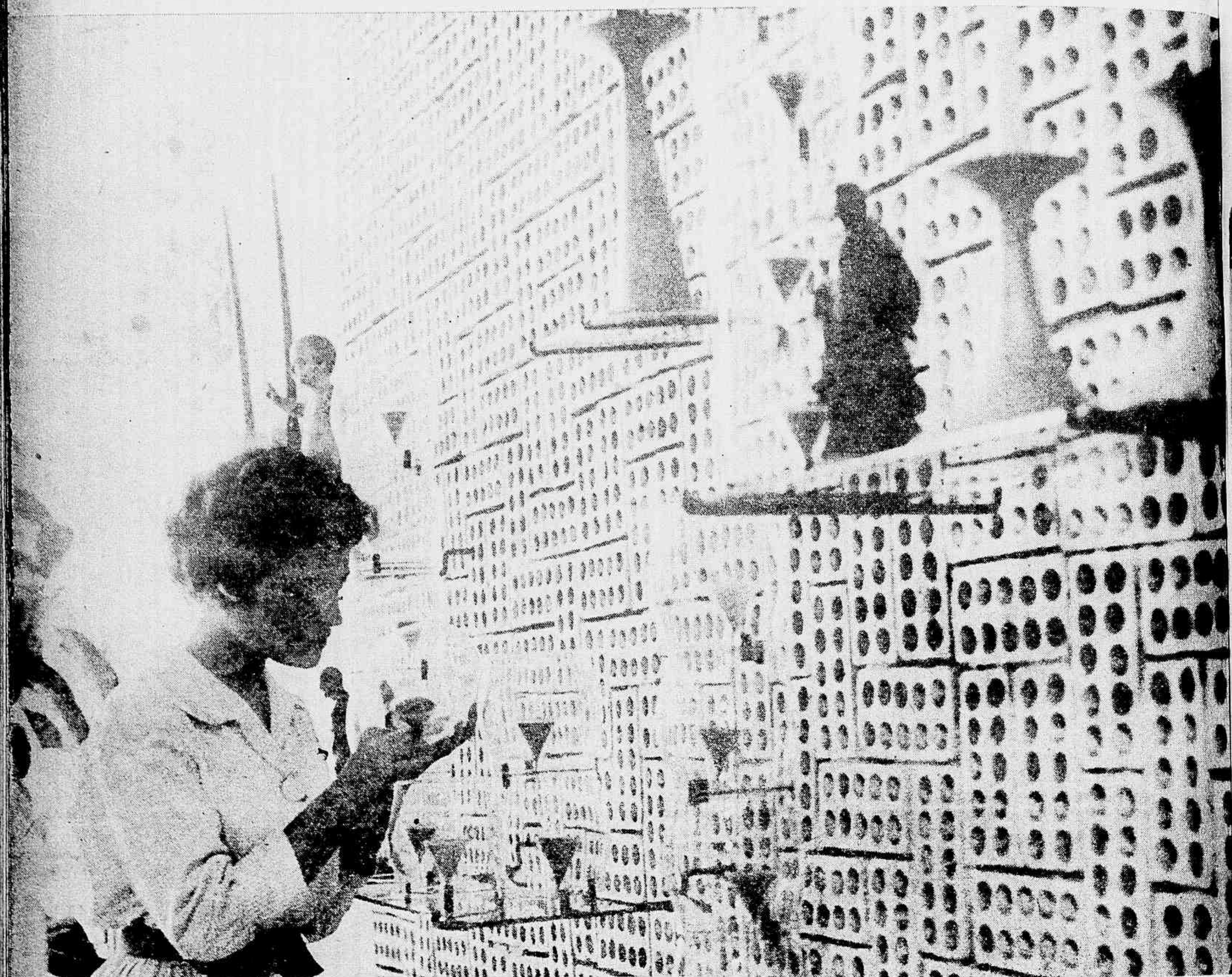
ÁRVORE DE VIDRO

O gravador Rossini Perez, autor dos ornamentos de Natal.



VOLTAM AS VITRINAS DO RIO a apresentar as suas decorações de Natal: os tradicionais pinheiros, cobertos de bolas, chumaços de algodão e fios rebrilhantes a se erguerem de montes de mercadorias — quaisquer que sejam elas — envoltas em papéis coloridos. Mas há, também, as casas que começam a substituir aquela clássica decoração por novos arranjos, procurando trazer algo de novo. É a procura, mais acentuada de ano para ano, de novos caminhos, de novas fórmulas — uma fuga ao tradicionalismo importado e que aqui vem vigorando há quase trinta anos. Há uma preocupação de novidade e vemos, nesses arranjos, coisas verdadeiramente revolucionárias. Muitas delas, porém — que devemos respeitar pelo que representam de espírito inovador, pecam não poucas vezes já não dizemos pelo excesso de exotismo, mas pelo mau gosto. Há bons trabalhos, sem

ÁRVORE DE VIDRO



Castiçais de pedra sabão. Colunas de luz desmontáveis. Helena faz a demonstração de como se armam as colunas.

dúvida, belas e arrojadas concepções. Mas a excessiva preocupação de fugir ao tradicionalismo tem gerado um falso e terrível modernismo.

Não há dúvida que, quando elas são realmente belas, vencem de muito o clássico pinheiro europeu. É o caso dos trabalhos apresentados numa casa de decoração de Copacabana — a GEA — que está expondo trabalhos de um grande artista plástico: Rossini Perez. Rossini é um gravador. Um dos melhores gravadores jovens que o Brasil possui, várias vezes premiado nas Bienais de São Paulo, em sucessivas exposições do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com exposições individuais no Rio, São Paulo, e coletivas no Canadá, Montevideu e Buenos Aires.

Mas resolveu dar a sua contribuição no terreno das ornamentações de Natal, pondo em seu trabalho o mesmo carinho que dedica às suas gravuras e a mesma faculdade criadora. O resultado obtido, não temos dúvida em dizer, foi magnífico. São os trabalhos que a presente reportagem mostra.

O primeiro trabalho de Rossini Perez para o Natal data de 1955, quando, convidado pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro fez ali uma árvore de alumínio — um móvel de 3 metros e meio de altura, composto de 2.000 triângulos coloridos.

Conservando os elementos essenciais das árvores de Natal, mas enriquecendo a sua com arrojadas aquisições, esse trabalho, exposto no Salão do Museu, foi um dos primeiros passos nesse movimento de renovação que veio trazer, entre nós, novo campo aos ornamentos de Natal.

Agora, Rossini Perez volta, apresentando algo diverso de tudo o que já fez até aqui. Tudo o que está sendo mostrado na atual exposição foi feito por ele, ou sob sua orientação, a partir dos próprios vidros, desenhados e executados especialmente para a obra. A principal inovação de Rossini, nesta sua procura de fugir ao tradicional, foi a substituição do vidro colorido espelhado pelo simples vidro colorido, mas transparente. E ficou satisfeito com o resultado — que os leitores estão tendo oportunidade de ver neste número — a partir da capa — e nas fotos da presente reportagem. Apesar do sucesso obtido, entretanto, não repetirá Rossini, nos próximos anos, o seu trabalho. O importante, para ele, é abrir o caminho, deixá-lo para os especialistas — e isso acaba de ser feito. Porque pretende dedicar o seu tempo exclusivamente à gravura. Aliás, está ele trabalhando ativamente para o próximo Salão, onde é o mais forte concorrente do Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, e também para a próxima Bienal.

10 MESES PARA PAGAR

mais dinheiro para levar

Mais dinheiro para levar para casa, para fazer melhores negócios, para desfrutar melhor suas férias! Adquirindo sua passagem pelo Credi-Lóide só precisa pagar agora 10% do valor, o resto... deixa para depois. Assim, você chega com mais dinheiro ao seu destino após uma rápida e agradável viagem nas grandes aeronaves do Lóide-Aéreo!



crediLóide

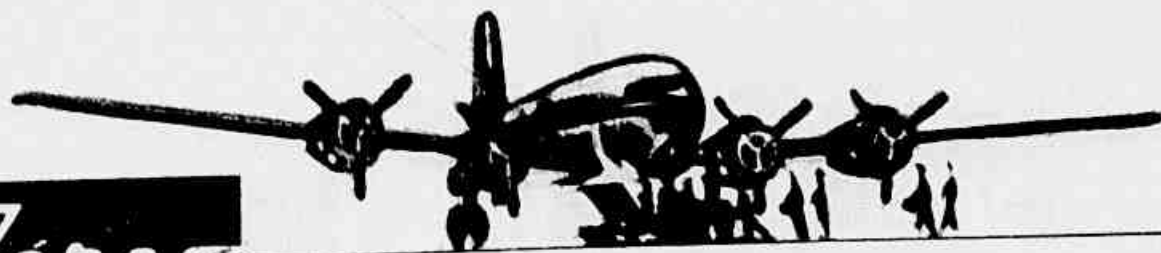
10 meses de prazo - Pelo Credi-Lóide, o preço da passagem é dividido em 10 mensalidades, sendo que a primeira é a entrada.

Nenhum acréscimo - Nem juros nem taxas. A dinheiro ou a crédito o preço da passagem do Lóide-Aéreo é sempre o mesmo: o mais barato da aviação comercial brasileira!

Abra seu crédito agora, viaje quando precisar - Visite a Agência mais próxima do Lóide Aéreo e veja como é fácil abrir seu crédito. Abra-o agora e tire sua passagem para sua próxima viagem. No eventual caso de aumento de tarifas, você não pagará mais porque sua passagem é válida por um ano.



Lóide Aéreo





É MAIS FÁCIL PARA VOCÊ...

ter boas notas

- freqüentando
assiduamente as aulas com a sua

Gullivette

Fale com seu pai a respeito da Gullivette. Mostre-lhe como é fácil e seguro dirigir este elegante veículo. E o que representa em assiduidade e progresso nos estudos, ir às aulas sem depender do transporte coletivo! Com Gullivette V. economiza por mês em tempo e condução muito mais do que a importância paga pela sua prestação!

COM *Gullivette* TUDO É MAIS FÁCIL

A venda nas casas do ramo com
grandes facilidades de pagamento.

Um produto fabricado e garantido pelas
INDÚSTRIAS DE BICICLETAS E MOTOCICLETAS GULLIVER S.A.

Fábrica: R. Carlos Seidl, 345 - Cx. Postal 908 - Rio
Filial: Av. Rio Branco, 436/440 - São Paulo



- o tanque da Gullivette tem capacidade para 5 litros o que dá para 400 km sem reabastecimento.
- Gullivette é a única que tem velocímetro indicando quando deve ser feita a lubrificação.
- Dispensa carteira de habilitação.
- Gullivette tem mais as seguintes características: **selim flutuante anatômico** - suspensão dianteira - freio nas duas rodas - transmissão dupla: **motora e pedaleira.**

Grande estoque de
peças e perfeita assistência técnica.

ESCREVA-NOS E TORNE-SE UM DE NOSSOS REVENDEDORES AUTORIZADOS EM SUA CIDADE.

DATA INCORRETA : as páginas subsequentes pertencem
ao mês de dezembro de 1958.